SIMPLE MINDS! TITÃS! COCTEAU TWINS!

EDITORA ABRIL
Nº 13
Agosto 1986
Cz$ 20,00

BIZ

BILLY IDOL DÁ AS CARAS

LEGIÃO URBANA A NOVA FASE

POSTER PRINCE

+ RPM • DJAVAN • JORGE BEN
B.B. KING • JULIAN LENNON

Altamira, Boa Vista, Macapá, Miagaia, Rio Branco, Santarém (vias aérea) Cz$ 26,00 - 5581

LEGIÃO URBANA

"DOIS"

EMI

EM DISCOS E FITAS

Rock & Quadrinhos Scans

Scans & Restauração:Flávio

BIZZ

Foto LFI

Elizabeth Fraser, a voz do Cocteau Twins

Experimente mencionar o nome **Billy Idol** perto de um punk. Eles não só odeiam o rapaz como o consideram traidor do movimento, embalando sua ideologia em uma açucarada versão garoto-propaganda: bonitinho mas inofensivo. Pois no entrevistão deste mês, o próprio "Ídolo" responde e bem a essas e outras acusações, aproveitando para dar umas palavrinhas sobre o seu novo LP que, dizem, está *muito bom mesmo,* mantendo o apelo pop dos hits "Dancing with Myself" e "Eyes Without a Face", sem deixar cair a peteca.

O mês passado, você leu uma bela matéria do **Zé Emilio Rondeau** sobre A Dinastia Lennon. Não contente com isso, nosso editor carioca conversou por telefone com o filho do pai da matéria, **Julian Lennon,** sobre os prós e contras de sua certidão de nascimento. E o grupo independente escocês **Cocteau Twins,** uma ilha de delicadeza e filigranas no pop mundial, tem sua carreira acompanhada por **Cristiano Madureira,** seu maior fã no Hemisfério Sul.

No front nacional, é a vez dos **Titãs** e da **Legião Urbana.** Os primeiros fizeram de seu terceiro LP, *Cabeça Dinossauro,* uma metralhadora giratória com altos teores de pauleira, entrevista em "Massacre", do disco anterior. Lá se foi a repórter **Sônia Maia** saber os porquês. Já a Legião tomou o rumo oposto, adotando em seu segundo LP, uma linha menos política, mais romântica. Quem conversou com eles foi o **Tom Leão,** durante as filmagens do clip para "Tempo Perdido". E, para provar que nem só de rock vive o pop brasileiro, entrevistamos **Djavan** e **Jorge Ben,** conhecidos pelo globo afora como expoentes de um suíngue tropical só deles.

Para finalizar, recomendo especialmente a seção *Ao Vivo* deste mês, estrelada por um time de altíssimo quilate. Estão lá, flagrados sobre o palco, **PIL, Cramps, Durutti Column, Waterboys, B.B. King** (em sua recente visita ao Brasil) e **Caetano Veloso.** O grande mestre do blues aparece também entrevistado por **Thomas Pappon** em *Meu Instrumento.*

Aaah! E na *Discoteca Básica,* **Ana Maria Bahiana** disseca *Blonde on Blonde,* o crucial duplo de Bob Dylan.

José Augusto Lemos

ESTE MÊS

22 LEGIÃO URBANA
Renato Russo e cia. comentam o novo disco >*Tom Leão*
26 JULIAN LENNON
Uma conversa pelo telefone >*José Emilio Rondeau*
28 TITÃS
Metamorfose peso-pesado >*Sônia Maia*
32 COCTEAU TWINS
A trajetória do trio, com discografia >*Cristiano Madureira*
44 DJAVAN
Sucesso mundial, em nova fase >*Alita Sá Rego*
45 JORGE BEN
Pioneiro do batuque eletrificado >*José Augusto Lemos*
46 ESTILO ROCK
A segunda parte da passarela roqueira

TODO MÊS

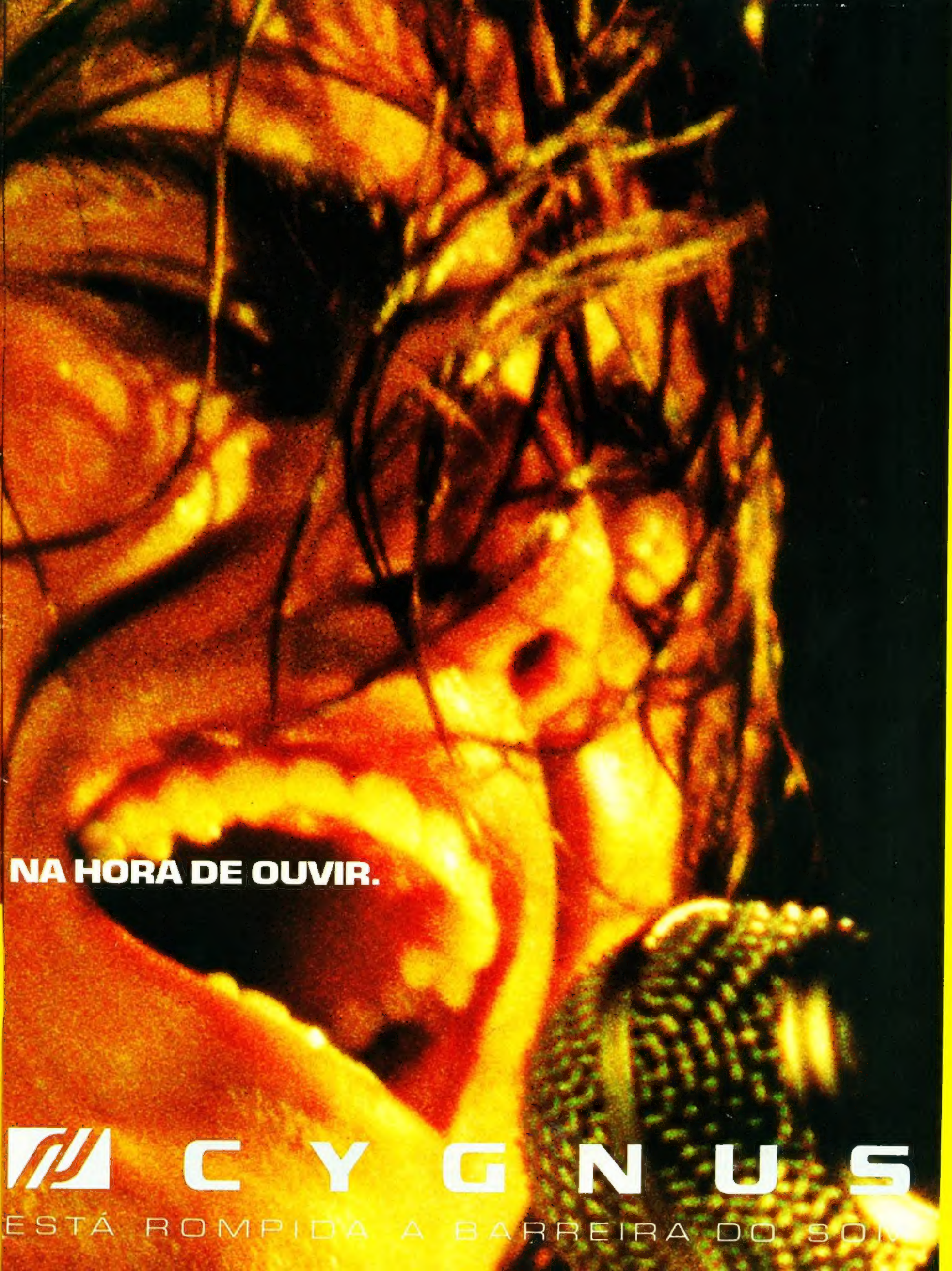
6 SHOWBIZZ
Notas, notícias e boatos
10 PARADAS
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
14 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno
20 VÍDEO BIZZ
Uma garimpada no acervo dos videoclubes
35 ENTREVISTA
Billy Idol, o garoto da capa
43 HEAVY METAL
Um noticiário especial para o mundo da pauleira
50 AO VIVO
Waterboys, Durutti Column, Cramps, PIL, B.B. King e *Caetano*
54 VISUAL CINEMA
A Cor Púrpura de Steven Spielberg
58 VISUAL CLIP
"All the Things She Said", dos *Simple Minds*
60 PORÃO
Colourbox, Butthole Surfers, Gueto e *Patife Band*
62 LETRAS
"London, London" de *Caetano Veloso*
66 MEU INSTRUMENTO
B.B. King
68 AIR MAIL
Pepe Escobar passeia pelo globo terrestre
70 CARTAS E SERVIÇOS
72 DISCOTECA BÁSICA
As obras-primas. *Blonde on Blonde*, de *Bob Dylan*
74 CLAUDETTE POODLE E SUA POLAROID
Cuidado! Ela pode estar ao seu lado

Foto de capa Guido Harari/Stills - Claudia Dantas - Robert Matheu/Retna Pictures Ltd.

TERRA

NÃO JOGUE ESTE TALENTO FOR

Antes da música chegar até você, ela passa por muitos caminhos : desde a criação, a produção, a gravação. E o ponto mais crítico, é a reprodução. É nessa hora que a Cygnus entra com a sua tecnologia, rompendo essa barreira do som, e levando até sua casa o som profissional de verdade. É uma tecnologia à frente do tempo e dos limites do som comum, aplicada em powers, amplificadores, mixers, caixas acústicas, etc. Cygnus: tudo o que você precisa para ouvir, em close, todas as nuances do som.


NA HORA DE OUVIR.
CYGNUS
ESTÁ ROMPIDA A BARREIRA DO SO

SHOW BIZZ

TURNÊ DA ANISTIA

Foto L. Goldsmith/ LGI/ Stills

Foto LGI/ Stills

O show da Anistia em New Jersey: com uma arrasadora performance de Bono com o U2

Foi um sucesso a turnê *all stars* que percorreu os Estados Unidos, entre junho e julho, para arrecadar fundos para a Anistia Internacional. Um sucesso não só financeiro — 55 mil pessoas só em East Rutherford, New Jersey — como na qualidade musical.

Com um pot-pourri de "Maggie's Farm" (Dylan), "Help" e "Cold Turkey" (Lennon), O U2 foi simplesmente arrepiante. Pela primeira vez em anos, o Police tocou junto, e Bob Geldof — recém-condecorado Cavaleiro do Império Britânico — apresentou-se com o Eurythmic Dave Stewart. Acha pouco? Pois o megashow incluiu também participações dinamitadoras de Lou Reed, Peter Gabriel, Bob Dylan com Tom Petty e seus Heartbreakers, Joni Mitchell, Miles Davis, Jackson Browne, entre outros.

QUANDO OS DEUSES SE ENCONTRAM

Essa foi demais! Não menos que 70 mil privilegiados assistiram à canja de **Keith Richards** no show de **Chuck Berry** no Festival de Blues de Chicago, no dia 8 de junho. Os dois estraçalharam juntos a clássica "Johnny B. Goode".

A CAVEIRA E A CURA

Foto Paul Cox/ LFI

A turminha do Dr. Smith, sem a caveira

Em um recente show do Cure na Alemanha, **Robert Smith** e **Simon Gallup** foram presenteados, por duas fãs locais, com uma genuína caveira humana. Talvez já com excesso de peso na bagagem, os rapazes deixaram o *souvenir* no camarim e se mandaram.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Foto Geraldo Luis Gomes

Cazuza prepara seu segundo LP solo

Os estúdios estão completamente vazios este mês. A CBS entrou com **Roberto Carlos, Simone** e **João Bosco.** A Continental colocou em estúdio **Eclis Damaceno,** vencedor de um concurso carioca de música jovem. A Som Livre está apenas com **Cazuza** e a RCA com **Roupa Nova, A Cor do Som** e **Beth Carvalho.**

Do lado independente, a Rocker colocou **Corte Marcial** e **Grinders** em estúdio para um LP de cada.

A VOLTA DE JOÃO RICARDO

"O sucesso e o fracasso se confundem." A declaração é de João Ricardo, principal compositor dos Secos & Molhados, que — após anos e anos de afastamento do circuito — retornou fim de junho com um show no Teatro João Caetano.

"Os Secos & Molhados são vanguarda ainda hoje", disse justificando a inclusão de músicas do grupo no show. Segundo ele, o motivo de seu sumiço teria sido por "problemas de saúde" de sua filha.

ÓPERA INDÍGENA

Estreou esta semana, em Curitiba, a ópera popular *A Lenda da Noite*, de Willy Verdaguer e David Kulloch. Interpretada pelo grupo **Raíces de América,** ela reúne lendas dos índios amazonenses e deve ser encenada também no Rio de Janeiro e em Brasília. A versão em disco será gravada na Holanda, onde o Raíces fez uma excursão de grande sucesso.

DEAD KENNEDYS NA MIRA DA JUSTIÇA

A onda de moralismo contra o rock, nos Estados Unidos, continua a todo vapor. As vítimas desta vez são os **Dead Kennedys** e seu selo, **Alternative Tentacles,** que correm o risco de pegar até um ano de cadeia.

Tudo começou com a entrada na Justiça de uma irada mãe californiana, depois de ter surpreendido a filha com o poster encartado em *Frakenchrist*, o último LP da banda. Trata-se de uma obra de **H.R. Giger** (que ficou famoso pelo cenário do filme *Alien*) chamada "Penis Landscape" (Paisagem de Pênis). Por essa, os Kennedys mortos seriam enquadrados na lei que proíbe vender pornografia a menores de idade.

ROQUEIROS NA CONSTITUINTE

Os roqueiros de Brasília, respirando a atmosfera que circunda o poder, querem deixar de ser meros espectadores e passar a influir nas questões que dizem respeito ao artista brasileiro.

Músicos e produtores, juntos, estão armando um encontro, ainda este mês, para preparar um congresso nacional em outubro. Condições de trabalho, previdência e saúde são pontos básicos. À frente da agitação estão **Marielle,** do **Arte no Escuro,** e **Luiz Fernando Artigas,** produtor do **Capital Inicial.** Vamos ver se não fica apenas nos primeiros acordes.

INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

Boas novas no setor independente! Vem aí um novo selo, chamado Manifesto, com estúdio próprio de 16 canais, comandado por dois dos membros fundadores dos Voluntários da Pátria, Miguel Barella e Roberto Jackson. A proposta é de um intenso intercâmbio com o exterior, o que implica, segundo Miguel, gravar apenas grupos de identidade própria: "Nada de *clones,* que o original eles já têm". Para a primeira fornada, os possíveis escalados são Voluntários da Pátria, Violeta de Outono, Cão Andaluz e Chance.

TCHAUZINHO AO WHAM!

Fotos Eugene Adebari/ LFI

Flagras do show de despedida do Wham! em Londres: ao canto, a dupla; abaixo, o povo

Mais de 75 mil pessoas lotaram o estádio londrino de Wembley para a cerimônia de adeus ao **Wham!,** no dia 27 de junho.

Mas o tchauzinho não ficou aí. Saiu também o derradeiro vinil da dupla, o compacto duplo *The Edge of Heaven,* com participação de **Elton John** (retribuindo os backing vocals de **George Michael** em "Wrap Her Up" e "Nikita").

A TRISTE HISTÓRIA DE BOY GEORGE

Foto Gamma/ Sigla

Boy George, com a imprensa marrom atrás

Os dois jornais mais sensacionalistas do reino de Elizabeth II, *The Sun* e *Daily Mirror,* trouxeram — no início de julho — declarações do irmão de **Boy George,** segundo as quais o cantor do Culture Club teria perdido 25 quilos devido ao consumo diário de gramas e gramas de heroína.

Os jornais aproveitaram para fofocar que isso viria da dor-de-cotovelo sofrida por Boy George após ter sido abandonado pelo baterista do grupo, **Jon Moss.** Na mesma semana, a polícia deu buscas na casa do cantor, mas foi seu famoso amigo e braço-direito, **Marylin,** o acusado de posse da heroína em questão.

Enquanto isso, Boy George conseguiu escapar da imprensa e se internou com a especialista **Meg Patterson,** a mesma que curou **Eric Clapton** e **Peter Townshend.**

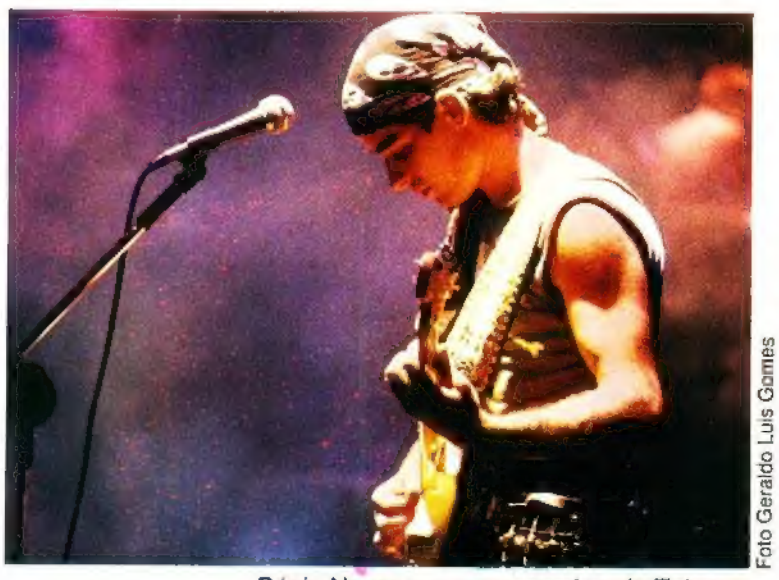


Foto Geraldo Luis Gomes

Décio Novaes, o novo membro do Tokyo

TROCA NO TOKYO

O guitarrista **Bidi,** do grupo **Tokyo,** deixou a banda e foi substituído por **Décio Novaes.** O motivo foi "crise existencial", segundo informou seu empresário Rui. Com apenas dezenove anos, Bidi está incerto se era realmente isso que ele queria da vida: correr palcos, viver o sucesso.

Cansado, ele embarcou para a Europa por uns seis meses para repensar sua vida e seus projetos. Mas afirma que continuará envolvido com a banda, no que se refere a compor e acompanhar os trabalhos. Entretanto, nada de shows. "É muito cansativo", disse ainda Rui.

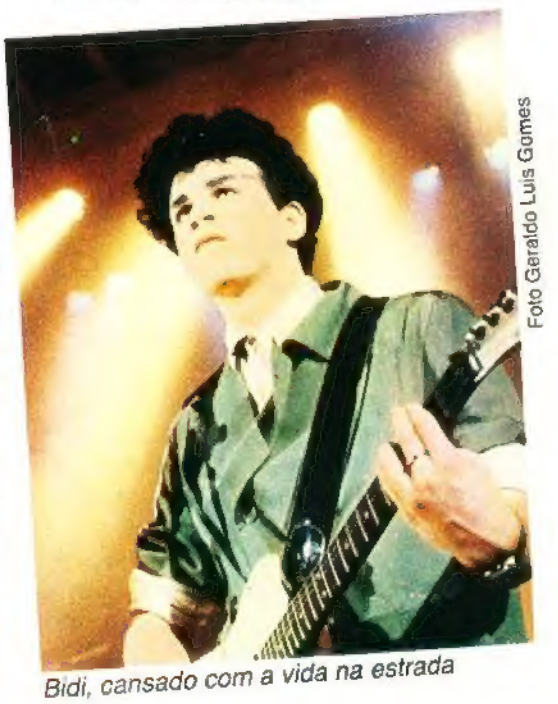


Foto Geraldo Luis Gomes

Bidi, cansado com a vida na estrada

SHOW BIZZ

O LEPPARD ACORDOU

Foto LFI

Afastado desde o começo do ano passado, o Def Leppard retorna à toda

No ano passado o baterista do **Def Leppard, Rick Allen**, sofreu um acidente automobilístico e perdeu o braço esquerdo. O grupo entrou em hibernação forçada e só agora saiu da sombra. Em agosto o Leppard faz dois shows na Inglaterra antes de seguir excursionando pela Europa. Allen continua no grupo, mas nos shows é "complementado" por um segundo baterista, **Jeff Rich.**

O SEGREDO DE JESUS E MARIA

Foto Marino/ LFI

Jesus & Mary Chain: cadê os pedais?

Jesus and Mary Chain revelaram finalmente o segredo de seu zumbido: pedais de fuzz Shinnel, genuinamente japoneses. Fora de linha, fora do mercado. Eles têm os últimos cinco.

PACOTÃO REGGAE

Não será surpresa para BIZZ se daqui a pouco o Brasil começar a ser invadido por uma verdadeira enxurrada reggae. É que estão em andamento negociações para uma representação brasileira de dois dos principais selos de reggae — Fashion e Green Sleeves. Nesta leva entrariam artistas como Yellowman, Eek-a-mouse, Smiley Culture e Pato Banton. Caso vingue a proposta, até setembro deverão ser promovidas verdadeiras *blitzkriegs* de divulgação, com shows de reggae com direito a disc-jóquels, *toasters* e tudo mais. Os Paralamas do Sucesso seriam, por assim dizer, os mestres-de-cerimônia.

DESCANSEM EM PAZ

Duas mortes abalaram o meio musical no mês de junho. A primeira ocorreu dia 7, no Rio de Janeiro, levando o compositor, escritor e jornalista **Alberto de Castro Simões da Silva,** conhecido como **Bororó.** Eram de sua autoria grandes clássicos da era de ouro da MPB como "Da Cor do Pecado" (de 39, gravada por Sílvio Caldas e Nelson Gonçalves) e "Curare" (de 40, gravada por Orlando Silva). Ele tinha 89 anos.

Já no dia 13, em seu apartamento de Nova York, faleceu — aos 77 anos — o clarinetista e band-leader **Benny Goodman.** À frente de sua orquestra, ele foi coroado "rei do Swing", verdadeira mania dançante nos anos 30 e 40.

KATE E O "CAMPÃO"

Foto Clouds Studios/ LFI

Foto US/ Pete/ LFI

Kate Bush e o Big Country: colaboração no novo LP do grupo escocês

O privilegiado gogó de Kate Bush faz uma aparição especial na faixa-título do novo álbum do Big Country (carinhosamente apelidado no Brasil de O Campão): "The Seer".

NOSSO UNDERGROUND LÁ FORA

Foto Geraldo Luis Gomes

Thomas (Smack): destaque na Spin

Todo mês, a revista norte-americana *Spin* abre duas páginas para sua colunista **Andrea 'Enthal** dar uma geral no *Underground* (esse, o nome da coluna). Pois, na edição de julho, o destaque foi para parte do elenco do selo independente paulistano, **Baratos Afins** — mais especificamente *Ao Vivo no Mosh* do **Smack** e a compilação *Não São Paulo*.

Apesar de um errinho perdoável — intuir que Mosh seja um clube e não um estúdio —, o texto abre assim: "Uma vibrante e vigorosa fatia de vinil do raramente exposto underground brasileiro. Funky, às vezes sincopado e explodindo em energia lúdica, o som do Smack é duro e seco, com núcleos angulares de guitarra e golpes percussivos de baixo..."

"O Smack não é uma banda isolada. Há tanto rock underground em São Paulo como em qualquer cidade parecida da Inglaterra ou dos EUA. O **Chance** leva um dos idiomas musicais nativos do Brasil, o samba, em novas e delicadas direções em 'Samba do Morro'... Misterioso, com um elemento de percussão sintética faiscante de tirar a respiração que varre o estéreo como um cometa, 'Samba do Morro' é estonteantemente límpido e doce mas nunca meloso."

"O **Muzak**... em 'Ilha Urbana' força seu caminho através de guitarras e teclados (opa! outro errinho: não há teclados no Muzak) como campainhas delicadamente distorcidas e uma batida massacrante e insistente que acelera cada vez mais..."

"**Akira S & as Garotas que Erraram** é uma banda funk nas linhas do Talking Heads do começo dos 80... 'Swing Basses Series I' tem uma batida forte e animada, cheia de ecos e fios de corte..."

A importadora do catálogo da Baratos nos EUA é a loja californiana Texas Records.

MILTON ON TOUR

Pois é. Conforme já previamos nesta mesma seção (BIZZ 12), foi o maior sucesso a turnê de **Milton Nascimento** pelos EUA. No dia 13 de junho, em Los Angeles — o terceiro show da excursão —, ele foi aplaudido de pé, durante cinco minutos, pela platéia de 3 500 pessoas (entre os presentes, **Herbie Hancock, Chick Corea, Bob McFerrin** e **Barbra Streisand**). No final do show, subiu ao palco **Wayne Shorter** para reeditar alguns dos melhores momentos da temporada conjunta dos dois (BIZZ 12).

Em Nova York e Austin foi a vez de outro velho amigo dar sua canja — **Pat Metheny**, que recebeu em urros a aprovação da platéia. A apresentação na megalópole — como parte da programação do JVC Jazz Festival — foi também alardeada com um desfile de adjetivos e superlativos dos críticos musicais dos maiores jornais da *Big Apple*.

Aaah!... e por falar em **Wayne Shorter**, realmente foi oficializado o fim do **Weather Report**, liderado por ele e **Joe Zawinul**.

WONDER TAMBÉM

Foto Leroy/ Sipa Press

O Grande Stevie cai na estrada

Começou dia 17 de junho, em Seattle, nos Estados Unidos, a primeira turnê de **Stevie Wonder** em mais de cinco anos. Normalmente recluso, Wonder só se apresentará em locais que abriguem acima de 12 mil pessoas. Já está, inclusive, planejada uma parada em Vancouver, no Canadá, onde Stevie tocará para quase 18 mil pagantes.

MICK TAYLOR VIVO! E AO VIVO

Foto Abril

Mick, ainda com Charlie Watts e cia.

O único Rolling Stone a deixar a banda e viver para contar a história — o guitarrista Mick Taylor — começou, mês passado, uma turnê pelos Estados Unidos. É a primeira vez que Taylor se apresenta na América.

NOVO, MAS SEMPRE LIVRE

Foto cortesia RCA

O Sempre Livre pós-Dulce Quental

Totalmente reformulado, esta de volta o grupo **Sempre Livre,** de onde saiu **Dulce Quental** para uma carreira solo. Agora liderado pela vocalista **Tônia,** o grupo gravou um maxi-single de quatro faixas. O carro-chefe é "Miragem".

ieaneration
apresenta

PARADA BIZZ

CONVENÇÕES

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE NA PARADA BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1	(2) *Whitney Houston* — **Whitney Houston** (Arista)
2	(1) *5150* — **Van Halen** (Warner Bros.)
3	(N) *Winner in You* — **Patti LaBelle** (MCA)
4	(5) *Like a Rock* — **Bob Seger & The Silver Bullet Band** (Capitol)
5	(8) *Control* — **Janet Jackson** (A&M)
6	(7) *Raised on Radio* — **Journey** (Columbia)
7	(3) *Parade* — **Prince & The Revolution** (Paisley Park/WEA)
8	(N) *Please* — **Pet Shop Boys** (EMI)
9	(N) *Love Zone* — **Billy Ocean** (Arista)
10	(4) *Pretty in Pink* — **Trilha sonora do filme** (A&M)

LPs (GB)

1	(N) *So* — **Peter Gabriel** (Virgin)
2	(N) *Picture Book* — **Simply Red** (Elektra)
3	(1) *Street Life* — **Brian Ferry & Roxy Music** (EG)
4	(2) *Brothers in Arms* — **Dire Straits** (Vertigo)
5	(N) *Standing on a Beach* — **The Cure** (Fiction)
6	(N) *A Kind of Magic* — **Queen** (EMI)
7	(N) *Invisible Touch* — **Genesis** (Charisma)
8	(5) *Love Zone* — **Billy Ocean** (Jive)
9	(N) *World Machine* — **Level 42** (Polydor)
10	(N) *Bangs and Crashes* — **Go West** (Chrysalis)

LPs Independentes (GB)

1	(8) *Manic Pop Thrill* — **That Petrol Emotion** (Demon)
2	(N) *Evol* — **Sonic Youth** (Blast First)
3	(1) *Victorialand* — **Cocteau Twins** (4AD)
4	(2) *Back in the DHSS* — **Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
5	(N) *Only Stupid Bastards Help EMI* — **Conflict** (Red Rhino)
6	(7) *World by Storm* — **The Three Johns** (Abstract)
7	(4) *A Date With Elvis* — **The Cramps** (Big Beat)
8	(N) *The Queen Is Dead* — **The Smiths** (Rough Trade)
9	(3) *The Unacceptable Face of Freedom* — **Test Dept** (MOP)
10	(N) *Teenagers from Outer Space* — **The Meteors** (Big Beat)

Compactos (EUA)

1	(8) "On My Own" — **Patti LaBelle/Michael McDonald** (MCA)
2	(5) "Live to Tell" — **Madonna** (Warner Bros.)
3	(N) "There'll Be Sad Songs" — **Billy Ocean** (Arista)
4	(N) "I Can't Wait" — **Nu Shooz** (Atlantic)
5	(N) "Crush on You" — **The Jets** (MCA)
6	(1) "Greatest Love of All" — **Whitney Houston** (Arista)
7	(N) "No One Is to Blame" — **Howard Jones** (Elektra)
8	(N) "A Different Corner" — **George Michael** (Columbia)
9	(N) "Holding Back the Years" — **Simply Red** (Elektra)
10	(N) "Something About You" — **Level 42** (Polygram)

Compactos (GB)

1	(10) "Spirit in the Sky" — **Dr. and the Medics** (IRS/MCA)
2	(N) "Holding Back the Years" — **Simply Red** (WEA)
3	(8) "Sledgehammer" — **Peter Gabriel** (Virgin)
4	(N) "I Can't Wait" — **Nu Shooz** (Atlantic)
5	(N) "Addicted to Love" — **Robert Palmer** (Island)
6	(N) "Edge of Heaven" — **Wham!** (Epic)
7	(N) "Everybody Wants to Rule the World" — **Tears for Fears** (Mercury)
8	(3) "On My Own" — **Patti LaBelle/Michael McDonald** (MCA)
9	(1) "Lessons in Love" — **Level 42** (Polydor)
10	(4) "The Chicken Song" — **Spitting Image** (Virgin)

Compactos Independentes (GB)

1	(9) "Serpent's Kiss" — **The Mission** (Chapter 22)
2	(N) "Bigmouth Strikes Again" — **The Smiths** (Rough Trade)
3	(1) "Fuzzbox EP" — **We've Got a Fuzzbox** (Vindaloo)
4	(N) "The Official Colourbox World Cup Theme" — **Colourbox** (4AD)
5	(N) "Almost Prayed" — **The Weather Prophets** (Creation)
6	(N) "Baby I Love You So" — **Clourbox** (4AD)
7	(3) "Trumpton Riots" — **Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
8	(N) "Whole Wide World" — **The Soup Dragons** (Subway)
9	(8) "Good Thing" — **The Woodentops** (Rough Trade)
10	(4) "What's Inside a Girl?" — **The Cramps** (Big Beat)

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA); New Musical Express e Melody Maker, publicadas entre 07/06/86 e 28/06/86

ieaneration veste a gente do jeito que a gente é.

LONDON FOG® FOOTWEAR

AV. BRIGADEIRO FARIA LIMA, 1541
CAL CENTER LOJA 103 TEL.: 813-0642
FILIAIS
MORUMBI SHOPP. LJ. 2A - PISO LAZER
TEL.: 61-4550
RUA PADRE JOÃO MANOEL, 712 - JARDINS
TEL.: 881-8858
IBIRAPUERA: AVENIDA MOACI, 137
TEL.: 531-0474

NÃO DÊ OUVIDOS AOS SEUS OLHOS.

Em matéria de equipamento de som, mais importante do que aquilo que você vê é aquilo que você ouve.
Vá a qualquer loja especializada e peça para escutar a linha Nashville. E compare com qualquer outra marca de prestígio: Esotech-Gradiente, Akai, Cygnus, Technics .
Tendo uma unica demonstração ao vivo da linha Nashville, você vai entender porque os nossos aparelhos custam um pouco mais caro do que os outros

Linha **NASHVILLE**

- Amplificadores • Equalizadores • Mixers • Processadores
- Câmara de Eco • Tuner • Caixas Acústicas • 24 Modelos diferentes

LANÇAMENTOS

OS MUTANTES/OS MUTANTES/A DIVINA COMÉDIA OU ANDO MEIO DESLIGADO/JARDIM ELÉTRICO — Os Mutantes (Polygram/Baratos Afins)

Aí está o relançamento dos primeiros quatro LPs do grupo de rock mais importante que o Brasil já teve: Os Mutantes, os roqueiros mais subversivos que já apareceram na TV e os mais autênticos e corrosivos gozadores que a Tropicália teve. E se considerarmos que o rock chegou ao país com Celly Campelo, podemos dizer que os Mutantes foram os pioneiros do rock nacional enquanto aniquilador de padrões e formas; eles foram ao mesmo tempo os nossos Beatles, nossos Stones e o nosso Velvet Underground, e na verdade exploraram áreas muito maiores do que esses grupos.

O primeiro *Os Mutantes* saiu em 68, abrindo caminhos em selvas virgens: rock, samba, orquestra, kalimbas etc. (maiores detalhes na *Discoteca Básica* da BIZZ 10), e a preciosíssima colaboração de Rogério Duprat.

Os Mutantes de 69 é tão bom quanto o primeiro, com investidas na música caipira ("2001"), na jovem guarda ("Banho de Lua") e nos jingles comerciais ("Algo Mais"). O texto de Nelson Motta na contracapa continua atualíssimo.

A Divina Comédia..., de 70, tem seresta ("Chão de Estrelas"), temas sacros ("Haleluia"), blues ("Meu Refrigerador Não Funciona") e coisas afins. Nas letras, continuam à solta as idéias irônicas da juventude maluca que só queria se divertir fazendo provocações. *Jardim Elétrico* novamente apresenta arranjos e idéias totalmente diferentes a cada música. Os vocais de Serginho e Arnaldo aparecem mais do que nos LPs anteriores, assim como suas performances instrumentais. *A.B.J.*

HIGH LIFE(WEA)

Apesar do pouco ufanismo do título em inglês, este é um ótimo disco de MIB (música instrumental brasileira). Nico Assumpção (baixo), Ricardo Silveira (guitarra), Luís Avellar (teclados), Carlos Bala (bateria) e Steve Slagle (sax) provam que a pecha de "músicos de estúdio" não os impediu de realizar um dos bons lançamentos de jazz deste ano.

É um disco moderno, redondo e muito bem produzido. Seja na salsa da faixa-título, seja na lírica "Beira do Mar", todos estes músicos conseguem pintar paisagens amplas e harmoniosas. Destaque para a evolução de Ricardo, que está se tornando um bom "bebopper". *Alexandre Dines*

MACALLA — Clannad (RCA)

Alô, fãs do Steeleye Span e do Renaissance! Pintou aí mais um new-old com charme de moderno.

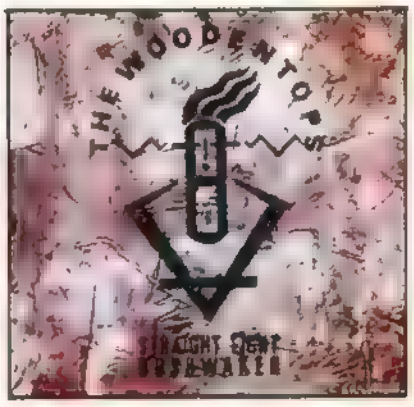
Clannad é um grupo irlandês que reúne duas famílias: os irmãos Brennan e seus tios, os Duggan. Foram colegas de escola do pessoal do U2, e Bono foi um dos incentivadores do grupo (ele canta numa das faixas do LP). O destaque é o vocal principal de Maire Brennan, uma voz afinada de raro timbre. A música deles é inspirada em temas folclóricos irlandeses. As composições, no entanto (com exceção da faixa de abertura), são banais e sem graça. Os temas são todos românticos e saudosistas, o que não seria um problema não fosse a banalidade ainda maior dos arranjos, no melhor estilo brega/progressivo, onde todas as melodias e divisões rítmicas são previsíveis. O vocal, do qual quase todos os integrantes participam, é o forte do disco, e chega a impressionar na faixa "Caislean Oir". O resto é monótono e lembra os tempos chatos que antecederam o punk.

A.B.J.

ROMANTICALLY YOURS — Marvin Gaye (CBS)

Há uma coisa cheirando mal aqui e não é o cadáver de um gênio. Trata-se, isso sim, de uma velha e bem conhecida história: morre um astro e, pronto, começam a soltar gravações de arquivo que, vivo, o dito cujo jamais autorizaria.

Desde sua morte, há dois anos, o Grande Marvin tem sido vítima desta prática. O ano passado foi *Dream of a Lifetime*. Agora vem esta colcha de retalhos em que, no lado 1, ele empresta suas divinas cordas ao xarope de velharias como "More" e "Maria". No lado 2, com composições suas, a coisa melhora um pouco, principalmente em "Just Like". *J.A.L.*



STRAIGHT EIGHT BUSH WAKER — The Woodentops (WEA)

Saudado com os fogos de artifícios que raramente, porém periodicamente, a crítica inglesa despeja, este grupo já encabeçou as paradas independentes da ilha com o compacto "Well, Well, Well" — felizmente incluído neste LP.

Liderados por Rolo McGintry, os Woodentops tem um refinado senso climático e de texturas que mescla violões a rodo, bateria seca e crocante a gotículas de eletrônica. O resultado é um dos melhores discos lançados aqui este ano, com pelo menos uma faixa — "Steady Steady" — de arrepiar a espinha. *J.A.L.*

MUZAK (EMI-Odeon)

O Muzak deste mini-LP de seis canções em quase nada se assemelha à banda que estreou em disco na compilação *Não São Paulo*. O clima soturno e etéreo de antes foi substituído por um claro apelo pop, provavelmente uma conseqüência da produção de Kiko Zambianchi. A recitação monocórdia que caracterizava os vocais de Osmar Buono cedeu o lugar a melodias tranqüilas, ganchudas.

Esta transmutação, porém, é típica dos meandros pop e, ao que parece, o Muzak está disposto a cativar um público bem maior do que o de costume. Quase todas as faixas deste disco caberiam bem numa programação de FM. E isto é um elogio.

O grande senão nesta nova forma do Muzak é que o sentimento de perigo que estava presente nas faixas de *Não São Paulo* sumiu, desapareceu, escafedeu-se. *J.E.R.*

Fotos Estúdio Abril

THE PACK IS BACK — Raven (WEA)

Os irmãos Gallagher e o batera Wacko estão de volta mas não tão pesados como no início de carreira na Inglaterra. Guitarra com trabalho ágil, baixo pulsando de acordo com a bateria e muito mais harmonia combinando com a tal agressividade. Há uma regravação (está na moda) de sucesso antigo do Traffic ("Gimme Somme Lovin"). Tudo tecnicamente perfeito e até balançando às vezes. Os mais radicais vão dizer que o som está americanizado demais, um hard comum que pode até virar sucesso em FM. Pode até ser, mas deve agradar aos menos exigentes. Eu preferiria ver lançados aqui seus inéditos primeiros LPs. *L.R.*

MATT BIANCO (WEA)

Cármen Miranda se foi, mas deixou herdeiros. Estás rindo? Mas não é que o samba pra inglês ver, que os americanos nos anos quarenta enfiavam nos musicais da pequena notável, está sendo feito agora pelos próprios ingleses? Depois que o Blue Rondo A La Turk deu o pontapé inicial no que viria a ser chamado de "new bossa", várias bandinhas do gênero pintaram. Matt Bianco é a que mais deu pé até agora. Assim sendo, lançam seu segundo álbum, mantendo do primeiro apenas a dupla Reilly e Fisher, ambos Marks. A polonesa Basia cedeu vaga a Jenni Evans e os demais músicos são convidados. No mais, perfeitas músicas sacolejantes para tocar em night-clubs de nomes exóticos, tipo "Rio Bomba" ou "El Carioca". A melhor delas é "Yeh Yeh", em *dance mix*. É a única regravação do disco, que bem poderia ter um *poquito más* de chica-boom-chic. *T.L.*

OLD WAYS — Neil Young (CBS)

Qual é a vantagem de um dos mais respeitáveis cantores e compositores americanos (canadense de nascença) lançar um disco saudosista que recupera "raízes musicais" e prega a "volta aos velhos tempos"? Se você respondeu *nenhuma*, está enganado. Com Reagan na presidência e sua política interna nacionalista e toda essa onda de *revival* na música americana, no mínimo dá para afirmar que este disco deve estar vendendo horrores por lá.

Para fazer *Old Ways*, Young convidou alguns amigos (todos músicos excelentes da turma de Nashville) e ainda celebridades da música country como Waylon Jennings e Willie Nelson. O LP abre com "The Wayward Wind" (um clássico country de 56) e vai seguindo, faixa após faixa, na linha tradicionalista, em temas que falam de mitos americanos ("Are There Any More Real Cowboys?"), dos velhos tempos ("Get Back to the Country" e "Old Ways") e outras nostalgias.

Fui fã de Neil Young, do espírito lamentoso de suas interpretações e de seus LPs do início da década de 70, quando compunha falando do seu presente. Mas este LP é careta e não apresenta nada de novo, apenas a triste constatação de que a voz de Neil Young já não é mais a mesma. *A.B.J.*

BUGRE — Ney Matogrosso (Polygram)

Este é o protótipo do LP do cantor que acompanha as "ondas" que aparecem no mercado, fazendo pose de "novo" e "transformado", mas onde a novidade acaba ficando só na embalagem, pois o conteúdo é o mesmo creme sem gosto de sempre. Salvam-se alguns momentos: o arranjo atonal de Arrigo em "Bugre", a energia de "História do Brasil" (um sambaço com bateria regida por Marçal), as originais intervenções de Chacal na percussão e a faixa "Las Muchachas de Copacabana", extraída da trilha de *Malandro*, o filme, ainda inédito. De resto, aquela voz monótona e insossa de Ney (agora abusando nos reverbs e delays), arranjos dignos de churrascaria e ainda uma versão de "Balada do Louco" que dá a impressão de que a música foi composta pelo Roupa Nova e não pelos Mutantes. *A.B.J.*

A CANÇÃO DA TERRA — Gustav Mahler (CBS)

A passagem do tempo, a perda da beleza e da juventude, a preparação para a chegada da morte foram os melancólicos temas que, em uma fase especialmente difícil de sua vida, Mahler encontrou numa antologia de poemas chineses, com os quais montou o ciclo de canções *Das Lied von der Erde*. A esse ciclo — aqui regido por Bruno Walter, um de seus maiores intérpretes — Mahler deu uma organização estrutural que faz dela não apenas uma seqüência de números isolados, mas uma verdadeira sinfonia para solistas e orquestra. A mezzo Mildred Miller e o tenor Ernst Häfliger são os cantores desta gravação histórica. *L.M.C.*

PARADE — Prince (WEA)

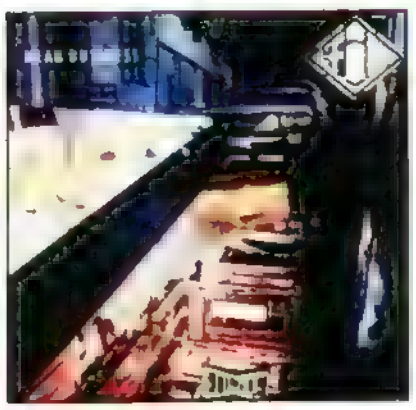
Nos idos mas nunca falecidos anos 60 existiu um artista absolutamente revolucionário e que, talvez por ser negro, fazer música negra e circular predominantemente no mercado negro (ao contrário de Hendrix, que atravessou para o mundo white da contracultura), é sempre solenemente esquecido. O rock, este filho do abraço de duas raças, ou melhor, esta expropriação, mais uma, da blackitude pela whitetude, é muito racista, coitadinho, em sua presunção classe média. Por isso esquece Sly Stone, de quem Prince, principalmente neste disco, é tributário direto. Nada de espantar, portanto, que nosso mercado roqueiro torça o nariz para Prince na mesma medida em que esquece Sly Stone. *Parade* é, todo, uma ode ao groove, à levada rítmica como essência da canção. Só que Prince, habilidosíssimo artesão das possibilidades tecnológicas dos 80, vai além, ou melhor, realiza o plano-piloto de Sly: brinca com o estúdio, cria e desmonta muralhas de ritmo e eletricidade, numa espécie de psicodelismo passado a limpo e tingido de negro "Mountains", "U Need Anothalova", "Girls and Boys", o single "Kiss"... são tantas as delícias de *Parade* que a gente até esquece umas baladinhas chatas que tem lá pelo meio. *Ana Maria Bahiana*

LANÇAMENTOS

ELIETE NEGREIROS (Copacabana)

Este é o segundo LP da cantora paulista Eliete Negreiros, que vem sendo aclamado pela crítica como o supra-sumo da MPB renovada. Uma constelação de nomes consagrados dá seu aval para a moça. Arrigo Barnabé/Eduardo Gudin/Caetano assinam a bossa atonal "Ângulos". Itamar Assumpção comparece com duas composições, na base do reggae e do blues. Até Nino Rota tem seu tema para o filme *Amarcord* acrescido de uma seção em marcha-rancho e letra de Roberto Riberti. Arrigo acrescenta "Tudo Está Dito", sobre um poema de Augusto de Campos.

Eles não decepcionam: muito capricho nas composições e arranjos, executados — entre outros — pelo pessoal da banda Pau Brasil. Quem decepciona é Eliete. Não pela pouca voz — João Gilberto e até Sade Adu (para ficar na bossa, que dá o tom geral do LP) atestam que o charme da interpretação substitui, com vantagens, uma boa garganta. Eliete não tem uma nem outra — ela é só afinada. Vide a caricata interpretação de "La Vie en Rose". Fraude. *A.A.*



MEAN BUSINESS — The Firm (WEA)

Senhoras e senhores, bem-vindos a mais uma noitada de tele-catch! Deste lado, temos uma dupla de dinossauros rock cujos dicionários desconhecem a existência das palavras "humildade" e "desistir" — os venerandos Paul Rodgers (ex-vocalista *extraordinaire* do Free e do Bad Company) e Jimmy Page (uma verdadeira lenda viva, ex-guitarrista dos Yardbyrds e do Led Zeppelin), ambos empenhadíssimos em reeditar os já passados dias de glória de suas respectivas carreiras. Do outro lado, estão dois músicos ultra-profissionais, competentes — o baixista Tony Franklin e o baterista Chris Slade —, que tentam se divertir numa banda em que não têm voz de comando. Nesta luta — que está em seu segundo round —, porém, quem perde é o ouvinte. Não há faíscas de genialidade, não há diversão. A transa é estritamente de negócios. Será que vai haver um próximo round? *J.E.R.*

5150 — Van Halen (WEA)

Existe vida para o Van Halen depois da saída de Dave Lee Roth? A resposta é não. E sim.

A entrada de Sammy Hagar nos vocais eliminou o gostoso escracho de Roth e adicionou uma pseudo-seriedade que cabe melhor no Survivor ou no Foreigner. E quando uma banda — mesmo só na aparência — começa a se levar a sério demais a coisa fica bastante perigosa.

Mas sem Roth as rédeas do grupo ficam nas mãos do incomparável Eddie Van Halen e, dessa forma, ele fica livre para experimentar todas as possibilidades de seu estúdio particular, o 5150 que dá título a este álbum e à faixa que retoma os caminhos indicados em "Jump".

Menos rascante, Hagar claramente inclina o Van Halen para uma postura mais pop e a melhor indicação deste pendor é "Why Can't this Be Love", um *hit single* medíocre. *J.E.R.*

PÂNICO EM SP — Inocentes (WEA)

Eles diziam no início: "Garoto do subúrbio você não pode desistir de viver". Eles não desistiram. Após seis anos de árdua luta no underground paulista, os Inocentes lançam seu primeiro disco, fora as coletâneas ou compactos independentes. O mini-LP *Pânico em SP*. Chega bem depois do que deveria, mas é bem chegado.

Os punks radicais reclamam que ele seja gravado por uma multinacional Bobagem. Os cabeças do punk rock inglês, Clash e Sex Pistols, começaram nas melhores gravadoras e assim difundiram suas mensagens para punks de todo o mundo.

É claro que "Pânico em SP", a música, como está gravada no LP *Grito Suburbano* (82), dá de dez na nova versão, mas diz a mesma coisa. Os Inocentes ainda são os Inocentes, senão nem teriam fotografado a capa no moinho, o santuário dos punks da city. Não seria mais fácil posar de bonitinhos rebeldes de jaqueta?

Acima de tudo um ótimo disco de rock, com faixas energizadas como "Rotina", "El Salvador" e "Não Acordem a Cidade", que podem conquistar o público que curte Ira!, Legião Urbana e Plebe Rude e que gosta de pogar e botar os demônios para fora. *T.L.*

WAVES — Katrina and the Waves (EMI-Odeon)

Mal comparando e guardando as devidas proporções, Katrina and the Waves seguiu uma trajetória a la Pretenders. A sorridente Katrina teve que estourar primeiro na Inglaterra com "Walking on Sunshine" para só depois ser recebida de braços abertos em sua América natal. Com o nome firmado, lança o segundo álbum sem alterar absolutamente nada do estilo inicial. Roquinhos e baladas, que poderiam soar igual a milhares de outros grupelhos americanos, não fosse a voz diferente da menina e a mistura racial da banda (americanos legítimos e descendentes de imigrantes). Ainda assim, o disco foi gravado em Londres, para garantir *T.L.*

THE VOICE — Bobby McFerrin (WEA)

Respeitável público, agora com vocês o incrível showman que engoliu toda uma orquestra e conseguiu, sozinho, empolgar platéias de todos os cantos do planeta, bastando para isso imitar todos os instrumentos e ritmos com sua voz e seu corpo. Diretamente do palco para o acetato, Mr Bobby McFerrin. Aplausos! Este LP é uma coletânea de gravações ao vivo de Bobby durante turnê européia em 1984.

A grande perda no disco é exatamente o melhor deste fabuloso virtuose: sua performance e seus malabarismos. O disco é uma boa recordação para quem já o viu em shows. Favor conferir o domínio vocal de Bobby em sua interpretação de "Blackbird" (Lennon e McCartney). É só ouvir e chorar de rir. *C.A.*

SONG X — Pat Metheny/Ornette Coleman (WEA)

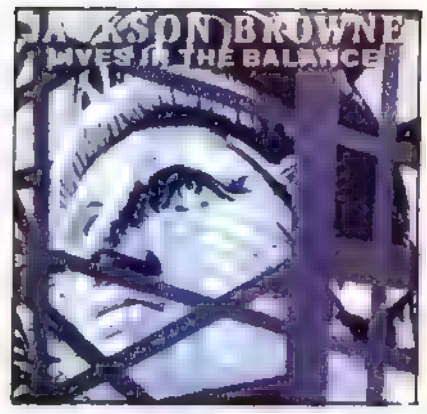
A simples reaparição do saxofonista Ornette Coleman — após um silêncio iniciado em 1979 — já é um evento memorável. E imperdível. Auxiliado por uma banda mais jovem — além de Metheny, o baterista Jack DeJohnette, o baixista Charlie Haden e o percussionista Denardo Coleman — Ornette tem amplo espaço para seus solos tão simples quanto incompreensíveis. Metheny consegue acompanhar, com honras, os fraseados imprevisíveis de Coleman, como na faixa-título e em "Song X Duo". Seu senso de melodia no sintetizador de guitarra é um contraponto perfeito para a intuição incendiária de Coleman.

Mas a minha favorita ainda é "Video Games", um festival delirante de sons e ritmos, quase uma trilha para o fim do mundo. *J.E.R.*

FROM LUXURY TO HEARTACHE — Culture Club (RCA)

Para o grupo que sempre perseguiu a fórmula mágica das altas vendagens parece que a coisa não vai bem: em um mês de lançamento nos EUA, o disco já estava caindo fora da conceituada parada dos "50 Mais" da revista *Rolling Stone*.

Este é o quarto LP da indefinida banda de Boy George, cujo furor e travestismo não são mais suficientes para sustentá-los. Tudo indica que o grupo tem seus dias contados. Mesmo com novo produtor, sensação atual no meio, Arif Mardin (Aretha Franklin, Scritti Politti), afinadíssimo com o uso pop dos sintetizadores, nada indica a volta da supremacia conquistada pelo grupo em 83 e 84. *C.A.*



LIVES IN THE BALANCE — Jackson Browne (WEA)

Nos anos 70 Browne era um dos pontas-de-lança da geração de cantores/compositores que infestou o planeta de canções agridoces de desilusão amorosa e esperanças de comunhão cósmica pós-hippie. Agora, Browne abandonou o "conforto da (minha) cama de sonhador" e a "segurança da minha cabeça" para engrossar fileiras com os artistas que estão repolitizando o rock norte-americano, conforme atestado pelo próprio Browne em faixas como "For America", "Lives in the Balance" e na brilhante "Lawless Avenues", co-assinada por um antigo parceiro, o chicano Jorge Calderón. *J.E.R.*

BLACK CODES — Wynton Marsalis (CBS)

Existem puristas e puristas. Os primeiros celebram formas tradicionais pelo fato de conseguirem perpetuar o barato originalmente causado quando se teve contato, pela primeira vez, com *aquele* tipo de forma. Os últimos, porém, enfatizam o purismo por uma simples questão dogmática: só vale o original, porque é o original e fim de papo. O trumpetista norte-americano Wynton Marsalis é um purista dogmático — quando faz música clássica, segue à risca a tradição desta forma. Quando faz jazz — como é o caso deste *Black Codes* — repele qualquer modernismo do tipo "música de fusão", proíbe instrumentos eletrônicos e lasca o jazz tradicional mais fulgurante dos tempos recentes. Em todos os sentidos, um clássico. *J.E.R.*

QUINTA SINFONIA — Dmitri Shostakovitch (CBS)

Dentre as quatorze sinfonias compostas por Dmitri Shostakovitch, a mais famosa e estimada pelo público é a Quinta. E com razão pois, além de sua beleza musical, certamente foi nela que se resolveu com mais felicidade o dilema, vivido muito intensamente pelo compositor, entre expressar-se em um idioma pessoal e manter-se dentro dos limites estéticos impostos pelo realismo socialista. A gravação dessa obra lançada pela CBS é a segunda realizada por Leonard Bernstein (é de 1980, durante uma excursão a Tóquio) e conserva a mesma extroversão do registro da década de 60, executado em um concerto no Teatro Bolshoi de Moscou. Ao contrário das duas outras gravações da *Quinta Sinfonia* existentes no catálogo brasileiro — a de Haitink, austera e heróica, e a de Rostropovitch, densamente trágica —, a leitura de Bernstein privilegia o lado mais extrovertido dessa música. Em sua visão da música de Shostakovitch, o que predomina é a esperança na capacidade do homem de reagir à repressão e à falta de liberdade. *L.M.C.*

HOME OF THE BRAVE — Laurie Anderson (WEA)

Chamam-na de feiticeira de sons, fada tecnológica e outros adjetivos. Ela é muito mais. Chamar Laurie Anderson de genial é até vazio. Ela transcende rótulos, assim como sua música transcende a música. É uma artista completa, que mexe com todas as manifestações de arte e cria novas. Uma iluminada dos novos tempos. Ela transforma o que é visual em musical e o musical em palavras, em imagens. Em suas próprias palavras: "Em minha música, as palavras são mais importantes". Ela explora as palavras ao máximo, num jogo de combinações e sonoridades. Falar de um trabalho de Laurie Anderson apenas ouvindo seus discos é incompleto. Sua música está de tal forma ligada às suas performances, que fica quase o mesmo que comentar a trilha de um filme mudo. Da mesma forma que convencer alguém que ela é demais, ou até mesmo achá-la um saco, fica difícil sem nunca tê-la visto em cena. Será que ela vem?

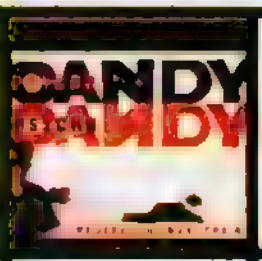
No caso de *Home of the Brave*, é uma trilha sonora do filme que captou suas recentes apresentações (ainda em andamento pela Europa) no que foi possível levar para o vinil. A "música de trabalho" é "Language Is a Virus", título extraído de um poema de William S. Burroughs, produzida por Nile Rodgers. Aliás, Burroughs participa com sua voz em sampler na faixa "Late Show". A que destaco é "Smoke Rings", uma delirante brincadeira que me leva à seguinte questão: ¿Que es mas briliante, David Byrne or Laurie Anderson? Doo doo doo doo doo. No mais, muitos sonhos. *Tom Leão*

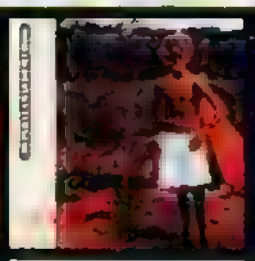
RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO

Agosto, mês de desgosto... e de uma carrada de trilhas-sonoras, conforme vem ditando a metodologia mercadológica do *interface* (em resumo: "compre o disco, veja o filme, leia o livro, enriqueça todo mundo"). **OUT OF AFRICA** (WEA) é o correspondente sonoro às amplas paisagens enquadradas no filme pelo diretor Sidney Pollack — temas grandiosos. Já a trilha de **O BEIJO DA MULHER ARANHA** (WEA), urdida com muito carinho a seis mãos — por **John Neschling, Nando Carneiro e Wally Badarou** — se sustenta isoladamente, fora do contexto do filme, e transforma-se num belo exercício de delicadeza. O *score* de **DONA BEIJA** (RCA), por sua vez, contém pelo menos duas gemas: o tema "Viola e Mel", do **14 Bis** e "Poente II", da recém-formada dupla de violonistas **João de Aquino e Maurício Carrilho.** ⊗ No front dos mixes a oferta cresce. Mas a qualidade nem sempre corresponde ao número de lançamentos nesta área. A WEA tem duas novidades, ambas absolutamente inócuas: o **ELEMENTO VISADO** (um cantor com complexo de David Gilmour e um guitarrista com complexo de Mark Knopfler) e o **ARTIGO 171** (níu uêive puladinha e demodê pacas). A RCA contra-ataca com **CLÁUDIA OLIVETTI,** cujo maior atributo é a cristalina e "encimona" produção do *husband* Lincoln, também co-autor de todas as faixas. ⊗ Também não faltam relançamentos. **Walter Franco** teve seu **REVOLVER** (Continental) ressuscitado e, com ele, alguns clássicos de seu repertório dos anos 70 — "Apesar de Tudo é Muito Leve" e "Cachorro Babucho". O velho **CADERNO DE VIAGENS** de **Sá e Guarabira** (Continental) também ganhou vida nova, mas o melhor desta dupla é o material mais antigo ⊗ O **TERRA CANABIS** (Continental) aponta um novo passo para o latino **Tarancón.** Ao lado dos temas tradicionais andinos há uma boa dose de *salerosidad*, como na faixa "Gostosa" Também é muito bonita a versão com flauta zampoña e charango de "Eleanor Rigby" ⊗ Boa nova é o primeiro álbum independente do **Orquestra de Vozes, A GARGANTA PROFUNDA** (Arco e Flecha), regido pelo experiente **Marcos Leite,** ex-líder do Cobra Coral.

J.E.R

BOLSA DE DISCOS





	PSYCHOCANDY Jesus & Mary Chain (WEA	SELVAGEM? Para as mas do Sucesso EMI-Odeon	BRASILIVERSO Hermeto Pascoal Som da Gente	SHEIK YERBOUT Frank Zappa (EMI-Odeon)	MARGINAL BLUES Celso Blues Boy (Polygram)	PERHAPS Associates (WEA
Carlos Arruda	●	☹	☹	☹	☹	☹
José Augusto Lemos	😐	😐	😐	😐	😕	😐
Alex Antunes	🤨	🤨	🤨	🤨	😖	😐
José Emilio Rondeau	😐	😐	●	☹	😖	●
Alfredo Borba Jr.	😐	😐	🤨	🤨	●	🤨
Tom Leão	😐	😐	●	😐	☹	🤨
Leopoldo Rey	☹	😐	●	😐	☹	●

Sublime

Bom

Interessante

Razoável

Lixo

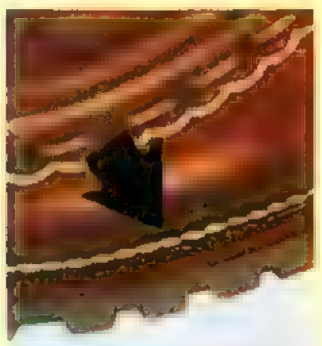
CANADIAN style

O nome é Walabee.
Um sapato para todos os terrenos.
Original do norte do Canadá, este modelo tanto masculino como feminino, é disponível em couro e camurçado, e é uma venda exclusiva da Side Walk.

Mocassino costurado a mão.

Sola em borracha, anti-derrapante.

Marca de garantia e esnobismo Side Walk.

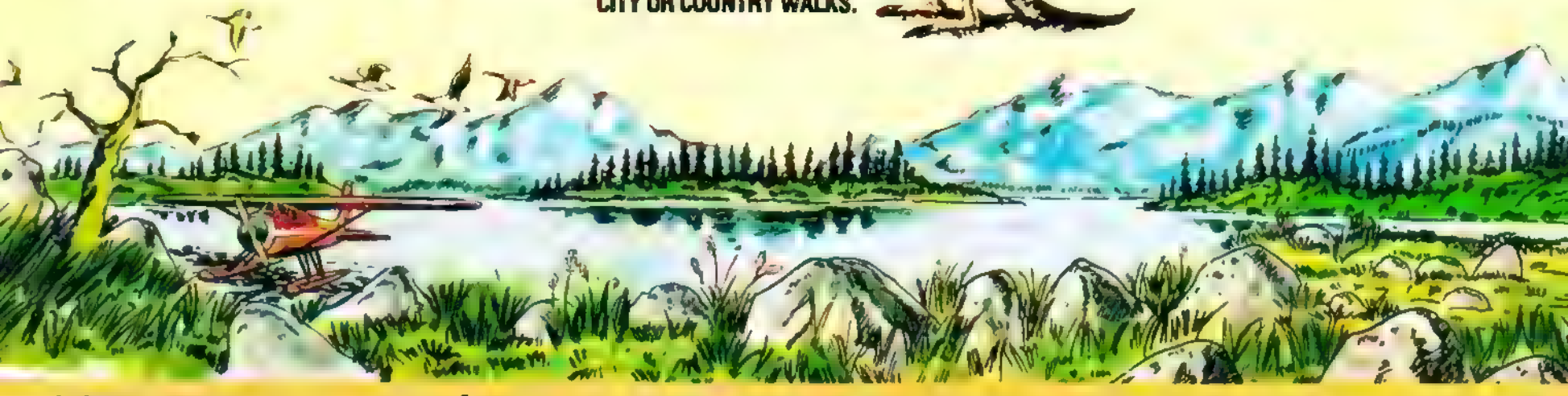


A costura a mão e a plataforma de couro, garantem a durabilidade e a impermeabilidade.

Sobre a sola de borracha, uma entresola de couro garante a robustez e comodidade que são a alma deste sapato.

Side Walk

CITY OR COUNTRY WALKS.



SHOPPING CENTER IGUATEMI, 2º PISO, SÃO PAULO, SP. • RUA MELO ALVES COM ALAMEDA LORENA • SHOPPING CENTER IBIRAPUERA, PISO IBIRAPUERA • RUA ANIBAL DE MENDONÇA, ESQUINA COM VISCONDE DE IRAJÁ, RIO DE JANEIRO, RJ • SHOPPING CENTER IGUATEMI, SALVADOR, BAHIA • SHOPPING RIO SUL.

VÍDEO

LANÇAMENTOS

A MARVADA CARNE (1985)

Direção: André Klotzel. Com Adilson Barros, Fernanda Torres, Lucélia Machiavelli, Dionízio Azevedo, Regina Casé, Tonico e Tinoco. CIC.

Uma simpática comédia de estréia do diretor Klotzel, que entrou em evidência mais pela presença de Fernanda Torres, após sua consagração em Cannes. Não que o filme seja mau — pelo contrário, ele foi muito bem recebido inclusive pela crítica européia e americana. Mas no Brasil, apesar dos dez prêmios no Festival de Gramado, ele parecia destinado a um certo descaso, pelo atraso na distribuição

O *boom* de Fernandinha pôs as coisas no lugar e, nos cinemas e em vídeo, já é possível conferir o "filme caipira", como o diretor o chama. É curioso notar como Klotzel tem uma abordagem muito mais respeitosa da cultura do interior centro-sul do país do que cômicos consagrados no gênero, tipo Mazzaropi. O filme tem uma graça fácil, ingênua e delicada. Adilson Barros, ator de teatro, é um Nhô Quim inquieto e convincente Mas é Fernanda, em seu segundo filme (*Inocência* é o anterior), que conduz tudo que *A Marvada Carne* tem de encantador.

ARDIL 22 (Catch 22, 1971)

Fotos Estúdio Abril

Direção: Mike Nichols. Com Alan Arkin, Martin Balsam, Richard Benjamin, Art Garfunkel, Anthony Perkins, Jon Voight, Martin Sheen. CIC

Comédia surrealista sobre uma base da Força Aérea americana no Mediterrâneo, durante a Segunda Guerra Mundial. Freqüentemente comparado com *MASH*, este filme do diretor Nichols (*A Primeira Noite de um Homem*) é de um humor mais cruel e bastante inusitado. Ele baseou seu roteiro no livro homônimo de Joseph Heller, e consegue resultados muito estranhos — não é difícil detestar o filme, como também não é difícil apreciá-lo. Basta acostumar-se com os devaneios do enredo e com as idas e vindas no tempo, centralizadas no Capitão Yossarian (Arkin). Também são curiosas as aparições de Art Garfunkel (o próprio), de Anthony Perkins (o Norman Bates de *Psicose*) e uma ponta de Orson Welles.

DIA DOS NAMORADOS MACABRO (My Bloody Valentine, 1981)

Direção: George Mihalka. Com Paul Kelman, Lori Hallier, Neil Afflek. CIC.

Terror, inédito nos cinemas, de origem canadense.

O Canadá já revelou um monstro do gênero, o diretor David Cronenberg. Mihalka não é tão bom, mas, apesar de todos os clichês presentes, conseguiu situar a ação em um cenário interessante: uma cidade mineira.

Algumas das cenas mais apavorantes dão-se exatamente no interior da mina, eventualmente utilizada pelos trabalhadores para escapadas amorosas... O pretexto é o Dia dos Namorados (St. Valentine's Day), cujo baile desperta a fúria assassina de um psicopata.

O final do filme sugere, lógico, uma (uma?) continuação...

DRAMA

BRIMSTONE & TREACLE (1982)

Foto Abril

Direção: Richard Loncraine. Com Sting, Joan Plowright, Denholm Elliott, Suzanna Hamilton.

Neste filme, feito para a televisão inglesa, Sting tem aquela que é considerada sua melhor interpretação.

Ele é um vagabundo que se introduz na família de uma garota abobalhada por um acidente, como se fosse seu ex-namorado. O clima do filme é opressivo e até sinistro, com um belo trabalho de fotografia. A música (original) é de Sting, com participação do Police. Inédito.

INTERIORES (Interiors, 1978)

Foto United Artists

Direção: Woody Allen. Com Kristin Griffith, Marybeth Hurt, Richard Jordan, Diane Keaton, E.G. Marshall, Geraldine Page.

O filme "sério" de Woody, em que ele homenageia Bergman e suas carregadas atmosferas psicológicas. Eva é a mãe opressora e chantagista de três irmãs frustradas, até o dia em que o pai, após 25 anos de casamento, resolve viver a vida. Na desarticulação da família, Allen especula sobre as limitações afetivas do ser humano Pretensioso mas interessante

STRANGER THAN PARADISE (1984)

Foto Abr

Direção: Jim Jarmusch. Com John Lurie, Eszter Balint, Richard Edson.

Cult movie exibido na Mostra de São Paulo e no FestRio. O diretor Jarmusch é ligado à vanguarda musical nova-iorquina — John Lurie, protagonista e autor da trilha, foi saxofonista dos Lounge Lizards — e a Wim Wenders, que cedeu trechos não aproveitados em *Paris, Texas*. Três jovens desocupados, dois deles de origem húngara, dão uma banda pela América. Inquietante e gozado.

COMÉDIA

BRODWAY DANNY ROSE (1984)

Direção: Woody Allen. Com Woody, Mia Farrow, Nick Forte

Um filme subestimado — permaneceu pouco tempo em cartaz nos cinemas, sem suscitar maiores comentários. Isso talvez se deva ao tom "casual" que Woody imprimiu à direção em uma roda de empresários da Broadway, conta-se a história de Danny Rose, que aos poucos vai-se desenvolvendo na tela

Danny (interpretado pelo próprio Woody) é agente de improváveis artistas — um amestrador de passarinhos, uma tocadora de cálices afinados — que um dia se vê às voltas com um sucesso potencial, um cafoníssimo cantor italiano. Mia Farrow, como a amante do cantor, é o pivô de muita confusão. Uma comédia sutil, com Woody compondo um Danny Rose tolo e amável

TUDO QUE VOCÊ SEMPRE QUIS SABER SOBRE SEXO E TINHA MEDO DE PERGUNTAR (Everything You Always Wanted to Know About Sex But Were Afraid to Ask, 1972)

Foto Newsweek

Direção: Woody Allen. Com Woody, Lynn Redgrave, Anthony Quayle, John Carradine, Lou Jacobi, Louise Lasser, Tony Randall.

Humor bastante escrachado, inspirado no *best seller* homônimo do Dr. David Reuben. O que no livro é tratado (pretensamente) a sério na tela é pretexto para sete *sketches* absurdos. Cada um deles responde uma pergunta, tipo "Todo travesti é homossexual?" ou "O que acontece durante o orgasmo?" Woody aproveita para gozar o cinema europeu — o episódio sobre frigidez é todo falado em italiano — e sua própria origem, judaica, no quadro em que um rabino vence um concurso de perversões sexuais (sua fantasia é ser chicoteado por uma *pin up* enquanto sua mulher, de joelhos, come carne de porco). Hilariante

POLICIAL

MIAMI VICE (1984)

Direção. Thomas Carter e Michael Mann Com Don Johnson Philip Michael Thomas, Saundra Santiago e Gregory Sierra

Longa-metragem inédito, piloto da série de televisão. Aqui os dois policiais *yuppies*, Sonny Crocket e Richard Tubbs, se encontram pela primeira vez. Eles tentam desbaratar uma quadrilha colombiana que trafica entorpecentes via Miami e que assassinou o amigo de um e o irmão do outro. Boa trilha sonora.

EXPOSED (1983)

Foto Gamma Sigla

Direção James Toback Com Nastassja Kinski, Rudolf Nureyev, Harvey Keitel

Suspense meio perneta, curioso mais pelo elenco. Nastassja é a garota interiorana que vai para Nova Iorque fazer carreira. Lança-se como modelo e envolve-se com um agente (o bailarino Nureyev) que combate sem tréguas uma organização terrorista. Ela irá participar da operação desfechada contra os terroristas em Paris.

Fitas cedidas pela locadora 2001 e pela distribuidora CIC. As resenhas são de Alex Antunes

WOODY ALLEN

Foto Alex Jefry/ Camera Press London

"Todas as coisas que eu discuto são verdadeiras. Eu apenas exagero ao contá-las." A frase de Woody reflete bem o que são seus filmes: personagens em crise permanente, falando de amor, morte, sentimento de culpa ou inadaptação ao mundo. Atuando quase sempre como diretor e ator, seus personagens são confundidos com ele. O "fracassado que deu certo" faz análise há mais de vinte anos ("Não ajuda tanto quanto eu gostaria, mas é melhor que nada"). Citado como o sucessor dos comediantes Buster Keaton e Charles Chaplin, ele não gosta da comparação: "Estou trabalhando 40 anos mais tarde. Sou um produto da televisão e da psicanálise".

Allen Stewart Konigsberg (esse é seu nome verdadeiro) nasceu em 1935, no Brooklin, Nova Iorque. Sua origem judaica é um tema freqüente para ele, motivo de perplexidade e farto material para metáforas e autogozações. Allen começou cedo como humorista, aos 17 anos, quando já escrevia algumas *gags* para colunistas americanos. Aos 22 anos foi trabalhar numa agência, fazendo piadas para cômicos da fama de Bob Hope. Foi chamado para a rede de televisão NBC — apareceu no programa *Colgate Comedy Hour* e colaborou com o badalado *Your Show of Shows*, comandado por Sid Caesar — e, em 1962, estreou como comediante no Bitter End Greenwich Village. Passou a se apresentar em vários clubes noturnos de Nova Iorque. Em 64 teve sua primeira chance no cinema, por indicação de Shirley MacLaine, que levou o produtor Charles Feldman para ver o show de Allen no Blue Angel. Feldman convidou-o para escrever o roteiro (em parceria com Mickey Rose) e interpretar o papel principal de *O que É que Há, Gatinha?* O filme tinha celebridades como Peter O'Toole e Peter Sellers e foi um grande sucesso. No ano seguinte, uma idéia genial: dirigiu a absurda adaptação de um filme japonês classe B, dublando-o com um novo texto em inglês e incluindo algumas cenas com Louise Lasser, sua mulher na época. Só em 69 conseguiu rodar um filme totalmente seu, com um modesto orçamento: *Um Assaltante Bem Trapalhão*, que não teve muita repercussão. Allen já foi casado com outras atrizes: Diane Keaton e Mia Farrow, sua atual companheira. Com elas fez vários filmes e ganhou quatro Oscars com o consagrado *Annie Hall (Noivo Neurótico, Noiva Nervosa)*, um filme feito para Diane (Hall é sobrenome dela). Mas ele preferiu não ir à entrega do Oscar. Foi tocar clarineta com seu grupo de jazz no Michael's Pub, como faz todas as segundas-feiras. Woody Allen é realmente um comediante muito sério. Allen é também escritor e tem três livros publicados no Brasil: *Cuca Fundida, Sem Plumas* e *Que Loucura!*, todos editados pela L & PM.

Cesar Garcia Lima

FILMOGRAFIA

FILMOGRAFIA COMPLETA (Todos os filmes, com exceção de *Quase um Seqüestro Aéreo*, estão disponíveis em vídeo): *What's New Pussycat* (apenas como ator e roteirista — *O que É que Há, Gatinha?*, 65); *What's Up Tiger Lily?* (adaptação do original japonês, 66); *Casino Royale* (como ator e roteirista — *Cassino Royale*, 67); *Don't Drink the Water* (autor do texto original — *Quase um Seqüestro Aéreo*, 69); *Take the Money and Run (Um Assaltante Bem Trapalhão*, 69); *Bananas (Bananas*, 71); *Play It Again, Sam* (ator e roteirista — *Sonhos de um Sedutor*, 72); *Everything You Always Wanted to Know About Sex... (Tudo que Você Sempre Quis Saber sobre Sexo...*, 72); *Sleeper (O Dorminhoco*, 73), *Love and Death (A Última Noite de Boris Grushenko*, 75); *The Front* (apenas como ator — *Testa de Ferro por Acaso*, 76); *Annie Hall (Noivo Neurótico, Noiva Nervosa)*, 77); *Interiors* (como diretor e roteirista — *Interiores*, 78); *Manhattan (Manhattan*, 79); *Stardust Memories (Memórias*, 80); *A Midsummer Night's Sex Comedy (Sonhos Eróticos de uma Noite de Verão*, 82); *Zelig (Zelig*, 83); *Broadway Danny Rose (Broadway Danny Rose*, 84); *The Purple Rose of Cairo* (como diretor e roteirista — *A Rosa Púrpura do Cairo*, 85); *Hannah and her Sisters* (inédito no Brasil, 86).

LEGIÃO URBANA
DE VOLTA À ARENA

Seu disco de estréia foi eleito, disparado, o melhor de 85 pelos críticos desta revista. *Tom Leão* encontra a banda e esmiuça o sucessor, entre papos sobre desenhos animados

Não sou apreciador [illegible], mas, no momento em que teclo este texto, [illegible] está sendo eliminado da Copa pela França e, assim, o [illegible] estava marcado com toda a Legião Urbana na casa do [illegible] Dado Villa-Lobos (ele e Fernanda, sua esposa e [illegible] da banda, acolheram os prafrentex durante os jogos em [illegible] apartamento na Gávea) está cancelado. Acabei tendo de [illegible] com a turma nos intervalos da gravação do clip da primeira [illegible] do álbum *Legião Urbana Dois*, "Tempo Perdido", nos [illegible] RGB, em São Cristóvão, subúrbio carioca.

Quase dez da noite e são dados os últimos retoques na iluminação para o começo dos trabalhos. No camarim, entre mordidas na maçã, eles vão falando sobre o novo disco. A princípio [illegible] a possibilidade de um álbum duplo que atenderia pelo [illegible] nome de *Mitologia e Imitação*. Seria duplo porque [illegible] músicas muito antigas e [illegible], dificilmente sairão [illegible]. Entre elas está a [illegible] "[illegible] Caboclo", que dura [illegible] minutos e [illegible] em poucos shows. Agora [illegible] pensar. Haverá [illegible] versão de "O Senhor da Guerra", criada [illegible] infantil da Rede Globo no ano passado, mas com [illegible] pesado. Outras que ficaram de fora são "Tédio" e "Conexão Amazônica". Dado explica que a gravadora considerou economicamente inviável o álbum duplo. Nenhum artista brasileiro de rock ainda apostou neste tipo de projeto. O material que compõe *Legião Urbana Dois* começou a ser criado em dezembro de 1985, durante a preprodução das bases. Em janeiro foram feitas as primeiras gravações, o Carnaval forçou uma parada (pois coincidiu com as férias coletivas da gravadora) e em março o trabalho já

Foto [illegible]

LEGIÃO URBANA

estava praticamente concluído. Abril foi gasto com as mixagens. Ao contrário da estréia do Legião, este álbum chega às lojas e às rádios precedido de imensa expectativa. Quando foi lançado o primeiro disco, a gravadora achava bom atingir cinco mil cópias de vendagem. Renato Russo, o vocalista, apostou em 50 mil. No final já foi ultrapassada a marca das 80 mil unidades e falta bem pouco para se agarrar o Disco de Ouro.

Sobre as músicas que fariam parte de *Mitologia e Intuição*, Renato Russo quer arrematar que ficou chateado com a exclusão sumária de "Grande Inverno da Rússia" (assinada por um dos co-autores de "Ainda É Cedo", Ico Ouro-Preto) e da então proposta faixa-título, uma vinheta composta pelo baterista Marcelo Bonfá. Eram muito boas, explica Renato, mas só tinham sentido naquele projeto.

Mas mesmo no novo disco também ficou de fora uma música que o Legião já vem apresentando em show há mais de dois anos. É "Juízo Final", do carioca Nelson Cavaquinho, recentemente falecido: uma letra que bem poderia ter sido escrita pelo igualmente "ido" Ian Curtis (do extinto Joy Division) e que nos shows ganha uma roupagem bem New Order (a continuação do Joy). Esta faixa fecharia o lado B, mas sua inclusão comprometeria a qualidade do som do disco, pois exigiria um estreitamento dos sulcos. Em compensação, o cassete virá com uma faixa extra (hábito que começa a ficar comum aqui pelo Brasil): "Química", tornada nacionalmente conhecida pelos Paralamas do Sucesso. Ela aparece, agora, numa versão ao vivo, feita para o programa *Clip Clip*.

A banda conta que trabalhar neste disco foi muito melhor que na primeira vez, embora a fissura da estréia tenha sido maior. Com todos os integrantes morando no Rio, não há mais a tensão de correr. Nem a saudade de voltar para casa, que resultou na criação de "Por Enquanto", a única música do primeiro álbum que o Legião não apresenta em shows (ela apenas aparece em fita, como uma espécie de "coda", ao final de cada apresentação). Mas Renato avisa que, na próxima temporada, "Por Enquanto" será incluída no repertório, com outro swing. Trazido de Brasília, o Legião está vivendo como todos os cariocas. Bonfá se dedica cada vez mais ao body-board e, graças ao esporte, adquiriu um invejável bronzeado. "É demais", explica ele, "me dá uma energia maior para enfrentar a bateria. Às vezes vou parar em Guaratiba (bem mais longe que a Prainha, ponto da Barra da Tijuca onde costuma ir assim que o sol aparece)." O esporte afastou Bonfá da vida noturna nos "baixos". Contudo, ninguém desta banda é muito chegado à noite. Renato mora na distante Ilha do Governador e prefere ler, ouvir música e ver filmes. Dado leva uma vida bem caseira ao lado de Fernanda. Gosta mesmo é de apostar nos páreos do Jóquei Clube e descobrir restaurantes exóticos. O baixista Renato Rocha (Negrete) vê desenhos animados na TV, gosta de *cross* e está pensando seriamente em comprar uma asa delta para começar a voar com sua namorada.

Talvez aí se encontre a explicação do novo enfoque das músicas do Legião, conforme observa Renato Russo. "O segundo disco não está tão dirigido a coisas externas: Estado, política. Esse é superinterior, mais o lado emocional das pessoas. Se bem que tem coisas sociais, como 'Metrópole', e muita coisa sobre sexo, como o 'Daniel na Cova dos Leões' (que já existia antes do começo das gravações). Mas não são músicas românticas no sentido banal da palavra, e sim sob o prisma mais da amizade que da paixão. Tem 'Eduardo e Mônica', que trata do lado da vida do casal, mas em si não é uma coisa romântica."

Não são músicas românticas no sentido banal da palavra e sim sobre a amizade

Há, também, "Música Urbana II", uma canção acústica bem ao estilo dylanesco. É parente de "Música Urbana I", gravada pelo Capital Inicial e parte do repertório do Aborto Elétrico, o embrião do punk brasiliense. Não se pensou em fazer algo na linha de "Geração Coca-Cola II", pois sabem que os verdadeiros fãs do Legião reconhecerão a banda neste disco. A mudança de som que se pode vir a contestar é fruto lógico da evolução da banda, mais afiada após inúmeros shows.

Antes do término de nossa conversa — e do reinício das gravações do clip — embrenhamos por uma divagação sobre desenhos animados. Só Dado ficou de fora. Os desenhos favoritos de Renato são "Jonny Quest" e "Os Impossíveis". Para Negrete, os bons eram "Dick Tracy" e "Janjão, Coração de Leão". Bonfá fica com "Corrida Maluca" e "Roger Ramjet". Fecho com eles citando "Os Herculóides" e "Space Ghost". De "Batman" — o filme — todos gostam.

Antes de partir para a frente da câmera, Renato faz questão de dizer que é fã do Sérgio Brito, dos Titãs, "pelo modo como ele interpreta as músicas". Dado aproveita para eleger Redson, do Cólera, a figura mais carismática do rock. Renato concorda: "Acho o Redson supersincero". Opinião apoiada por todos, que reclamam uma urgente volta do Legião aos palcos. Afinal, o último show — e um dos melhores — foi em abril, na Unicamp, junto com a apresentação da peça "Feliz Ano Velho", escrita por um fanzão do grupo, Marcelo Rubens Paiva. Para todos foi emocionante e histórico, pois reuniu mais de seis mil pessoas, provavelmente um público recorde para qualquer peça nacional.

Fim de papo. Naldo, o *road-manager*, arrasta a banda para fora do camarim. Renato está sem óculos, uma decisão ditada mais pela praticidade que pela vaidade ("eu pulo muito e suo bastante"). E se movimentar bastante é o que ele faz quando o clip volta a ser rodado. O cenário é composto apenas por uma tela de televisão, onde vão sendo projetadas imagens de alguns veteranos do rock em sua mais tenra juventude — Brian Wilson (dos Beach Boys), Jimi Hendrix (irreconhecível de militar), Bob Marley (de smoking), Bob Dylan (imberbe), Mick Jagger (penteado "reco"), John Lennon (em Hamburgo). A câmera movimenta-se em círculos, suave e sinuosa, como a própria música. Ecoa no cimento do estúdio o refrão da música: "Somos Tão Jovens". E Renato, sem aviso, dá uma de suas mais vibrantes performances. Rodopia, dança, sacode o pesado pedestal do microfone e destrói, assim, todo o piso.

O diretor grita: "Parou, descanso para a banda". Renato Russo está suando em profusão. E está sorrindo.

A REVISTA BIZZ APRESENTA

JÁ NAS BANCAS

ÍDOLOS DO ROCK

Esta nova edição de ÍDOLOS DO ROCK traz para você a história dos maiores nomes e das maiores bandas de rock do planeta. Nesta edição: Stevie Wonder, Michael Jackson, Led Zeppelin, Rolling Stones, Van Halen, Simple Minds, Talking Heads, Phil Collins, Sade, Rod Stewart e muito mais.
Grátis: 100 adesivos.

12 DE AGOSTO

BIZZ ESPECIAL RPM

É uma revista e um poster. De um lado, a história completa do RPM, com detalhes até agora ignorados pelo seu batalhão de fãs.
Do outro, um super-poster do grupo, medindo 83,2 x 109,6 cm.

JÁ NAS BANCAS

BIZZ LETRAS TRADUZIDAS

Mais sucessos pra você curtir, com as letras originais e as devidas traduções. Você vai entender o que cantam os Rolling Stones, U2, Iron Maiden, Sting, Lou Reed, Madonna, Dire Straits, Sade, Prince, só para citar algumas feras.

EDITORA ABRIL

JULIAN LENNON

O PESO DA HERANÇA

Foto Jon Hoffmann Stills

A combinação era a seguinte: às três da tarde ligar para um quarto de hotel em Pittsburgh, nos Estados Unidos, onde Julian Lennon prosseguia sua segunda — e igualmente vitoriosa — turnê norte-americana. Possivelmente quem atenderia o telefone seria um dos dois seguranças que acompanham cada passo de Julian. Mas a voz que veio forte e clara era... de um esbaforido divulgador! Que, logo, logo, passou a bola para uma outra voz, meio rouca, castigada por alguns cigarros a mais, mas sem perder a juventude de seus 22 anos. Era Julian, pronto para um papo de 15, 20 minutos. Falaria livremente sobre o pai? — a grande dúvida. Falou e bastante. Sem saber que atrás de mim, pendurada na parede, estava uma foto colorida, feita em 1968, de John Lennon. A voz de Julian, ao contrário do que acontece nos discos, pouco ou nada tem a ver com a do pai. É menos grave e o sotaque é um tiquinho mais americanizado. O único cacoete aparentemente herdado de John é a mania de pontuar quase todas as frases com um indagativo "you know?". Sacou?

BIZZ — *Algumas críticas apontaram em seu novo álbum um certo tom escapista. Começando pelo próprio título:* O Valor Secreto de Sonhar Acordado. *Você concorda com este tipo de classificação?*

J.L. — Ha, ha... não sou um bom ouvinte de *resenhas* de disco, mas... não diria (que é escapista)... quer dizer... me deixe pensar... ahn, não, necessariamente.

BIZZ — *De onde você tirou o título do álbum?*

J.L. — Fred Schruers, jornalista da *Rolling Stone*, escreveu uma crítica de meu primeiro disco *(Valotte)* e no final do texto ele colocou a seguinte frase: "Da mesma forma que John, Julian aprendeu o valor secreto de sonhar acordado".

BIZZ — *Aparentemente as canções de Valotte são o resultado de um longo período cumulativo, ao passo que as músicas do novo álbum parecem ter sido feitas muito mais rapidamente.*

J.L. — As músicas de *Valotte* já estavam prontas um ano antes de começarmos a gravar. Já as do segundo álbum pintaram bem rápido. Nós terminamos a primeira turnê (no final de 85) e entramos direto no estúdio. Por isso acho que o *timing* não foi dos melhores, pois o tempo para trabalhar no disco me pareceu muito pequeno. Mas acabou bastando... mais ou menos. No último álbum houve muito mais energia empregada, puramente pelo fato de estarmos saindo direto da estrada para o estúdio. Mesmo assim, ainda acho que é uma espécie de trampolim para o terceiro disco, onde pretendo explorar algumas novas possibilidades. Estas novas idéias só serão mostradas quando estiverem completas. Nem estamos tocando coisas deste terceiro projeto, ainda.

BIZZ — *Ao vivo, nesta segunda turnê você está mostrando alguma música inédita?*

J.L. — Yeah, fazemos algumas versões de músicas que nunca gravamos, como "Stand by Me" (um clássico dos anos 50 gravado por John Lennon em 1975) e "Day Tripper" (clássico dos Beatles), sempre nos fins dos shows.

BIZZ — *É bom ou mau ser um Lennon?*

J.L. — Ah ... as duas coisas, sabe? Ajuda porque existem muitos amigos de meu pai que oferecem todo tipo de ajuda. É bom ter este tipo de consideração, este carinho, mas prefiro tocar o barco sozinho. Obviamente (ser um Lennon) torna-se um problema por causa das comparações e tudo mais. Mas, se eu tivesse resolvido usar um pseudônimo, assim que a imprensa descobrisse, começariam a surgir as mesmas perguntas que pintam agora, só que um pouco mais tarde. Então decidi me lançar com meu próprio nome e confrontar estas perguntas de uma vez por todas, para poder tocar para a frente o resto da minha vida.

BIZZ — *Como você começou a se interessar por uma carreira musical? Parece que no início você era engenheiro de som, correto?*

J.L. — Bem, eu costumava tocar desde os 11 anos (Julian toca bateria na faixa "Ya Ya", gravada por John Lennon em 1974), ou algo assim, mas escrever música, seriamente, só no final da adolescência. Para conseguir um contrato numa gravadora levou muito tempo. As gravadoras não queriam nem saber, seja lá quais fossem as razões delas. Finalmente acabei achando uma que foi gentil o suficiente para me dar uma chance. E agora aquelas gravadoras que me jogaram fora estão atrás de mim. Quero que elas se danem!

No começo me interessei por engenharia de som porque era uma maneira de estar envolvido com música, mas indiretamente. Depois de algum tempo vi que seria difícil ficar detrás da mesa de som vendo alguém fazer o que *eu* gostaria de estar fazendo.

BIZZ — *Os Beatles foram de alguma influência para você?*

J.L. — Yeah, claro! Mas, na verdade, mesmo estando próximo deles, acabei ouvindo a música dos Beatles como qualquer outro garoto — no toca-discos, em casa. Crescer ouvindo e aprendendo as músicas dos Beatles é uma das melhores maneiras de se aprender a formular, compor e estruturar uma canção. Foi disto que me beneficiei estando por perto deles. Quer dizer, as músicas dos Beatles são algo ideal para quem quer aprender... está tudo lá.

BIZZ — *Incomoda a constante menção de John Lennon em suas entrevistas?*

J.L. — Não muito. Logicamente chegou uma hora em que eu até esperava isto, mas depois se tornou cansativo. Vai durar mais uns dois anos e depois as pessoas vão parar. Também porque existe toda uma nova geração que busca e ouve minha música por causa de mim e não por causa de meu pai.

José Emilio Rondeau

TITÃS

Pesado nas letras e na pauleira sonora, o novo disco abre um terreno virgem para o grupo. *Sônia Maia* foi investigar o berço da metamorfose

As cartomantes da BIZZ, que apostaram nos *quentes* para 86/87, no número anterior, se esqueceram de pelo menos um grupo — os Titãs. Se eles foram introduzidos no mercado através de "Sonífera Ilha" em 84 e, no ano passado, tiveram "Televisão" tocando exaustivamente no rádio, dá para perceber que têm cacife de mídia suficiente para emplacar um ou mais hits deste terceiro LP, *Cabeça Dinossauro*. Só que desta vez não há sombra de dúvida. Isto porque eles sempre trabalharam num terreno meio pantanoso — caricaturizaram e até assumiram o *pastiche*.

Entretanto, com este disco os Titãs levam para a *mass mídia* um som cru, econômico e eficiente. O paralelo inspirador é o rock de garagem e a espontaneidade embutida nos pioneiros do estilo.

Conversando com Arnaldo Antunes uma semana após a entrevista, ele me explicou as idéias que rondavam as cabeças titânicas desde o início de carreira. Reclamou da desatenção da imprensa (principalmente desta revista) e do público para com o trabalho do grupo como um todo. Explicou que o lado popular não é oportunista, e sim pura curtição, e que na verdade sempre foram um grupo "fora da moda"... "Entendi", disse a ele. Mas a música entra nos ouvidos e provoca ou não sensações. *Este* terceiro LP provoca e muitas. A receita é simples: maturidade, planejamento e liberdade de criação. O resultado é o mais claro e autêntico Titãs mostrado até hoje.

Mas a censura pode acabar com toda a empolgação. O público já está

Fotos Rui Mendes

TITÃS

privado, por exemplo, de ouvir pelos quatro cantos do Brasil a música "Bichos Escrotos". Eis o refrão: "Bichos/ baratas/ ratos/ cidadão civilizado/ Pulgas/ oncinha pintada/ zebrinha listrada/ coelhinho peludo/ vão se f*/ porque aqui na face da Terra/ só bicho escroto/ é que vai ter". Esta é por conta da censura oficial. Da extra-oficial está a deliciosa "Igreja". Branco explica: "Levei a fita para um DJ de rádio e ele disse que não tocaria esta música porque era cristão". Como diria Claudette Poodle: "É Brasil!" Já que dificilmente "Igreja" irá para as rádios, vai aí um fragmento: "Eu não gosto de padre, madre, frei, bispo, Cristo, não digo amém... Não monto presépio, não gosto do vigário, não tenho religião". Apesar dos renovados espasmos da censura, os Titãs não deixaram frestas. Todas as faixas seguem o mesmo espírito destas duas letras.

Rock de protesto?

"A selvageria do disco não é puramente crítica, porque a gente assume e potencializa isso", fala Britto. Arnaldo completa: "Falamos destas coisas (*"Igreja"*, *"Polícia"*, *"Lei"*, *"Família"*, *"Dívidas"* — títulos de algumas faixas), mas sem querermos ser panfletários, ser bons só pelo lance do 'rock de protesto' ". Não é por aí que eles querem o aval da crítica. Mesmo porque não são apenas as letras que estão colocadas de forma direta, objetiva, sem metáforas. A música está integrada a elas e vice-versa. A percussão (Charles Gavin, ex-Ira!) em várias faixas é bem primal, tipo homem das cavernas. O baixo é insinuante, as guitarras (Marcelo Fromer e Toni Bellotto) arranham e arrancam solos marcantes e o teclado dá brilho a tudo. O vocal é um caso à parte, e aí entra uma arma que os Titãs souberam usar muito bem: são cinco vocalistas no grupo — Arnaldo Antunes, Branco Mello, Paulo Miklos, Sérgio Britto (também teclados) e Nando Reis (baixo, ex-Sossega Leão). As vozes se casam, ou se separam, ou se amotinam.

Tudo isso leva tempero de reggae, funk, punk, hardcore, pop e, claro, o pastiche do pastiche que o pastiche merece e, afinal, o grupo gosta. Exemplo típico disso é "Homem Primata".

Mas, para este trabalho se tornar possível, foram necessários quatro anos de estrada. Branco: "Pela primeira vez conseguimos uma unidade, difícil num grupo de oito pessoas". "E o que ajudou a unificar o trabalho foi o espírito em que a gente gravou o disco: como se fosse ao vivo, todos tocando juntos, o vocal na cola, sem emenda", completa Britto. Além do fato deles já estarem vacinados contra o vírus do sucesso, meio à solta por aí. Branco conta o que é passar por esse corredor e sair vivo: "Entramos nessa. Uma coisa que era meio absurda: uma banda ir e se expor para a mídia. Tivemos a coragem e era isso que a gente queria — que tanto o punk do Napalm (finado porão de SP) como a menina lá de Fortaleza curtissem o som. Cada um com sua leitura. E aí vivemos muita coisa em função do sucesso. Foi meio ingênuo, vôo cego, coisa de moleque. E é uma coisa perigosa. Muita gente se perde sem querer. É muito forte, te suga muito quando você se expõe. Mas hoje já desmistificamos isso. Não existe. O sucesso é muito relativo. E, na verdade, nem somos uma banda de *sucesso*, como muitos dizem. Foram apenas algumas músicas massificadas e que, na verdade, não correspondiam ao nosso trabalho como um todo".

Por essas e outras eles resolveram *concentrar* este LP, "que tem uma estética muito definida", fala Arnaldo. "E sem a fragilidade dos discos anteriores", completa Britto. Ele continua: "O repertório foi escolhido via critério de qualidade. A gente foi atrás da capa, participamos do roteiro dos vídeos, palco, cenário... Tudo porque, já que estamos com um trabalho forte, queremos preservá-lo ao máximo".

Rock nacional

Quem abre a parte da discussão que pegou fogo é Branco: "Gosto desta vitalidade que vem do punk. A gente não é punk e nunca foi. Seria falso querer passar essa imagem. Mas assimilamos muita coisa dessa vitalidade, apesar de termos uma vivência completamente diferente da de uma banda como Inocentes, por exemplo. Eu fui produtor deles e tenho um puta orgulho". As preferências citadas são Inocentes, por Bellotto, Branco e Arnaldo; e tanto Arnaldo quanto Charles acham Ratos de Porão um arraso, como estética e intenção. Este último ainda acrescenta que os punks foram a coisa mais original em termos de rock que surgiu no Brasil.

É a vez de Arnaldo falar: "Acho legal ter se fixado um espaço. Se instituiu uma coisa que é *rock nacional*, mas dentro disso tem um gama de coisas muito diferentes. E o mais legal são essas diferenças — vários trabalhos apontando para vários lados, e isso tudo tendo espaço". Sobre o futuro, Branco opina: "Está sendo um tiro no escuro. Este disco pode vender cinco ou cem mil cópias que não vai me surpreender, entende? Como o RPM, uma puta loucura que rolou. Agora, o Paralamas já fez outro lance. Sinceramente, sempre tive respeito por eles porque são bons instrumentistas e de bom gosto. Mas quando vejo um cara como o Herbert assumindo aquela coisa: 'Hoje temos de olhar para cá *(as raízes brasileiras)*. Não vamos mais olhar para lá porque isso tem a ver com isso e o momento é esse. Então, todos aqui comigo'... É uma pretensão, uma presunção que me soa ingênua". Nando entra na conversa: "O rock não é movimento. Teve uma onda de mercado que favoreceu a emergência de um monte de grupos que tocavam coisas distintas. Não é *agora*. É muito mais que movimento. É música". Entra Britto: "A tendência do rock é todo mundo ficar mais atento e mais crítico. Eu ouvi um cara na Jovem Pan falando: 'Olha aqui, o Legião, nosso U2. O Paralamas, nosso Police...' " Branco interrompe para completar: "E tem orgulho disso. É uma vergonha. Pô! A gente até desculpa eles terem imitado o Police no começo. Mas esta história de que vamos trazer o rock para cá... é um pensamento mais que provinciano. Rock independe de terceiro e primeiro mundo. É cultura do jovem, inerente. E este tipo de postura acabou enfraquecendo o trabalho dos Paralamas, que poderia ter vindo superforte". Arnaldo fecha a questão: "Deixa os caras, meu". Britto concorda: "É do nosso trabalho que temos de falar".

O mais interessante da entrevista foi a sinceridade frente aos quatro anos de metiê artístico. Branco: "A gente foi encarando os erros. E acho lindo! Se há erro é para sair errado. Mas está lá, está vivo. E temos muito chão pela frente. Este trabalho não é definitivo, e nem vamos ter um *definitivo*, do contrário anula-se o estímulo para criar".

MADONNA

True Blue

NOVO LP

DISCO DE OURO

100 mil discos vendidos na 1ª semana

MAIOR FENÔMENO DE 1985

Mais de 400 mil discos vendidos do seu Lp anterior LIKE A VIRGIN

Lançamento wea

COCTEAU TWINS

BELEZA SEM PALAVRAS

Em quatro anos de existência, esse trio escocês tornou-se um dos principais grupos independentes da Inglaterra. Por *Cristiano Madureira*

Vamos com calma. Pense no qué não se diz. Aquilo que não deve ser dito. Palavras brancas, beleza, eternidade. Tudo isso soa completamente absurdo. E novamente precisamos de algo que preencha o opaco vazio destes dias calados. Precisamos de coisas práticas. Ou pelo menos colocar coisas em prática. Cabe a nós a escolha da "coisa" certa.

Existe uma banda que se chama Cocteau Twins, nome de uma antiga canção dos Simple Minds. A banda é de Falkirk, uma cidade-nada da Escócia. Seu núcleo são dois amantes, Robin Guthrie e Elizabeth Fraser. No início, em 82, Will Heggie tocava baixo. Ele saiu em 83 e Simon Raymonde entrou em 84. Hoje, juntamente com o New Order e os Smiths, os Cocteau são a banda independente mais bem-su-

Foto Tom Sheehan/ LFI

cedida da Inglaterra. Seus discos são lançados pelo selo 4AD e vendem muito. As capas são verdadeiras obras de arte que misturam texturas naturais, vegetações orvalhadas, substâncias indefinidas, véus, seda e lagos espelhados. São criadas por Vaughan e Nigel, da 23 Envelope, a responsável pelo departamento de arte da 4AD. Os Cocteau gravaram até hoje dois clips, o primeiro deles em um asilo abandonado de estilo vitoriano e o outro em seu próprio estúdio. E os Cocteau Twins fazem música.

Esqueça a calma. Pense no que não se diz. Aquilo que não deve ser dito. Palavras brancas, beleza, eternidade. Nem tudo é completamente absurdo. A música dos Cocteau evoca paisagens perdidas, quase gregas, de tão clássicas e etéreas, alheia a qualquer tempo ou espaço. Uma música completamente particular, apesar da sensação de universalidade e presença, existe realmente música, e essa música dá voltas silenciosas, criando uma orientação circular que intoxica e dá um imenso, inédito e profundo prazer em ouvir música. Uma música de acordes lentos, harmonias azuis e uma tristeza oceânica, entorpecida, suave. Robin acredita que uma guitarra só produz o som ideal quando tratada com muitos pedais e ecos. Elizabeth canta palavras inéditas, que não pertencem a nenhuma língua em especial. Ela as inventa procurando em livros e misturando os seus sons. Sua voz é única. Extremamente suave, ela expressa paixão, tristeza, calma, alegria sem o compromisso do significado. A música simplesmente é.

Os Cocteau são tímidos, irônicos, detestam entrevistas, e quando as dão fazem questão de ser vagos, reticentes. Não acreditam na equação pergunta-resposta. Suas melhores entrevistas são longas conversas com os entrevistadores, onde comentam como adoram gatos, sentem-se péssimos em um palco e gostam de gravar somente de madrugada, já meio bêbados, improvisando em seu estúdio próprio. Seus shows são muitos raros, e muito simples também. Robin liga um gravador com percussão e teclados pré-gravados, toca guitarra, Simon orienta com o baixo e Elizabeth canta.

Garlands, uma coroa de louros tímida e tensa, é a estréia dos Cocteau em disco. Seguem-se dois compactos que desenvolvem as idéias do primeiro LP. No ano seguinte, uma grande mudança. Robin e Elizabeth sozinhos produzem o segundo LP, *Head over Heels*. Majestoso, lírico e muito trabalhado, ele muda a trajetória dos Cocteau, que agora são donos únicos do seu estilo. O primeiro grande sucesso comercial dos Cocteau veio com "Pearly-Dewdrops' Drops", um compacto apaixonado, único, que fez dos Cocteau os favoritos da imprensa independente inglesa. No mesmo ano sai *Treasure*, o terceiro LP, suave, limpo, plácido. O EP *Aikea-Guinea*, do ano seguinte, traz os Cocteau com uma das canções mais belas do ano, a faixa-título. Ela é também a favorita de Robin, que a considera a mais perfeita definição do som dos Cocteau. *Tiny Dinamine* e *Echoes in a Shallow Bay* (mais dois EPs) saem no fim do ano passado, com uma produção impecável dos três e canções profundamente densas, esotéricas e belas. Este ano saiu o LP *Victorialand*. Calmo, silencioso, triste, só guitarra e voz, foi planejado para ser um EP e resultou no melhor momento dos Cocteau. Um LP que fala por palavras brancas, sobre beleza, rabos de baleias e eternidade. Uma música que preenche o opaco vazio destes dias calados e dista do enfado, da repetição, dos excessos, da banalização, da síndrome fim-de-século.

Escute os Cocteau. Não existe nada lançado aqui, mas isso não deve surpreender mais ninguém. Não desista. Eles são simples, iluminados, únicos. Música e oceano em incontáveis doze polegadas.

DISCOGRAFIA

Garlands *(LP), 1982*
"Peppermint pig", 1982
"Lullabies", 12", 1983
Head over Heels *(LP), 1983*
"Sunburst and Snowblind", EP 12", 1983
"Pearly-Drewdrops' Drops", 7/12", 1984
Treasure *(LP), 1984*
Aikea-Guinea, *EP 12", 1985*
Tiny Dinamine, *EP 12", 1985*
Echoes in a Shallow Bay, *EP 12", 1985*
The Pink Opaque *(LP), compilação americana, 1985*
Victorialand *(LP), 1986*

CHEGANDO A

1 MILHÃO

DE CÓPIAS VENDIDAS NO BRASIL!

Sabem por quê?
Quem tem o Lp Brothers In Arms, do Dire Straits,
acredita na qualidade, no talento
e na genialidade de uma das maiores bandas
de rock de todos os tempos.
A causa está aí...
E os números são a merecida conseqüência.

INCLUINDO OS SUCESSOS: SO FAR AWAY, MONEY FOR NOTHING, YOUR LATEST TRICK, WALK OF LIFE, WHY WORRY?, BROTHERS IN ARMS **E OUTROS.**

PolyGram

ENTREVISTA

BILLY IDOL

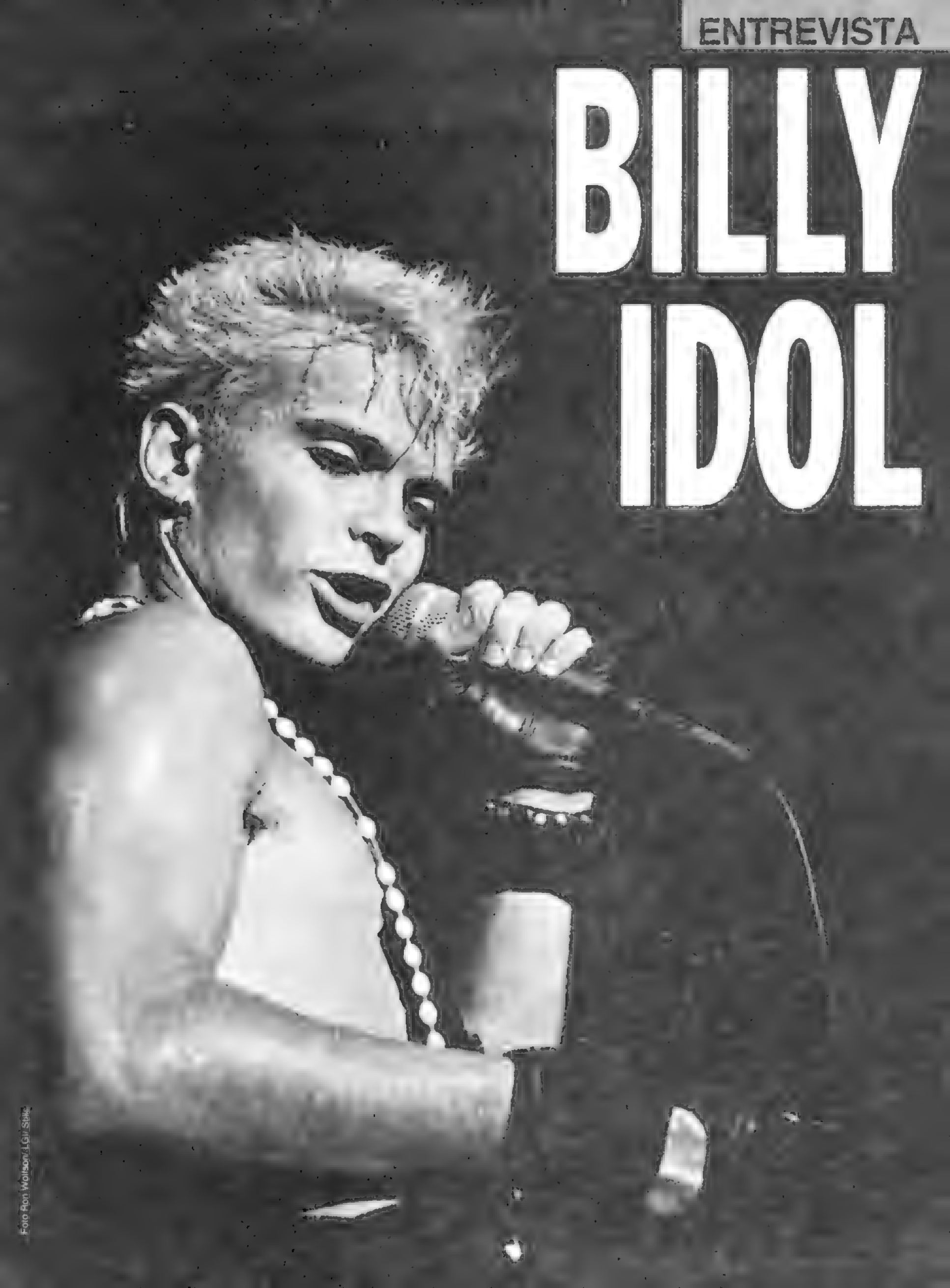


Foto Ron Wolfson/LGI Stock

BILLY IDOL

É difícil dizer se ele habita um castelo ou uma masmorra — há algo de subversivo, mas também, de uma maneira sinistra, de nobre e majestoso em seu jeitão. Pode ser que ele não queira parecer um tipo biruta e irritante, mas também não faz nada para dissipar essa imagem. Uma vez, num restaurante nova-iorquino, baixou as calças para um grupo de fãs que o atormentava com uma série interminável de perguntas; outra vez saiu à rua para saudar alguns fanáticos seguidores e, percebendo que estava totalmente nu, escondeu-se atrás de uma cerca, deixando apenas o traseiro à mostra. Ele jura que só notou que estava sem roupa quando já estava lá fora.

Depois de deixar a Inglaterra e sua banda Generation X, um punk de garagem de certo sucesso, Billy se tornou uma estrela nos EUA, dando início a seus anos de excesso. Seu primeiro compacto, "White Wedding", foi um estouro. Ele era o sonho molhado da MTV tornado realidade — o loiro platinado de traços perfeitos, vestido a rigor em couro sadomasoquista.

Muita gente não conseguia enxergar a menor graça nisso, mas o LP *Billy Idol* foi outro estrondo, assim como seu sucessor, *Rebel Yell,* a trilha sonora perfeita para seu estilo de vida: um urro de desafio na cara da moderação, um incansável e incontrolável teimoso querendo experimentar tudo o que há para se experimentar, fazendo tudo que dá na telha.

Billy mora em Nova York, em um apartamento de um quarto, com um monte de guitarras e uma montanha de livros. Ele tem a melhor foto de Elvis que eu já vi. Na sua geladeira, algumas caixas de leite chocolatado tentam dar uma impressão de normalidade, mas não convencem.

Ele adora um papo, esta sendo a fonte de várias confusões. Billy lhe dirá qualquer coisa que você perguntar.

Então por que diabos resolveu se chamar de "Ídolo"? Era apenas uma piada, uma maneira de brincar com aquela mania punk de dar a si mesmo o pior nome imaginável. Aí William Broad virou Billy Idol.

O cara compõe belas canções. Em seu próximo LP, *Whiplash Smile,* canta baladas, músicas dançantes de arromba e outras do tipo meu-bem-me-deixou-e-estou-tão-triste.

Durante a sessão de fotos, Billy estava aplicando sua maquiagem num corredor estreito que dá para o banheiro. A assistente do fotógrafo passou por ele, a caminho do banheiro. "Você pode deixar a porta aberta, querida", ele garante. "Eu não vou olhar." Por um minutinho, ela pareceu pensar sobre o assunto, mas tomou sua decisão: porta fechada. "Aaah, o que não é encontrar uma mulher que deixa a porta aberta", Billy reclama, com um meio sorriso. "E que fica olhando para você enquanto está lá sentada. Fantástico!"

Steve Stevens

Ele é a única pessoa que entende por que sou assim. Fiquei bem cansado de escutar que Eric Clapton era Deus. Se fosse, onde está ele agora? Ninguém mais me diz que ele é Deus, porque se ele for, Steve é o maior.

Vida Privada

Eu gosto de todas as fofocas que fazem a meu respeito. Mesmo! Elas são muito agradáveis, não? É incrível como num minuto você é sexualmente normal, no outro bissexual e gay no seguinte, e então, MEU DEUS, ele realmente é heterossexual! E então, UAU, acabei de virar um travesti ou coisa parecida. Você encontra as coisas mais ridículas nas fofocas. São tão ridículas que, se você fosse de Los Angeles para Nova York, elas alcançariam você. E se eu for a Londres basta apenas uma semana para de repente alguém dizer: "Você não está com AIDS, está?" E eu digo: "Não, estou apenas indo ao banheiro injetar heroína".

É claro, uso as fofocas porque quero que as pessoas se sintam inseguras. Algumas pessoas. Quero que todas as pessoas do ramo fiquem aterrorizadas. Eles não acham que sou muita coisa. Não sou bobo e elas têm que ficar com medo de mim. E preocupadas.

Entrevista de Annette Stark
Traduzida da *Spin*, com exclusividade para BIZZ

Foto Claude Hassan

Com Nova York ao fundo, a repórter Annette diz que Idol tem, em seu pequeno apartamento, a mais bela foto de Elvis que ela já viu

BILLY IDOL

Insultos e Ofensas

Amo quando alguém me insulta. Significa que não preciso mais ser simpático. Como o caso daquele sujeito, na Alemanha, que trabalhava numa revista punk. Ele tinha um gravador e me perguntou: "Você ainda acha que é um punk?". "Sim", ou algo parecido, respondi. "Por quê?" "Eu tenho atitudes de um punk." E ele disse: "Eu não acho que você é um punk". E eu disse: "Hey, olhe aqui" (mostra como destroçou o gravador com os pés). "Aí está uma atitude punk. Odeio você e vou mostrar isso da pior maneira possível. Enfie este gravador no..."

Filosofia de Vida

Um dos meus maiores problemas é o fato das pessoas não perceberem que nunca trabalhei com prazos na minha vida. A partir do momento em que não sou enraizado em apenas um ponto, vivo uma vida desregrada e nada me aborrece em relação ao tempo. Eu sempre penso: "Prazos não, somente sucessos".

Quando há coisas lhe perturbando, você pode ficar tremendamente inseguro. Porque as pessoas estão sempre te falando "eu vou sempre estar lá". E você acaba trabalhando em cima desta hipótese. Mesmo tendo sempre uma idéia do que quero fazer, ainda assim preciso de apoio. Este é meu terceiro álbum solo na América e muitos dos meus fãs querem que ele seja bom. E eu também. Enquanto isto, o empresário pára de se interessar. Eu e minha namorada brigamos durante toda a preparação deste álbum. Foi um inferno. Mas era isto que eu queria. Eu queria viver.

Fantasias

Sempre fui assim. Nunca fiz isso para ser um astro do rock. Fiz isto para ser Billy Idol porque ele é demais, ele é divertido, enturmado, procura ter idéias e sempre ser empolgante. Pegar esta chance e levá-la em frente é o que realmente vai de encontro ao significado punk. E manter esta posição, é manter-se coerente, limpo. Porque sou o tipo de pessoa que ninguém acreditaria que ainda pudesse estar por aí, presente.

Foto Bob Gruen. Stills

Estou apenas começando a entrar nas calças de couro

Foto Ron Wolfson. LGI Stills

"Você não é punk!", disse-lhe um repórter punk. Billy estraçalhou o gravador

BILLY IDOL

Rock e Soul

Os brancos deviam fazer rock'n'roll — isto é, música branca. Eles não podem realmente fazer música negra porque não são negros. Não porque diferem como pessoas, mas porque têm formas diferentes de vida. Temos uma sociedade desigual, que dá às pessoas brancas uma chance maior. Os negros ainda cantam canções tristes sobre como não têm o direito de fazer nada. E, infelizmente, isto é verdade. Os brancos tornaram positivo aquilo que extraíram do blues.

Live Aid

Foi terrível. Eu não teria aguentado escutar, se estivesse lá. Eu iria pensar: "Ah não! Não eles! MEU DEUS, eles estão tocando aquela canção horrível de novo". Eu teria ficado louco.

Além do mais não estava preparado para participar. Não tínhamos um grupo. Eu queria somente ter apresentado algo de novo, mas não havia nada pronto. Tenho que sentir uma razão real para fazer alguma coisa e não apenas porque alguém está morrendo de fome em algum lugar. Nós fizemos um álbum pela luta contra o câncer, com a MTV, na mesma época. Mas me parece que a idéia morreu. Era uma boa alternativa, melhor do que tentar fazer um monte de publicidade para si mesmo cantando uma música velha e desafinada.

Religião

Cristo era um punk. Dê uma olhada no que ele fez aos judeus. E aos romanos. Tinham mesmo que matá-lo, não tinham?

Eu bem que gostaria de transar com todas estas pessoas religiosas que ficam falando que sou um anticristo. Por isso, todas as letras (do álbum *Whiplash Smile*) são religiosas. "Soul Standing By" e coisas do gênero. Você sabe o que quero dizer? Agora que venham elas e me ataquem.

Foto Vee LGI Stils

Por que "Idolo"? Uma piada, com a mania punk de dar o pior nome a si mesmo

Foto Vinne Zuffante Stils

Billy dá uma canja na bateria no Limelight, N.Y

BILLY IDOL

Heavy Metal

Não suporto o heavy metal. É anti-americano. Repugnante. Eles nem têm miolos para sequer começar. Era fantástico escutar o Black Sabbath quando eu tinha quatorze anos. Um ano depois já estava cansado. Quero dizer, gosto de heavy metal no sentido de que é pomposo, alto e barulhento. Mas aqueles cantores não têm nada a me dizer. E talvez estejam fazendo um novo álbum. Imagine se eu vou comprá-lo...

Não quero que pareça que estou com medo da competição. Não tenho culpa se alguns não gostam do que eu disse, é assim que são as coisas. Talvez digam que não gostam de mim e então teremos alguma reação da parte deles. Precisamos de antagonismo, às vezes. Isto faz com que a música vá sempre em frente.

Crítica e Verdade

Geralmente dou minhas risadas com críticas negativas. Mas há sempre algo de correto nelas. E então você tem que engolir em seco porque os críticos não vão dizer TUDO errado.

Você não pode captar o real valor do rock'n'roll quando escreve a respeito dele. É como se você tivesse na mão uma máquina fotográfica e todos escolhessem você para tirar as fotos. Você não pode mais estar na foto. Você tem que TIRAR a foto. Uma vez sendo preciso observar, não se pode mais estar envolvido.

Grito Rebelde

Uma das coisas que me ligam à América é que aqui eles não têm os mesmos preconceitos em relação à minha música. Não é "Oh, Billy se tornou meio americano". Nas rádios americanas eles diriam: "Elvis (Presley) é o rei do rock'n'roll, comoveu milhões de pessoas e irá viver em nossos corações para sempre". É demais. Na Inglaterra diriam apenas: "Ele engordou..." Tive alguns probleminhas em casa. Eu disse ao policial: "Se isto continuar, vou ter que parar de fazer música". Ele disse: "Não desista, cara. Você está fazendo um bom trabalho". Na Inglaterra seria: "Aposto que você está tomando drogas e sendo desagradável. Vá fazer o seu trabalho".

Foi bom escutar alguém dizer "não desista". Porque eu não quero desistir. Estou apenas começando... Estou apenas começando a entrar nas calças de couro. Aprendendo o que elas significam.

BIZZ — *Não é difícil vestir todo esse couro no verão?*

Billy — Bem, me faz suar. Mas faz parte.

Foto Bob Gruen Stills

Uma boa voz, um ótimo performer, uma música forte e músicos de quilate. Receita fundamental para um artista bem-sucedido

BILLY IDOL

Punk

Fui a um grande festival de rock quando tinha quatorze anos. Três dias, 24 horas de música por dia. Músicas muito antigas e mais ou menos três pessoas dançando. Estava muito frio e eu só pensava: "Estou sentado aqui com duzentas mil pessoas e não quero escutar esta porcaria". Anunciaram os Faces e todos saudaram. E aí essa mulher, Julie Felix, entrou — ela canta músicas infantilizadas do tipo "Zoológico, zoológico, estou indo ao zoológico", e a moçada gritava "hurra!" Aí eles anunciaram Marc Bolan e todo mundo vaiou. Então o velho Marc veio e disse: "Por que vocês não vão todos se f...?" E aí ele tocou todas aquelas músicas geniais. A audiência delirou — ele teve que dar um bis de trinta minutos. Os hippies nunca escutaram, durante muitos anos, alguém mandar eles se f... Mas o que ele queria dizer era: "Hey, vocês são todos hippies e devem dar a todos uma chance igual".

Ele simplesmente praticou o que nós hoje chamamos de "movimento punk". Ninguém jamais havia feito isto antes.

Verdade Cruel

O grande Mars Williams veio nos ver em Denver e depois do show veio correndo como se algo terrível tivesse acontecido. Ele disse: "Billy, o que há de errado com você?" E ele emendou: "Você não desafinou. Nenhuma vez". Ah, por que eu nunca tinha conseguido isso. Não é uma grande coisa para se dizer?

Tudo pela Arte

Aquele livro do Hemingway, *A Farewell to Arms* (Adeus às Armas), que grande música! Numa canção você pode fazer o que um romance faz somente por ter a emoção com a qual está cantando. Com música você pode sempre passar o significado, mesmo se cantar desafinado a noite toda. Por isso nunca pensei em fazer das minhas letras poesia. Tenho o orgulho de serem apenas letras. Ao inferno com poesias, porque são praticamente uma coisa morta. Mas eu amo a Arte. Apenas acho que é uma coisa inconsciente. Um pintor se perde quando faz um quadro e isto é exatamente o que fazemos numa faixa de disco. Não estamos apenas pensando: "Hey, espero que façam das minhas letras poesias". Eu penso: f... a Arte, vamos dançar.

Foto Liaison - Gamma/ Sigla

Billy achou que seu visual e cabelos espetados iriam prejudicá-lo no acesso à mídia. Que nada! Este foi um de seus pontos fortes

BILLY IDOL

Polivalência

Eu acho que a única força que existe é a minha própria. Força para ser capaz de dizer: "Sim, eu posso fazer isto". Mesmo se não tiver essa certeza. Você não pode apenas pensar o tempo todo que todos sabem mais que você. Porque eles não sabem.

Trabalho Duro

Acho que eu poderia tentar ser um astro de cinema pornô e pagar por isto depois. Mas não é disso que são feitas as gravações de discos. Estou atrás é das melhores gravações. Quero que as pessoas sejam capazes de me escutar daqui a dez anos e dizer:"Hey, isto ainda é bom de se escutar".

Na época deste *Whiplash Smile*, eu tive coisas normais com que me preocupar. Do tipo "Meu Deus, há somente cinco músicas e todas têm vinte minutos de duração". Temos lutado as mesmas batalhas, mas sem ajuda. Isto faz com que as coisas andem vagarosamente. Sou apenas uma pessoa normal. Só consigo compor no meu ritmo. O que não é rápido. Mas quando deslancho...

Você entende, eu não vou aceitar alguma coisa que não seja o que gosto de escutar. Se eu fizesse isto, iria acabar me odiando. Sammy Davis Jr. disse que fez quarenta LPs, mas só gostou de quatro. E aí disse: "Gostaria de ter todo o tempo que gastei no estúdio novamente".

Eu nunca quero dizer uma coisa dessas.

Tony James

Não pude acreditar quando li que Tony (ex-Generation X, atual mentro do Sigue Sigue Sputnik) disse: "Billy está um pouco fora de moda, agora". Enquanto isso ele usa o velho excêntrico Giorgio Moroder e eu uso Keith Forsey, o novo excêntrico. Mas foi realmente ruim. Eu estava quase para mandar o telegrama: "Grande n.º 1, Tony!" Uau!

Foto Claude Gassian

Da gangue Bromley Contingent, freqüentador da Sex e fundador do Generation X, Billy foi para Nova York para se tornar um "Idol" de fato

BILLY IDOL

Rei do Rock

O rock me acrescentou muito. Muitas pessoas tentam fazer ele significar algo diferente. Marc Bolan morreu decapitado, embrulhado em volta de uma árvore. Mas ele deixou algumas grandes músicas. James Dean deixou grandes filmes. E se ele era homo ou bissexual ou do tipo que fica em cima de uma moto, do lado de fora da igreja enquanto a menina se casa, não importa realmente. É sobre o espírito dele que queremos saber. Eu apenas acho que muitas pessoas tentam manter este espírito fora do rock'n'roll por muitas razões. Eles não sabem o que é. É difícil manter este espírito quando você tem de pensar em coisas comerciais do tipo: "Hey, se este disco não vender mais em junho?" Na época do Generation X, os compactos entravam entre os "30 Mais" e depois sumiam. E toda vez que ficava tentando saber por que, respondiam: "Bem, um sucesso chega lá por si só". Agora posso jogar isso de volta na cara deles. É claro, sei que não é verdade. Um bom compacto chega lá por si só. Mas é todo um esforço conjunto. É exatamente o pensamento do vendedor: "Bom e velho Billy, não nos deu apenas uma porcaria para vender".

Vídeo

Quem é que se preocupa se os vídeos não são muito bons? Ou se eles são grandes repetições? Ninguém parece perceber que o importante é que os músicos estão pouco se lixando. A razão pela qual me separei de meu empresário é porque ele queria fazer produções em filme. Por que deveria eu querer ser um ator? Eu estava contando com a piedade de todos. Eu nunca poderia pegar o roteiro e ficar lá falando minha parte. Eu iria querer estar envolvido. Detesto isso na minha música e seria estúpido desistir dessa minha opinião. Quando estávamos pensando em fazer o filme *King Death*, fomos a Hollywood e disseram que iriam nos dar a grana. Então descobrimos que o que eles queriam era 8% no meu álbum. Eu fico apenas com 12% e ainda dou um pouco para Steve (seu guitarrista). Então era isso que eles queriam. A grana e o poder do rock'n'roll! Hollywood quer nosso dinheiro! Vamos ficar com a música e deixar eles se virarem.

* E continuam os [illegible] **Ronnie James Dio** sobre [illegible] de **Vivian Campbell** após anos de convivência: "Dei dele uma estrela e agora ele me vem com essa de não querer ser um herói da guitarra, justamente o que a banda mais precisa. Ele comete uma série de erros pois é jovem e tem um ego muito forte. No álbum *Sacred Heart* ele tocou como devia mas era como se não estivesse ali". Por sua vez, Vivian está formando grupo novo, acertando com uma gravadora e nem fala muito do assunto, preferindo descansar em sua casa em Belfast enquanto nada acontece: "Agora terei minha própria carreira. Só acredito em fatos concretos e para mim basta minha boa reputação de músico. Quero criar meu próprio som".

* Agora em junho foi lançado nos States e no Reino Unido, um mini-LP ao vivo com material gravado em shows na Califórnia em 85 com Vivian estraçalhando para Dio em seis dos maiores sucessos da banda até então. Dio incluiu nesse míni "Time To Burn", composta e tocada com seu novo guitarrista **Craig Goldie** (ex-Giuffria e Rough Cutt). O título do míni é *Intermission*. Já na recente tournée inglesa de Dio (junto com o grupo Keel), Craig estreou em shows da banda.

* Já o guitarrista irlandês **Gary Moore,** mesmo abalado com a morte do amigo Phil Lynott, prossegue com seus planos em que não se incluem turnês longas, apenas algumas apresentações junto com **Marillion** e **Jethro Tull** como a do último 28 de junho no Milton Keynes Bowl de Londres e aberturas para o **Queen** em Estocolmo, Munique, Colônia e talvez Finlândia em agosto. Na sua banda estão **Bob Daisley** (baixo, ex-**Rainbow, Ozzy** etc.), **Gary Ferguson** (bateria) e **Neil Carter** (teclados).

Chuck Wright [illegible] no baixo, o **Quiet Riot** está para lançar *QR III*, seu novo disco, desmentindo assim os boatos sobre o fim do grupo que ocorriam desde a saída de **Rudy Sarzo** e a fracassada excursão pela América do Sul no início do ano passado. Chuck já trabalhara com o Quiet no disco *Metal Health* de 83 e estreou com o pessoal em janeiro último em Acapulco num festival que incluiu o **King Kobra** e o **Precious Metal.**

Foto LFI

O Quiet Riot, ainda com Rudy Sarzo: entra agora o baixista Chuck Wright

Ilustração Cleber Garcia

* O baterista do Motley Crue, **Tommy Lee,** casou-se em maio último e deu uma festa recheada de stars do rock americano atual. E foi passar três semanas de lua-de-mel no Caribe. Aproveitando a folga do grupo, o vocalista **Vince Neil** cumpriu em junho último trinta dias de prisão, parte daquela sentença do julgamento do acidente de carro que causou e no qual morreu o batera do Hanoi Rocks, **Nicholas Razzle Dingley.**

Foto LFI

Motley Cure em folga casamenteira

* O black-trash **Slayer** está de casa nova, a Def Jam Records, subsidiária da CBS, e o pessoal já está em estúdio gravando novo material demoníaco.

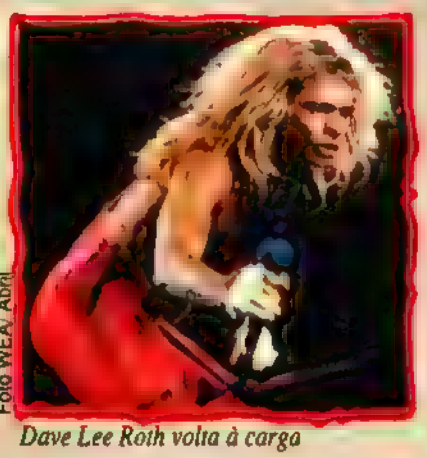


Foto WEA/ Abril

Dave Lee Roth volta à carga

* A resposta artística de **David Lee Roth** aos Van Halen vem vindo aí. David apresenta sua nova banda, que está com ele gravando na Warner um LP produzido por **Ted Templeman** (também ex-Halen): **Gregg Bissonette** (ex-batera de algumas bandas de jazz de Los Angeles), **Billy Sheehan** (ex-baixo do Talas e do Ufo) e **Steve Val** (como sabemos, ex-guitarrista de Zappa e Alcatrazz).

* Depois de três anos sem LP de estúdio, **Lemmy Killminster** e seus asseclas do **Motorhead** estão de gravadora nova, a independente GWR, e novo LP lançado em junho, *Riding with the Driver*, com produção de **Bill Laswell.** Precedendo o LP saiu um compacto cujo lado B trazia o grupo ao vivo. A GWR já contratou também a **Girlschool** que breve lançará também novo trabalho.

* Saiu em junho em Londres o *Hear'n'Aid* (álbum daquele projeto metálico pró-África), incluindo músicas cedidas por **Dio** ("Stars" e "Hungry for Heaven"), **Accept** ("Up to the Limit"), **Motorhead** ("On the Road" — no show de 10.º aniversário da banda), **Rush** ("Distant Early Warning"), **Kiss** ("Heaven's on Fire") **Y & T** ("Go for the Throat") e **Scorpions** ("The Zoo"). A maioria das faixas gravadas ao vivo. Existe também uma faixa de estúdio com **Jimi Hendrix** em "Can You See Me" que gostaríamos de saber se foi cedida *espiritualmente*.

* O retornado **Angelwitch** já trocou de baterista. Agora é **Spencer Hollman** que entrou em lugar de **David Hogg** para os trabalhos do novo LP a ser lançado em breve, *Frontal Assault.* *Leopoldo Rey*

Foto Simon Fowler/ LFI

A antiga formação do Angelwitch

DJAVAN

O INTERNACIONAL

Sem as trancinhas e totalmente acústico, ele volta à carga, impulsionado por acolhidas mais que favoráveis na Europa, EUA e Japão.

Foto Maurício Valladares

Durante dois anos ele ficou longe dos palcos brasileiros e não gravou disco algum. Estava querendo levar uma vida normal, descansar, compor sem sentir pressões e com a capacidade de avaliar seus próprios passos, pois "quando a gente está na efervescência do sucesso escolhe pouco e mal". O fruto desta parada foi o álbum *Meu Lado*, onde, aos 37 anos, Djavan se reencontra com seu violão e parte para uma sonoridade mais acústica, abrindo mão dos teclados que caracterizaram seus últimos discos.

Muita gente viu em *Meu Lado* uma volta às raízes, uma retomada do caminho iniciado com "Flor de Lis", o primeiro sucesso de Djavan.

Mas para este cantor/compositor vindo de Maceió — onde vivia rodeado por xotes e baiões antes de passar quatro anos como crooner nas boates do Rio de Janeiro — "todos os ritmos musicais são raízes. As pessoas dizem que eu voltei às raízes para justificar a afirmação de que eu tinha me americanizado. Não aconteceu nem uma coisa nem outra. No Brasil, todo mundo acha que os artistas que estão buscando novos sons e entrando em contato com artistas americanos estão se americanizando. Não foi assim com o Tom Jobim?"

Esta suspeita de perda de identidade, combinada à baixa vendagem de *Lilás* (185 mil cópias vendidas, contra as 440 mil cópias do disco anterior, *Luz*), em nada afetou o desenvolvimento da carreira de Djavan no exterior. Num determinado mês de 1985, *Lilás* era o vigésimo disco mais vendido na loja Tower Records, em Los Angeles. A música constante no álbum estava influenciando artistas como Carly Simon, Paul Simon, o multiplatinado Michael Jackson e o produtor Quincy Jones, que, afinal, acabaria virando mestre-de-cerimônias na entrada de Djavan no mercado norte-americano, através da editora musical que ele administra.

Há cinco anos vendendo regularmente bem na Europa, Djavan começou a entrar no mercado americano há pouco tempo, com uma turnê em 1984. Para ele este é um mercado fundamental, pois os Estados Unidos representam a metade da praça internacional, embora "difícil, principalmente para quem canta em português. Ainda não pude avaliar exatamente o que está acontecendo, mas como vou fazer uma turnê no fim do ano poderei verificar como vão as coisas mais de perto".

Djavan também vem trabalhando o Japão — onde se apresentou no início deste ano numa miniturnê vitoriosa —, e no dia 3 de julho partiu para Paris, um dos doze artistas brasileiros convidados a participar do projeto de intercâmbio cultural França-Brasil. No começo de agosto, porém, retorna ao Brasil para fazer shows em São Paulo, no interior do país e, quando outubro chegar, ocupar o Canecão, no Rio.

Perguntado sobre o forte condimento pop de seus dois últimos discos, Djavan tem uma explicação. "A vida só tem sentido quando se está catando, futucando", diz ele, "indo ao fundo do poço e redescobrindo as coisas. Quando gravei *Lilás* estava envolvido com os teclados, buscando o novo. Aí queria usar tudo, esgotar todas as possibilidades. Mas quando a gente elabora um disco passa sempre por uma fase. Por isso *Meu Lado* é acústico. Senti que devia ser trabalhado assim, já que nesses dois últimos anos todas as minhas novas composições puxavam para o violão."

E nesta fase recente não faltou uma reestruturada visual. Djavan abandonou seus *dreadlocks*, marca registrada, e, com isso, se desinibiu. "É bom poder ser uma pessoa normal", conclui sorrindo.

Alita Sá Rêgo

JORGE BEN

20 ANOS DE SAMBA NA GUITARRA

Ele tem sido citado freqüentemente como a verdadeira fonte do pop brasileiro e acaba de lançar mais um disco com seu inconfundível toque-batuque. Antes de embarcar para alguns shows em Nova York, abriu uma brecha para este papo

Foto Paulo Vasconcellos

"Eu sou da era Beatles, pô!" é o máximo em termos de declarações enfáticas que se pode arrancar da suave simpatia chamada Jorge Ben. Não fosse ele o músico genial que lota teatros na Europa e no Japão, teria dado um bom diplomata.

Big Ben está se referindo justamente à marginalização que passou a sofrer no programa *Fino da Bossa* — santuário televisivo da "pura MPB" no começo dos 60 — quando trocou seu violão por uma guitarra. Pior que isso: deu para freqüentar a *Jovem Guarda* (diga-se de passagem, na mesma emissora).

Mas que nada. Do Fino da Bossa para a Jovem Guarda para a Tropicália, ele sempre foi Jorge Ben. Talvez o único brasileiro, além de João Gilberto, a criar um som pessoal e intransferível. (Ambos são vítimas freqüentes da obtusa crítica de que estariam "fazendo sempre a mesma coisa".) Pergunto então sobre o LP *Sacundin* (64). A exuberante vitalidade do disco parece ligada — desde o subtítulo *Samba Esquema Novo* — ao desejo de modernizar o ritmo brasileiro um passo adiante do terreno conquistado pela bossa nova.

"É verdade. Eu ouvia Beatles e rock tradicional — Elvis, Little Richard — mas estava sempre na escola de samba. Aí, eu ficava atento ao surdão — era diferente do bumbo da bateria na bossa nova, que era frio, sem peso. Tentei várias vezes trazer isso de volta. Fui gravar com os Fevers e disse: 'Eu tô com uma jogada aqui, que se danem se caírem em cima (depois caíram matando mesmo), tudo elétrico — guitarra, baixo, piano — e a bateria tem de fazer um bumbo como o da escola de samba. Em cima fica à vontade, mas embaixo tem que ficar aquele *chão*'. Foi assim que saiu esse disco, e de lá para cá eu só vim me aprimorando."

E agora, vinte anos depois, ele recebe o reconhecimento da nova geração, principalmente os Paralamas. E aí, Jorge? "É gratificante. Estive com eles no *Chico e Caetano* e o Herbert me falou que gosta muito do *África-Brasil*, meu último trabalho para a Polygram (78). Acho que eles se vêem como uma continuação disso..."

Influências à parte, *Ben Brasil* — o novo LP — marca uma nova guinada numa seqüência que vai da farta metaleira de *Salve Simpatia* (79) ao uso e abuso da eletrônica nos dois últimos LPs. Você foi um dos primeiros a usar o Emulator (teclado sampler) no Brasil, não é Jorge? "É. Foi lindo. Agora já tem outros aparelhos mais avançados." Mas o disco novo está mais acústico... "É, mas até a parafernália eletrônica está fazendo som acústico agora! (risos) É que as letras das músicas pediam isso e também tem o João Donato, junto com o Mu, que é um grande pianista. Eu sempre quis trabalhar com ele."

Uma preciosidade de *Ben Brasil* é o casamento promovido em "Dança que Isso É Sambafoxé", onde cita vários *popstars* africanos — Ray Lema, Touré Kunda, Salif Keita. Big Ben dá a origem da homenagem: "Nós participamos juntos de um festival na Argélia. Grupos árabes, africanos e da América Central — eu era o único brasileiro. A música africana só ficou conhecida no Brasil com a Miriam Makeba, mas tem coisas incríveis agora. Bem tribal, com peles de antílope e tudo mais, com sintetizadores na frente".

Andaram saindo também alguns rumores de que você e o Gil estavam para fazer outro disco juntos... "Era para ser esse ano, mas o Gil está cheio de trabalho, também precisa resolver o lance de agora estarmos em gravadoras diferentes..."

Pois eu sempre ouvi um boato de que aquela obra-prima nasceu ao acaso, os dois improvisando numa festa etc. e tal. Jorge sorri: "Foi uma festa para aquele guitarrista inglês, famoso, que estava aqui lançando um disco. Eric Clapton, é isso aí! Ele até que não foi muito simpático, não quis tocar, todo mundo lá para ver ele em ação. Aí eu e o Gil começamos a fazer um som e veio a idéia: por que não fazer isso no estúdio amanhã? Fomos os quatro — tinha o Djalma Correia, percussionista, e o Wagner, baixista — e gravamos tudo num só dia. Até hoje na Europa falam desse disco e perguntam se não vai haver outro". *J.A.L.*

ESTILO ROCK

MÊS PASSADO, DEMOS UMA GERAL NOS ANOS 60. AGORA É A VEZ DE QUEM FEZ A MODA NOS 70

DAVID BOWIE chegou ao estrelato com o estilo glitter — lançado por Marc Bolan e adotado também pelo Roxy Music de Bryan Ferry —, uma profusão de maquiagem, tintura capilar, plumas, paetês e androginia generalizada. Em 74, mudou-se para a América, preferindo sóbrios ternos

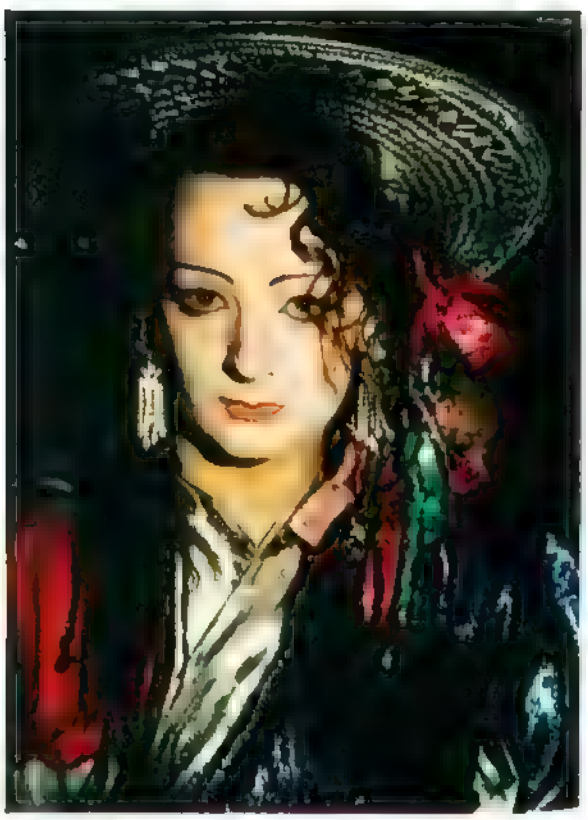


Foto LFI

Nos anos 80, os órfãos do *glitter rock* apareceram com uma extensão lógica do "movimento", batizada de neo-romantismo. BOY GEORGE chegou a provocar reações furiosas nos EUA, como a de um pai que escreveu à imprensa dizendo que "aquilo" transformaria seus filhos em travestis

Foto Abril

1976. Os SEX PISTOLS tomam o rock de assalto produzidos por Malcolm MacLaren e sua esposa Vivienne Westwood (hoje estilista de renome). Um casamento do lixo da sociedade de consumo — plástico, alfinetes, correntes — com toques dos anos 50. Na foto, Johnny Rotten exibe um visual de rocker: paletó rockabilly e topetinho gomalinado, enquanto Sid Vicious traja um punk clássico, na combinação pele de onça sintética com sutil colar de cadeado

Foto LFI

Foto Claude Gassian

O rock alemão dos anos 70 não foi apenas uma forte influência musical para os 80, presente no tecnopop. O correspondente visual de andróide — pilhado, entre outros, pelo Devo — foi lançado, com a impassividade de um *rigor mortis*, pelo quarteto liderado por Ralf Hutter e Florian Schneider — o KRAFTWERK

À frente do punky pop nova-iorquino Blondie, DEBBY HARRY reviveu, com matador esplendor, o estilo "vênus platinada" ou "blonde bombshell" consagrado no cinema por Jean Harlow e Marilyn. Seja no velho e amendigalhado visual ou no novo, nem a dona Madonna nem sua provável sucessora Patsy Kensit chegam aos pés da cool ao cubo sensualidade de ms. Deborah

Foto Paula Parisi Retna

Modelo, antes de aparecer fazendo o gênero sado-masô na era *disco*, GRACE JONES teve todo o seu visual produzido por um *expert*, o francês Jean-Paul Goude. Não tem estilo, *é* estilo: passeia como um cabide suscetível apenas a criações originais e exclusivíssimas, invertendo muitas vezes a androginia *glitter* e *new romantic* com uma masculinidade tenebrosa, como pode ser visto no vídeo obra-prima *One Man Show*

MORRISSEY e os Smiths entraram de sola na pomposa vitrine de estilos em que se convertera o pop dos anos 80, como uma alternativa de autenticidade e sensibilidade mais fundas que o pele. Fã número um de James Dean, o cantor inglês surgiu combinando os mais estropiados jeans com camisas de seda e um sutilíssimo toque de psicodelismo: o colar de contas

Foto Reprodução Stills

Mr. Style em pessoa, BRYAN FERRY surgiu com o Roxy Music entre a legião *glitter* de 72/73. Um ano depois, porém, declarava o gênero "barateado e banalizado" e chocava o puritanismo ao avesso do rock posando de smoking à beira da piscina de uma mansão em Beverly Hills para a capa de seu disco solo *Another Time, Another Place*. "Me sinto muito melhor no estilo Casablanca", foram suas últimas palavras antes de adotar até hoje a linha *gentleman* clássica

Foto Paul Cox 1981

AO VIVO

WATERBOYS

Foto Reina Pictures Ltd

Esculpindo sons

Royal Albert Hall (Londres) 25/04/86

Esta, possivelmente, será uma das grandes bandas do final dos anos 80. Tem o feeling certo, a *intensidade* certa e até o *front man* carismático indispensável. Mike Scott, cantor, compositor, guitarrista, pianista e arranjador dos Waterboys, tem pretensões épicas e parece um poeta solitário — longos cabelos, olhar perdido e provavelmente uma obra-prima em *pocket book* no bolso do sobretudo cinza. Scott é basicamente um modernista, na linha de Bono Vox, Morrissey, Ian McCulloch e os inescrutáveis irmãos Reid do Jesus And Mary Chain. Um escultor de sons no espaço, um artesão sonhador vagando entre minimalismo e construções monumentais. Ou seja: um esteta.

Refinado como uma aquarela de Blake, Scott não pode ser, naturalmente, um bombom para milhões. Este é o primeiro ano que os Waterboys lideram sua própria turnê. Estão no terceiro LP, dos quais o último, *This Is the Sea*, é quase uma obra-prima pop. São a *cult band* dos universitários ingleses — o próprio Scott foi aplicado aluno de Inglês e Filosofia na Escócia.

Pose? Nada disso. Apesar da bacanália sonora, do *wall of sound* construído em cima de piano, violão acústico, violino e sax, um show dos Waterboys chega a ter puro rock'n'roll ou climas próximos de Neil Young, de quem Scott seria um remoto contraponto tardio. Ele é um arranjador extremamente virtuoso, orquestrando suas fartas cachoeiras poéticas com massas de guitarras acústicas, percussões pomposas, aquele baixo de fazer vibrar qualquer espinha — uma estética do excesso que no entanto parece tão natural quanto a estética da ausência privilegiada pelos Bunnymen.

Ao vivo, os Waterboys emocionam, chegam a se arrastar, mas também conseguem produzir uma inevitavelmente saudável demência dançante. Scott — de calça de couro, seu uniforme — lembra Young, Dylan ou até mesmo *The Boss*, mas com um ar baudelariano que escapa aos superídolos *made in USA*. Os americanos continuam apaixonados pelos épicos instantâneos de U2 e Simple Minds. Se Scott arriscar um pouco mais, e ao mesmo tempo conseguir um *hit* de rádio, chegará a este Olimpo. Mas veja lá, *Scott man:* não me vá afundar com este soberbo tumulto acústico contratando um produtor de discoteca. *Pepe Escobar*

CRAMPS

Garagem sexo

Hammersmith Palais (Londres) 01/06/86

A massacrante avalanche sedutora dos Cramps organiza-se em torno de um só tema: libido. Imaginem uma banda capaz de tocar em Londres, para a arqui-sofisticada garotada que já viu *tudo* na vida, e descabelá-la aos três primeiros acordes (desafinados). Os Cramps — ultimatos no que a sórdida/luxuosa Los Angeles tem de mais *trash* — levam a anarquia libidinal/rocabilística às últimas conseqüências.

A elevação de subculturas pop a status de culto é um dos mais desorientadores fenômenos dessa época pós-tudo. Os Cramps rock e rolam com esse mix, daí seu fascínio até para o mais *non plus ultra* do universo pop. Os Cramps voltam e atacam no nervo da faísca rock: seu lema é *bad music for bad people*. *Bad*, na gíria negra americana, é o máximo do cool, como também pode ser uma malvadeza no sentido transgressivo. Os Cramps brincam e falam de sexo abertamente, o que numa época de liberalismo superficial é uma tremenda transgressão.

Ao vivo, é o caos. Lux Interior — um Elvis junkie, alucinado e literalmente babando de demência — comporta-se como um chimpanzé no cio. Bourbon barato escorrendo na goela e calça de couro escapando da bunda. Nick Knox, *ray-ban* e estatuesco, bate minimal a bateria de colégio. Fur (*pele*, pode ser de urso ou de esquilo), gata moicana de biquíni e pernas sensuais, baixista eventual, faz cara de *pin up* classe X em êxtase. E Poison Ivy, esposa de Mr. Lux, odalisca de Gibson semi-acústica e salto alto dourado, exorciza demônios de pântanos e noites marcadas na carne.

É como um ritual vudu: desencontrado, perturbador, suarento, assustador. Quando a dança da tribo — essência do rock, intuição *negra*

Foto Pepe Escobar

— evoca as raízes, é impossível qualquer raciocínio. Os Cramps semeiam uma energia psicodélica. Mandam "alôs do inferno", querem ir "mais longe do mais longe possível", brincam com os baixos-ventres de todos os sexos, veneram venéreos desperdícios hedonistas. Segundo um critério racional, são uma banda de garagem desmiolada. Segundo nenhum critério, são o próprio espírito do rock'n'roll — essa navalha na carne e na alma que nos deixa de quatro. P.E.

PiL

Amarga lucidez

Academy (Londres) 27/05/86

O PIL, ao vivo, é um perigo. Nenhuma banda no mundo seria capaz de comportar o cidadão John Lyndon impunemente. PIL ao vivo em qualquer cidade européia ou americana é uma coisa. Em Londres, é um caso de divã. E, na fornalha racial de Brixton, é um Chernobyl. Nesse show, o ar pesava como chumbo. Extrema violência — a ponto de gerar um tumulto barra pesada e silenciar metade do sistema de som. Tudo voou para o palco, em uma hora de tensão no limite. Claro, no palco estava um equivalente humano de *Guerra nas Estrelas:* o chiquíssimo, perigosíssimo, imprevisível Mr. John "meu cabelo é uma plantação de cenouras" Lydon, ex-Rotten.

Ele é de uma cegante lucidez. Deu a entender que este show em Londres era uma definitiva confrontação. Os hiper-pós-qualquer coisa e os hippies e punks nostálgicos encontram o suposto totem da geração *no future*. Uma década depois, qual é o estado das coisas?

Um calafrio. Uma sensação de paralisia. Nunca vi um lúcido performer pop tão sinceramente amargurado: "Ainda cuspindo, depois de todos esse anos. Vocês não valem nada..." Explicando e elaborando cada letra das *canções* (ele até tomou aulas de canto...) de seu *Album*, John botou sua platéia no divã, resumindo em alguns acordes de esquizo-heavy-dub uma década de música pós-Johnny Rotten. Deu pose, cuspidas e perplexidade. Johnny, um triste cowboy californiano, sacou sua pistola e fuzilou a platéia, como o grito e as balas de Sid Vicious em "My Way".

O povo queria a ilusão do punk — e John lhes deu locomotivas heavy metal, possessões vudu, orientalismo delicado, funks de vanguarda estilizados. Com uma seção rítmica de *background* jazzístico e um meticuloso John McGeoch (ex-Siouxsie e Magazine) na guitarra. Soube que no show de Paris ele cortejou hippies e lhes dedicou flores. Para os radicais londrinos ofereceu "Kashmir", do Led Zeppelin, como abertura. Ou seja: o símbolo de toda a concepção de mundo contra a qual os punks se revoltaram. Lydon faz a serpente engolir o próprio rabo em "Round", a hipnótica "Kashmir" do PIL. E a suprema provocação é sua maneira de *declamar* certas coisas: em "Rise", seu manifesto anti-apartheid, faz a pose de espantalho, braços abertos, microfone estendido à platéia, conclamado com a voz de serra elétrica: ANGER IS AN ENERGY! (A raiva é uma energia!). Só poderia fritar cabeças. Essa raiva é *outra coisa*, e essa energia é para subverter o futuro. P.E.

CAETANO VELOSO

Longe do rock

Palace (São Paulo) 04/06/86

Na atual proliferação do rock nacional, Caetano Veloso jamais se atreveria a subir num palco com uma banda para mostrar, entre outras coisas, rock'n'roll. Nem a idade permite — embora Keith Richards e Mick Jagger mostrem o contrário. Mas são os únicos. Neste show era Caetano e mais ele, solo e mais solo. Tanto melhor e melhor impossível. Que falem as más-línguas — ele tem carisma e repertório invejáveis.

Com uma luz e som perfeitos, Caetano se apresentou com o característico despojamento e fez um *flash-back* das pérolas da nossa bossa. Entre outros, interpretou Carlos Lyra, Orlando Silva, Vinicius de Moraes... Fora as de próprio punho, a começar por "Sampa", passando por "Terra" até "Vaca Profana". E a homenagem a Paulo Ricardo, do "Repemê", como ele mesmo disse, cantando "Olhar 43" em arranjo bossa.

Uma das claras intenções de Caetano foi dar ao público um pouco do sabor de João Gilberto, já que o original quase nunca se apresenta ao vivo. "Mas, se eu tocasse e cantasse como João, seria tão fresco como ele", comentou logo depois das primeiras músicas.

De pé, lançando beijos à platéia, Caetano Veloso se despede... E volta para o bis, nada surpreendido com o pedido. *Sônia Maia*

Foto Geraldo Luiz Gomes

DURUTTI COLUMN

Elegância e paradoxo

Albany Empire (Londres) 08/06/86

Durutti foi o magnífico libertário da guerra da Espanha em 1936. Um aristocrata anarquista. O herói da autonomia catalã. Um homem extraordinário. Durutti Column é como se fosse uma homenagem da melancólica Manchester a este personagem singular. Durutti Column é basicamente Vini Reilly, um anoréxico virtuoso da guitarra, considerado por um certo Robert Fripp como *genius maximus*. A dilacerada e convulsiva Manchester — terra de Ian Curtis e Morrissey — é mesmo uma almapaisagem inigualável.

Durutti Column até poderia ser definido como uma *soundscape* aristocrático-anárquica. Por vias tortas. Gravam pelo inatingível selo Factory — inatingível tanto em laconismo quanto em artes gráficas. Performam raramente. Sempre em subúrbios — ou em datas especiais para estudantes ou desempregados, como esta. Juntam um excepcional e tímido multiinstrumentista, como Reilly, a um baterista-marimbeiro cinqüentão (Bruce Mitchell), incomparável figura como que recém-saída de um music-hall do passado ou de uma revista de strip-tease no indecifrável Soho. Em eventuais paisagens sonoras, acrescentam um sax ensandecido pela eletrônica. Vini controla tudo: synths, ritmo eletrônico, Lynn Drum, equalizações aristotélicas, guitarra Gibson em delicados harmônicos, voz fugitiva e tímidos mix étnicos típicos de Manchester.

Durutti Column é um *cult group* que recusa qualquer qualificação de idolatria. Tocaram um *medley* em clima de ensaio de seus brilhantes LPs, entre eles *LC*, *Friends in Portugal* e o recente *Circuses and Bread*. Ritmo de Lynn pré-gravado ou tribalismos de Mitchell (capazes de infernizar qualquer Cult ou Killing Joke). Os harmônicos delicados de Vini superpostos a DX-7, violino, sax modificado, marimba e alterações computadorizadas. Do flamenco ao orientalizante, passando pelos ecos irlandeses e sutis pilhagens de serialismo

Durutti contém mil e uma noites étnicas em uma só — o que, só pela espontânea elegância, o qualifica como um dos sons essenciais do pós-tudo. Um contra-senso provocador: o virtuosismo meticuloso no meio do caos suburbano. São nesses sutis paradoxos que flagramos o gênio evasivo de um império agonizante. P.E.

B.B. KING

Foto Rodolfo Tucci

O blues em pessoa

Palace (São Paulo) 02/07/86

Mesmerismo é uma doutrina segundo a qual todo ser tem um fluido magnético capaz de se transmitir a outros, estabelecendo assim influências psicossomáticas recíprocas, inclusive de efeito curativo. Se é verdade que todo ser tem esta mágica propriedade, o *blues boy* B.B. King a tem em quantidade anormal. Nas mais de duas horas de seu show de estréia em São Paulo criou uma atmosfera de delírio, abraçado a sua insu-inseparável guitarra Lucille. Ao final, ninguém mais parecia se lembrar de que o espetáculo havia começado com mais de uma hora de atraso — fato corriqueiro no Palace. Desfilando sábios dedos pelo corpo de seu instrumento como numa relação de amor com sua musa, King, em "How Blues Can You Get", afirma que "o amor não é nada mais que o blues". Ele revela aí a intensidade de um gênero musical que exerce há 37 anos. De início influenciado por Muddy Waters, Lightinin' Hopkins e Blind Lemmon Jefferson — quando os tocava para os ouvintes de seu programa de rádio na década de 50 —, atravessou uma carreira que viria influenciar fundamente colegas como Buddy Guy e Eric Clapton. Em "Worry, Worry, Worry" King manteve uma bem-humorada conversa com o público, primeiro com os homens, depois com as mulheres, cantando em falsete, embrulhado em um elegante terno branco e exibindo notável vigor com seus 61 anos. King mantém a forma de utilização dos metais no blues, inventada por T. Bone Walker. Escorando-se em Walter King e Edward Synigal Jr. (saxes) e em James Bolden (trompete), dá-lhes fartos espaços para solos e improvisações. Joseph Carrier (teclados) e Leon Warren (guitarra) fizeram uma base notavelmente ágil e limpa. Nesta formação, havia apenas uma figura destoante — não pela cor, por ser o único músico branco no palco, mas por seu toque seco e de pouca cintura no baixo —, Michael Doster. De clássicos a "It Ain't Nobody's Business" a hits mais atuais, como "Into the Night", composta há cerca de dois anos. B.B. King, o blues ele mesmo, voltou à cena diversas vezes, atendendo a um público extremamente diversificado em gênero e estilo. Ao final, a platéia, de pé, dançava num raro momento de unanimidade — um sentimento que, como a gente sabe, costuma ser despertado apenas por gênios. *José Eduardo Mendonça*

Dolphin

Tudo o que você gostaria de saber sobre guitarras, mas não tinha a quem perguntar.

Parte I

A colocação correta das cordas

Pouca atenção tem sido dada à transmissão do conhecimento relativo à colocação correta das cordas, levando a vícios e desinformação que se revelam em bons instrumentos que não se mantêm afinados

Vamos aqui mostrar um método bastante útil e eficiente para a colocação das cordas.

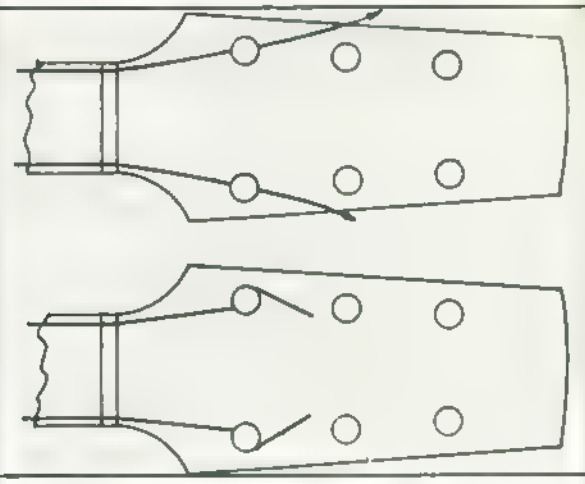


FIG. 1: Depois de passar a corda pelo buraco do eixo da tarraxa, dobre-o agudamente para segurá-lo no eixo desde o começo. Deixe uma sobra de aproximadamente 8 cm para o enrolamento.

FIG. 2: Sempre enrole a corda no eixo, de cima para baixo, ou seja, a corda deve sair do eixo do ponto mais próximo possível da soleta. Isto aumenta a estabilidade e reduz a pressão nas engrenagens reduzindo o desgaste.

Cuidado: O enrolamento deve ser o mais justo possível. Não deixe espaços entre as voltas, faça um trabalho LIMPO!!! Após efetuar os passos anteriores, corte com um alicate os pedaços de corda que ficam sobrando

A idéia aqui transmitida, é de encordoar de uma maneira que facilite a colocação e a troca da corda e ao mesmo tempo fazer um serviço limpo que leva à estabilidade posterior da afinação

Qualquer dúvida consulte-nos:
DOLPHIN IND. E COM. DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.
Av. Nossa Senhora do Sabará, 3771
São Paulo - SP - CEP 04447

CINEMA

A COR PÚRPURA

Fotos Warner Bros

O "garoto-prodígio" de Hollywood, mas desprezado pela Academia de Artes e Ciências

O mais novo e mais polêmico filme de Steven Spielberg, visto por *Marco Antônio de Menezes*

Ninguém queria acreditar: quando acabou a entrega dos Oscars deste ano, *A Cor Púrpura* saia da festa sem um prêmio sequer, tendo concorrido em onze categorias. Três meses depois, com mais de sessenta milhões de dólares de bilheteria, o filme já havia provado que ninguém precisa de Oscars para fazer sucesso. Basta a assinatura mágica de Steven Spielberg, o diretor.

É verdade que o filme foi baseado em um best seller, o romance homônimo de Alice Walker. Mas livro, nos EUA, se dirige a um tipo de público diferente e muito mais reduzido que as multidões necessárias para estourar uma bilheteria. Além do mais, a história de *A Cor Púrpura* é, em termos de cinema, só para minorias. Todos os personagens são negros, vivendo de 1909 a 1947 na Geórgia, um dos Estados do sul dos EUA onde preconceito e pobreza mais fizeram sofrer os ex-escravos. Americanos não costumam gostar de autocríticas assim, principalmente na era Reagan.

Além de negros, os personagens são mulheres — uma minoria dentro da outra. O romance de Walker foi escrito sob forma de cartas, de Nettie, uma missionária na África, para sua irmã Celie. E de Celie para ninguém menos que Deus. Celie, num desempenho magistral da comediante Whoopi Goldberg, é o centro do filme. Sai das mãos do padrasto, que a violentou várias vezes, para crueldades ainda maiores nas mãos do companheiro Mister, até ser resgatada pelo amor terno e erótico de uma cantora de blues, Shug Avery.

Um romance que ganhou o Prêmio Pulitzer, com uma história trágica desse jeito, certamente não parece tema adequado para o campeão das aventuras espaciais, como *ET*, e histórias em quadrinhos filmadas, como *Caçadores da Arca Perdida* e *Indiana Jones*. De Hollywood a Nova York os intelectuais esnobes caíram em cima de Spielberg.

Talvez ele tenha cometido alguns exageros — seu estilão grandiloqüente, sem o menor pudor de despejar emoções em cima de emoções, explode em cores e efeitos mais próprios para *Indiana Jones* que para um drama psicológico introspectivo. A gente começa tendo a impressão de que foi o primeiro filme sobre incesto e lesbianismo produzido por Walt Disney... Mas Spielberg sabe que emoções fáceis e efeitos espetaculares são necessários para conquistar o grande público. E as emoções exageradas vão-se acumulando, ao som do açucarado roteiro musical de Quincy Jones.

E, de repente, você descobre que é impossível resistir, de coração, a esta atuação requintada de Whoopi e a esta história que pode ser sentimentalóide, mas continua maravi-

Margaret Avery, mais para Lena Horne do que para Tina Turner (que recusou o papel)

lhosa: o poder da redenção pelo amor. Sem Spielberg, isso era bem mais difícil de acontecer. Qualquer diretor menos dedicado a amar o público acima de tudo faria um filme em soturno preto-e-branco, sem os grandes números musicais, sem as deslumbrantes paisagens africanas. Poderia ou não ganhar Oscars, mas ficaria restrito a uma platéia de elite. Para cativar o público, Spielberg não hesita sequer em inventar um final meio malandro, sem muita justificativa.

Por outro lado, Spielberg diluiu também o amor entre Celie e Shug. Esta interpretada por Margaret Avery, que está mais para Lena Horne que para Tina Turner (que, aliás, recusou o papel). Acontece que, sem o poder erótico que o amor delas tem no livro, fica difícil entender de onde vem a determinação de Celie em assumir sua libertação, assim como a de Shug e Sofia (a mulher do filho de Mister, o imbecil Harpo).

A coisa fica meio maniqueísta mesmo. Os homens são sempre monstros ou débeis mentais, e as mulheres, de coração puro, são as vítimas. Organizações negras promoveram piquetes contra o filme, tachando-o de racista. Não é muito justo com o diretor, pois as atitudes brutais de Mister e Harpo são muito fiéis ao livro. Assim, quando *A Cor Púrpura* não ganhou nenhum prêmio na entrega do Oscar, a Coalision Against Black Exploitation aplaudiu, no maior alarde, a derrota de um filme "odioso e degradante". Já a National Alliance for the Advancement of Colored People declarou que a Academia, ao *não* premiar o filme, tinha demonstrado mais uma vez seu preconceito contra os negros... Não dá mesmo para agradar todo mundo.

Whoopi acha as acusações contra Spielberg uma hipocrisia e defende até o fim o tratamento que ele deu no filme à raça negra. Ela é a grande presença de *A Cor Púrpura* — basta ver a cena em que Shug canta para ela, e o rosto mudo de Whoopi passeia por um repertório infinito de emoções incríveis. É genial. É uma loucura.

Também foi Whoopi uma das primeiras pessoas a comentar, após o Oscar, o quanto o filme havia sido esnobado. Na entrega do prêmio, havia uma homenagem, na tela, a vários filmes injustiçados antes pela Academia: *Cidadão Kane*, *Tootsie*, *O Mágico de Oz* e — suprema ironia — o próprio *ET*, de Spielberg. Ele já foi candidato ao prêmio por *ET*, *Caçadores da Arca Perdida* e *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*. Não ganhou nenhum, embora tenha dirigido quatro entre as dez maiores bilheterias de todos os tempos. Quem entende Hollywood?

Força bruta inversamente proporcional à massa cinzenta: o Rocky/Rambo Stallone voltou

COBRA

Será mesmo verdade que contar o fim de um filme faz muita gente desistir de ir ao cinema? No fim de *Cobra*, o chefe da quadrilha de assassinos psicopatas faz um discurso mostrando que será capaz de escapar usando a própria insanidade como defesa no julgamento. Sylvester Stallone mata o sujeito a tiros, depois reduz seu corpo a uma massa ensangüentada, e usa um gancho para jogar o que sobrou no fogo.

Mas todo mundo já entra no cinema sabendo disso, como já sabia que o russo seria derrotado em *Rocky IV*. A platéia de Stallone não vai ao cinema para descobrir o que seus filmes contam, como ninguém vai à missa esperando um espetáculo diferente a cada domingo. Cada filme de Stallone é uma liturgia da violência que conta muito bem como vai a vida psicológica dos americanos hoje em dia. *Cobra* rendeu dezesseis milhões de dólares em seu primeiro fim de semana, em 2 131 cinemas dos Estados Unidos.

Ele conta aos americanos, o tempo todo, que seu país está arriscando o mundo em troca de vida fácil, de consumismo cheio de desperdício. Isso custa morte e fome para o resto do mundo — tem de ser o maior baixo astral na cabeça americana. Marion Cobretti, o *Cobra*, diz para um bandido: "Você é uma doença. Eu sou a cura". Cura de baixo astral só pode ser religiosa, mesmo que seja de uma religião satânica, como a que foi nascendo aos poucos na simplificação repetitiva dos *Rockys*, dos *Rambos*, dos *Cobras*.

Porque *Cobra* é uma seqüência, não se enganem. O filme é uma versão para débeis mentais do *Dirty Harry* (*O Pistoleiro Implacável* de Don Siegel, com Clint Eastwood). A mesma história do policial que acha que as leis ajudam os criminosos e acredita em "purgar" o mundo agindo tão fora da lei quanto os criminosos que persegue. Aliás, nunca houve mesmo muita diferença entre polícia e bandido. Um precisa do outro para existir.

A imitação é tão descarada que o associado de Dirty Harry (o ator Reni Santoni) foi chamado para o papel de colega de Cobra, e o assassino do filme de Siegel (Andrew Robinson) é agora o policial que discorda dos métodos de Marion Cobretti. Marion, aliás, era o verdadeiro nome de John Wayne, uma outra piadinha que o filme reserva para si mesmo. Mas as patriotadas de John Wayne parecem obra de Madre Teresa, comparadas com as deste Cobra, que até para estacionar o carro tem que mostrar seu direitista preconceito contra os latinos.

Com um Reagan sorridente na parede de seu escritório, Cobra é mais um golpe de Stallone para faturar em cima do patriotismo ufanista que apareceu nos EUA, sob Reagan, para compensar as humilhações do Vietnã, do Irã, de Watergate.

Os bandidos em *Cobra* são tão incompetentes para escapar de Stallone que dão a impressão de desejar o castigo. Exatamente como os alvos ridiculamente fracos que Reagan escolhe quando quer esquentar o ufanismo nacional, tipo Granada e Líbia. Dá vontade de ver Cobra enfrentando criminosos objetivos e inteligentes. Mas Cobra é tão burro quanto Stallone (ele adora contar que escreveu o roteiro em apenas dezesseis horas — afinal, são apenas 38 falas audíveis...). A violência é a linguagem de quem não sabe se expressar! *M.A.M.*

ÁGUIAS DE AÇO

Mais uma vez Hollywood afaga o patriotismo norte-americano com um filme em que a honra nacional é preservada à base de bombardeios. A trama é simples: um piloto da Força Aérea dos Estados Unidos invade, inadvertidamente, o espaço aéreo de um país do Oriente Médio. É perseguido, derrubado e posto em julgamento por uma junta militar. O governo americano se envolve, então, numa árdua e inútil negociação para reaver seu piloto. Quando, enfim, desiste, o filho do prisioneiro, Doug Masters (o ator Jason Gedrick), resolve fazer justiça com as próprias mãos.

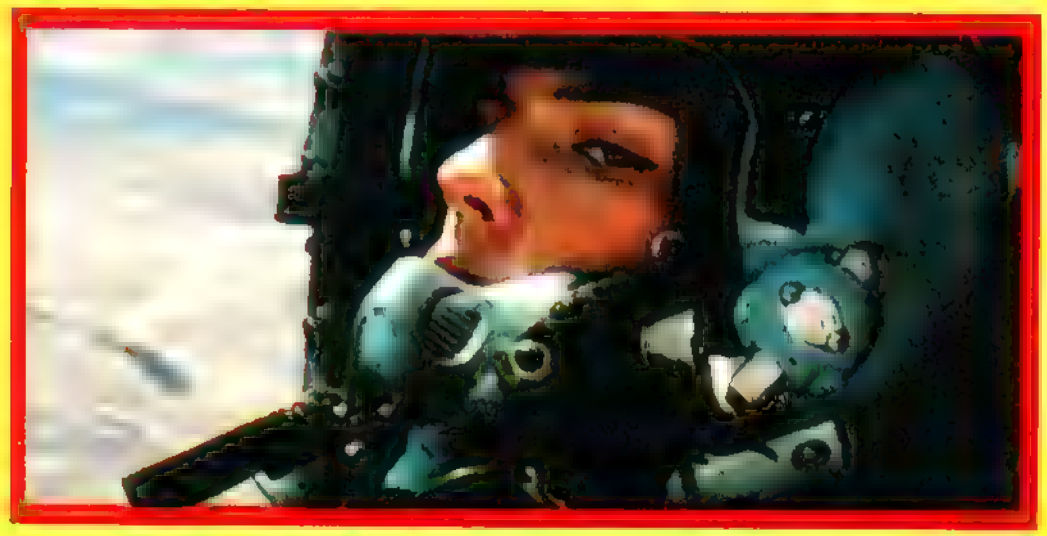
O filme, daí por diante, engendra na arquitetura dos planos de resgate toda a história de frustração de Doug, rejeitado para a aeronáutica e fã número um do pai. Mas os melhores momentos de *Águias de Aço* — além da gozada (se não "pestinha" em demasia) participação da turma de Doug, os Águias — vêm do ator Louis Gosset Jr. *(Inimigo Meu)*. No papel do rígido coronel de reserva cujo coração é mais mole do que manteiga derretida, Louis empresta grandes doses de emoção e sinceridade cada vez que aparece na tela. É este coronel — carinhosamente apelidado de Chappy — que auxilia Doug no resgate do pai, utilizando toda sua experiência no Vietnã. É Chappy que estimula o "empréstimo" de dois caças F-16, abarrotados de armas, para a empreitada. E é Chappy quem, no combate final, é derrubado.

Há um quê de Spielberg em *Águias de Aço* — as crianças são os agentes da ação. Mas o tom *reaganite* castiga um pouco a paciência. Quem conseguir passar por cima da politicada vai se divertir à grande com as eletrizantes cenas aéreas. Um aviso, porém: recomenda-se ver este filme antes das refeições. Caso contrário, a tonteira provocada pelos *loopings* pode ser trágica.

J.E.R.

Foto Tri-Star Pictures

Jason Gedrick vive Doug Masters, mais um justiceiro no filão das patriotadas hollywoodianas



Descontando-se sua politicagem duvidosa, dá para curtir as eletrizantes cenas aéreas

cursos técnicos!
• eletrônica básica
• áudio e rádio
• programação basic
• análise de sistemas
• eletrotécnica
• refrigeração e ar condicionado
• eletrônica digital
• televisão pb/cores
• programação cobol
• microprocessadores
• instalações elétricas
kits exclusivos!
Z-80
Kit de Microcomputador e mais
• Kit Multímetro Digital
• Kit de Rádio AM/FM
• Volt Amperímetro...
• Kit de Televisão
• Kit de Refrigeração
• Kit Digital Avançado
cursos por correspondência
intensivos! dinâmicos!
OCCIDENTAL SCHOOLS
cursos técnicos especializados
Alameda Ribeiro da Silva, 700
01217 São Paulo SP
Fone: (011) 826-2700
SOLICITE MAIORES INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO!
OCCIDENTAL SCHOOLS
CAIXA POSTAL 30.663
01051 SÃO PAULO SP
BIZZ 13
Desejo receber gratuitamente, o catalogo ilustrado do
Curso de (indicar o curso desejado)
Nome
Endereço nº
Bairro Cidade
Estado CEP

LANÇAMENTOS

Foto Irmo Celso- Abril

PETER TOSH - LIVE IN AFRICA — estéreo hi-fi, 55 minutos, Sony — Junto com Bob Marley, Tosh fundou, nos anos 60, os Wailers, uma das bandas seminais de reggae. Com o fim dos Wailers, ele disputou com Marley o posto máximo no ranking reggae. Nunca venceu, mesmo depois da morte de Bob. Mas este vídeo, gravado ao vivo na África, concretiza os sonhos rasta: devolver à África a música que ela inspirou.

JOHNNY THUNDERS AND THE ORIGINAL HEARTBREAKERS - DEAD OR ALIVE — estéreo hi-fi, 45 minutos, JEM Music — Johnny é um dos fundadores do New York Dolls, uma das bandas mais escrachadas do planeta e que, em 74, já abria as portas para a ideologia e som punk. Este vídeo documenta a turnê de 1984 do grupo que Thunders criou após o fim dos Dolls, os Heartbreakers. Nada de brilhante (os Dolls davam de 10 a zero), mas tem seu valor histórico.

B.B. KING LIVE AT NICK'S — estéreo hi-fi, 60 minutos, Sony — Quem perdeu as apresentações de B.B. King no Brasil tem aqui uma chance de compreender a importância deste mestre na história do blues e do soul. Inseparável de sua guitarra — carinhosamente apelidada Lucille —, B.B. oferece neste show alguns clássicos: "The Thrill Is Gone", "Sell My Monkey" e "Love Me Tender". Corra atrás, pois vale a pena.

Fotos Rodolfo Tucci

PARADA

1	JOHN LENNON LIVE IN NEW YORK CITY — John Lennon
2	THE VIRGIN TOUR-MADONNA LIVE — Madonna
3	PORTRAIT OF AN ALBUM — Frank Sinatra
4	SO EXCITED — The Pointer Sisters
5	ALABAMA'S GREATEST VIDEO HITS — Alabama
6	LIVE AFTER DEATH — Iron Malden
7	MOTOWN 25: YESTERDAY, TODAY, FOREVER — Vários
8	NO JACKET REQUIRED — Phil Collins
9	LOOK TO THE RAINBOW — Patti LaBelle
10	LIVE BY THE BAY — Jimmy Buffett

Fonte: revista Billboard, *publicada em 7 de junho*

SIMPLE MINDS

"ALL THE THINGS SHE SAID"

Dirigido por Zbignew Rybczynski

A princípio este clip parece mais um uso (abuso) do velho efeito de reverberação de imagens, um truque eletrônico que faz a imagem aparecer repetida. Mais atenção, porém, mostrará que as imagens seqüenciadas de "All The Things She Said" são diferentes entre si! Como foi feito isto, então? Simples, mas nem tanto. O diretor polonês Rybczynski inaugurou uma nova técnica. Ele gravou e editou as imagens simultaneamente, usando para isto um Ultimatte — aparelho específico para sobrepor imagens, como um *chroma-key* muito evoluído. Mas as imagens precisavam estar em seqüência e em sincronia, umas com as outras. Ele, então, colocou a câmera no chão, em movimento. Cada imagem começava a ser gravada num instante diferente e a câmera começava seu movimento a partir de um ponto diferente a cada *take*. O resultado foi uma ilusão de vários Jim Kerrs, por exemplo, se movimentando numa coreografia sincronizada, mas com cada Jim interpretando diferente. Deu para entender?

NOTAS

■ Parece que **Ozzy Osbourne** quer mesmo virar ator. Em seu último clip, "The Ultimate Sin", ele parodia a série "Dallas" vestido de **J.R.**. E já está rodando seu primeiro longa, "Trick or Treat", onde ele vive um caretão antimetal.

■ Falando em heavy, o **AC/DC** e o diretor **David Mallet** conseguiram reunir 200 sósias de **Angus Young** para a gravação do novo clip da banda, "Who Made Who".

■ Um dos grandes nos Estados Unidos é o relançamento dos desenhos animados dos **Jetsons.** Lembram? Pois é, só que agora eles criaram até um videoclip para a família futurista de George Jetson, usando trechos dos desenhos editados sobre o "Jetson's Theme".

■ Quem andou prestando atenção aos clips do **The Firm** deve ter reparado que os solos encenados por **Jimmy Page** nunca correspondem ao que está na música. Recentemente ele explicou à MTV que jamais consegue fazer o mesmo solo duas vezes. Por isso, nos clips ele parte para a ignorância e solta qualquer nota. Geléia real nele!

■ Reformado, um dos bastiões do rock progressivo voltou à carga, plenamente adaptado aos tempos do vídeo. É o trio **Emerson, Lake & Powell,** cujo clip "Touch and Go" já está pronto.

■ À venda a versão em vídeo da compilação do álbum "Staring at The Sea", do The Cure.

COLOURBOX

Nem vanguarda nem FM: música negra revista, contra os preconceitos. Por *Pepe Escobar*

Colourbox é uma banda absolutamente *cult* em todas as suas linhas de fuga. Um trio. Dois irmãos *extra-white*, Sean e Martyn Young, viciados em música negra, e uma vocalista *black*, Lorita Grahame. Darlings da cena independente inglesa. Gravam pela *ultra hip* 4AD, a gravadora de Cocteau Twins, This Mortal Coil e X-Mal Deutschland. São lacônicos. Soltam singles matadores, remix ainda mais matadores, tudo embalado com o supra-sumo das artes gráficas típico da 4AD. E, em síntese, estão fazendo com o reggae uma operação de *aggiornamento* e experimento sonoro única na música popular contemporânea.

Pode parecer algo extremamente anglo-saxão, calculista na linha Sherlock. Soa lá no fundo da espinha como um grito de possessão. É uma dança do intelecto a milhares de milhas de distância desses conglomerados *avant funk*. Como em "Say You", um reggae lento com efeitos típicos dos estúdios King Tubby, na Jamaica. Ou "Punch", um funkaço com remixagem hip hop, mas sem muitas repetições.

Os raci-fascistas que qualifiquem o Colourbox como "música de negro" — um preconceito típico dos idiotas musicais *made in Brazil* — só merecem ficar reduzidos à própria mediocridade. O Box, se lançado aí, produziria espasmos tanto nas *vãs-guardas* quanto nos *FM boys*. No seu único LP, duplo, arrasaram com diversos experimentos eletrônicos, uma balada *early 60's* de arrebentar ("The Moon is Blue") e uma releitura high tech de um clássico da Motown ("You Keep Me Hangin' On", das Supremes). No último single, voltaram ao reggae: "Baby I Love You So", do mestre *rastaman* Augustus Pablo (75), e com um lado B em dub produzido simplesmente pelo pai do reggae, Lee Perry. Colourbox é como Moet et Chandon em safra anos 60: se cair em sua mão, consuma até ver estrelas.

Foto Tom Sheehan/ LFI

Os irmãos Young e Lorita Grahame, relendo o reggae, o funk, o soul e o pop

THE BUTTHOLE SURFERS

Tom Leão tapa o nariz e destrincha o escatológico quarteto americano

Para os que estão insatisfeitos com a atual safra de grupinhos de rock insossos e inodoros, eis aqui um que chega a feder. O grupo texano Butthole Surfers reúne duma só vez elementos punk/hardcore, psicodelia, perversão, escatologia, paranóia, comédia nonsense e muito barulho. Acha pouco?

O Butthole Surfers (Surfistas do Ânus, para soar melhor) formou-se há cinco anos em San Antonio, Texas, disposto a acabar com o sossego e caretice do centro-oeste americano e a tirar o sono das "mothers of prevention", as sras. de Santana locais. Os componentes parecem recém-saídos de um hospício, e na formação que flutua anualmente permanecem os criadores Gibby Haynes, um primata de dois metros que canta (!) e gosta muito de tirar a roupa em cena, e o guitarrista insuportavelmente demente Paul Leary Wathall. Utilizam dois bateristas que batem num kit único com vários pratos e ton-tons, tirando um som de tribo em pé de guerra num engarrafamento de automóveis. Um deles, Cabbage Gomez, deixou o grupo há pouco. O outro, King Cofee, vai segurando solo. O baixista é Jeff Pinkass, que tem um bigodinho irritante e no fim dos shows improvisa com uma imensa tuba branca. Deu pra ouvir?

A discografia da banda, toda independente, é: *Another Man's Sac* (84), *Cream Corn from The Sockett of Davis* (85), *Live BCPBEP* ao vivo em San Antonio (85) e *Rembrandt Pussyhorse* (86). Há ainda o vídeo *Blind Eyes Sees All* (sentiram a sutileza?) ao vivo no Traxx club, em Detroit (85). Nestes discos, que vão melhorando tecnicamente sem perder a idéia original, está o som mais inovador e barulhento da América desde o No Wave nova-iorquino e o hardcore da Costa Oeste. No vídeo, tudo o que você acha que não vai acontecer, acontece com mais um pouquinho. É de causar repugnância ou a mais deslavada paixão.

O grande hit do Butthole Surfers é "Lady Sniff", onde o breque da música é feito com um riff de guitarra, gargalhadas, cusparadas, flatulências, arrotos e vômitos, alternadamente. Outros a destacar: "Parry", "Moving to Florida", "American Woman", onde Gibby canta de megafone, e "The Chicken Eyes" (pegaram o trocadilho?). O Butthole Surfers é o negativo de outro grupo americano anárquico, The Red Hot Chili Pepers, e faz as performances do Tubes (75/76) parecerem brincadeira de bonecas. Entrarão nos anais da história?

Márcio e Edson X no banco da frente. Marcola e Julinho atrás

Fotos Rui Mendes

GUETO

A meteórica trajetória de um novo grupo, ou "quando os notáveis se encontram..."

Este quarteto é formado pelos fantasmas do rock underground paulista. Tipo aquelas pessoas que tocavam de vez em quando, provocando exclamações do tipo "Pô! Por que eles não estão tocando, cantando em alguma banda?" Não há mais o que reclamar. Juntaram-se todos num só grupo: Gueto.

À exceção de Edson X — provavelmente mais conhecido por assumir as baquetas no Akira S e as Garotas que Erraram —, Marcos Thomé (baixo) e Márcio Hermes (guitarra) eram conhecidos de alguns poucos por tocarem nas performances do artista plástico Theo Werneck. Julinho (vocal) arrasava nas canjas dos shows do Akira S. Os três primeiros já tocavam profissionalmente juntos há seis anos. Não foi difícil o entrosamento. Na música entram todas as influências possíveis. "Só em 'Esse Homem é Você' tem rock, samba, funk, vocal melodioso e um final oriental", fala o mentor do grupo, Edson X. Uma outra música, "Fotografia", poderia ser definida como funk-punk.

Com apenas três meses de formação e dois shows, receberam um convite para participar do disco *Não São Paulo 2* (uma nova coletânea da Baratos Afins) com duas faixas. Agradaram, além dos amigos, a pessoas cuja idade não se enquadra na dos amantes do rock'n'roll. Uma aceitação rápida dessas faz com que eles não acertem os cachês com muita antecedência... "Do jeito que as coisas vão, não sei o que pode acontecer amanhã", explica, ainda, Edson X. Sinal dos tempos. O Gueto é um exemplo do ingrediente *qualidade* no rock nacional.

S.M.

PATIFE BAND

Do dodecafonismo à punkadaria: *Sônia Maia* pega os patifes paulistas no flagra

Cidão, André, Paulo e Sidney: um quarteto eclético e energético

Claro que todos já ouviram falar de Itamar Assumpção e Arrigo Barnabé. Pois foi exatamente neste terreno que Paulo Barnabé, idealizador da Patife Band, se criou. Daí saiu um rock atonal, dodecafônico, punkado e inteligente. Bastaram estes ingredientes para que a banda sobrevivesse desde a sua formação, em 83, apenas no circuito independente e alternativo. Afinal, o grupo não seguia nenhuma tendência encaixável. A única influência marcante do patife Paulo é o peso e a vivência de seu sobrenome.

Até esta matéria ser publicada, as coisas podem ter mudado — eles estão aguardando resposta de uma gravadora multinacional, interessada em contratá-los. Caso isso não aconteça, vão lançar o segundo mini-LP independente mesmo.

Na formação atual está, além de Paulo (vocal), André Fonseca (guitarra), um porto-alegrense que veio para São Paulo para ser músico. Sidney Giovenazzi, ex-jornalista ameaçado de morte e ex-dono de boteco em Londrinha, é atualmente o baixista da banda. E, finalmente, Cidão Trindade, que já tocou bateria com Ritchie. Em 83 a Patife Band circulava nos palcos com o show *João Bobo e as Bonecas Infláveis*, montando em cima do texto de uma opereta. "Não era por aí", fala Paulo, que desfez tudo, pegou algumas músicas, compôs outras e assim montou o atual repertório.

A Patife já tem uma legião de adeptos que prezam seus ouvidos e odeiam modismos. Entre eles está Clemente, da Inocentes, banda em que Paulo tocou baixo por um tempo. Resta apenas esperar que o mercado acorde e lhes dê o merecido espaço.

Fotos Cleber Garcia © Capa Lida - Guilherme Araujo Prod. Artísticas Ltda. (Adm. por Edições Saturno Ltda.)

RPM

LONDON, LONDON

(Caetano Veloso)

I'm wandering round and round, nowhere to go
I'm lonely in London, London is lovely so
I cross the streets without fear
Everybody keeps the way clear
I know I know no one here to say hello
I know they keep the way clear
I am lonely in London without fear
I'm wandering round and round, nowhere to go

(refrão)
While my eyes
Go looking for flying saucers in the sky (2 vezes)

Oh sunday, monday, autumn pass by me
And people hurry on so peacefully
A group approaches a policeman
He seems so pleased to please them
It's good at least to live and I agree
He seems so pleased at least
And it's so good to live in peace and
Sunday, monday, years and I agree

(repete refrão)

I choose no face to look at, choose no way
I just happen to be here and it's OK
Green grass, blue eyes, grey sky
God bless silent pain and happiness
I came around to say yes and I say
Green grass, blue eyes, grey sky
God bless silent pain and happiness
I came around to say yes and I say

(repete refrão)

LONDRES, LONDRES

Estou perambulando, dando umas voltas, sem direção
Estou solitário em Londres, Londres é gostosa assim
Cruzo as ruas sem medo
Todo mundo deixa o caminho livre
Sei que não conheço ninguém aqui para dizer alô
Sei que eles deixam o caminho livre
Estou solitário em Londres sem medo
Perambulando, dando umas voltas, sem direção

(refrão)
Enquanto meus olhos
Saem procurando discos voadores pelo céu (2 vezes)

Oh domingo, segunda, outono passam por mim
E as pessoas passam apressadas com tanta paz
Um grupo chega a um policial
Ele parece cheio de prazer em poder atendê-los
É bom pelo menos estar vivo e eu concordo
Ele parece cheio de prazer em poder atendê-los
E é tão bom viver em paz e
Domingo, segunda, anos e eu concordo

(repete refrão)

Não escolho nenhum rosto para olhar, não escolho caminho
Acontece apenas de eu estar aqui e está OK
Grama verde, olhos azuis, céu cinza
Deus abençoe a dor silenciosa e a felicidade
Eu vim para dizer sim e digo
Grama verde, olhos azuis, céu cinza
Deus abençoe a dor silenciosa e a felicidade
Eu vim para dizer sim e digo

(repete refrão)

PANDA. ALTA PERFORMANCE EM ESPORTE E LAZER
A SUA MARCA DE ESTIMAÇÃO

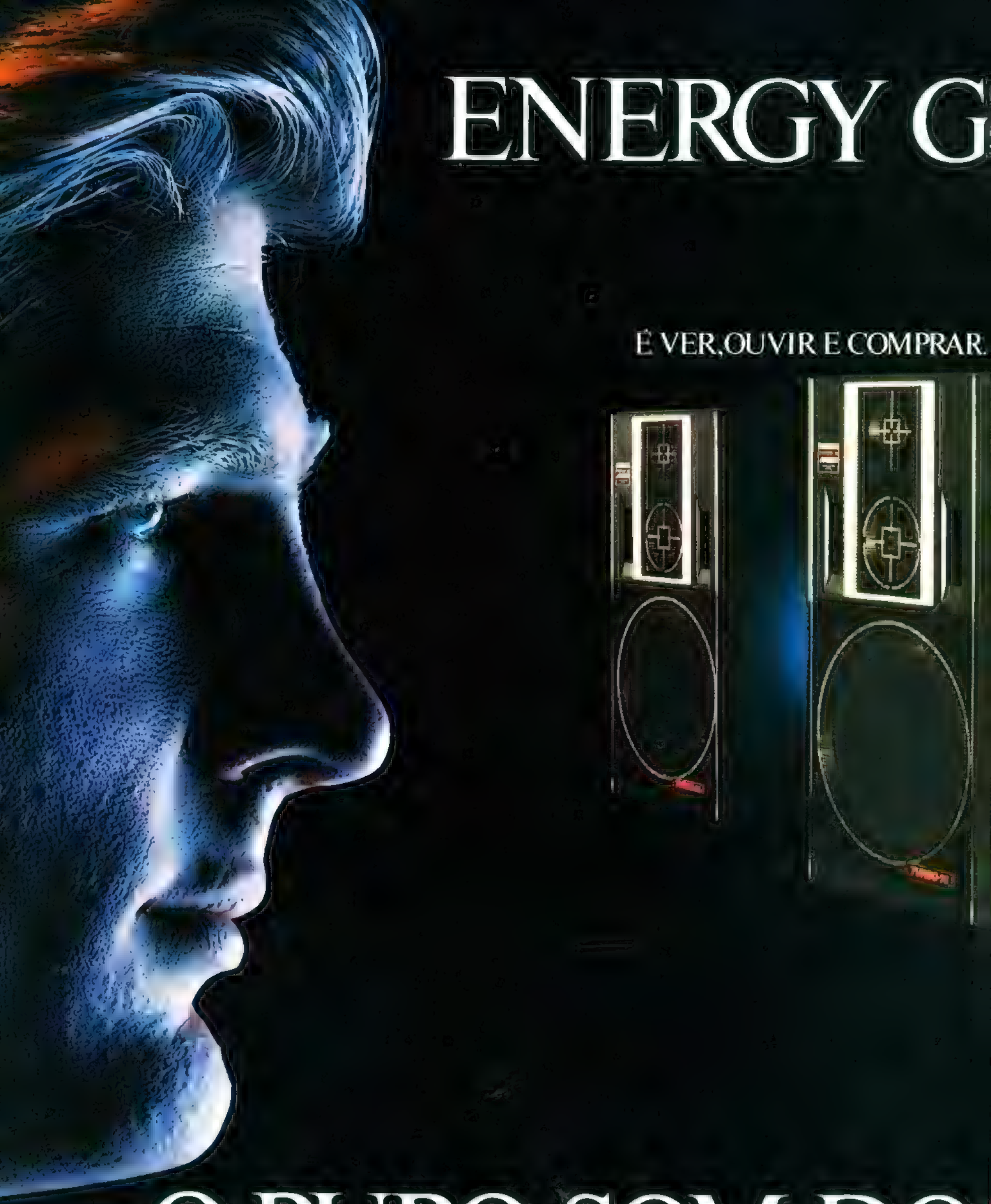
COM PANDA VOCÊ VIRA FERA.

PANDA®

ALTA PERFORMANCE EM ESPORTE E LAZER.

Adote um Panda. Você vira fera na hora. Panda é gostoso, bonito, colorido. Mais do que tudo, Panda é Vulcabrás. O solado exclusivo, a palmilha de borracha natural, é para você pisar manso e macio. Panda é diferente de tudo o que existe por aí, uma verdadeira fera na resistência, durabilidade e qualidade. Experimente um Panda. Temos certeza de que ele vai ser a sua marca de estimação.

Qualidade VULCABRÁS


ENERGY G
É VER, OUVIR E COMPRAR.
O PURO SOM DO

RADIENTE.

A Gradiente introduz no mercado um novo e surpreendente conceito em equipamento de som: a Linha Energy. O máximo em avanço tecnológico em um mínimo de espaço. Módulos compactos de apenas 34 cm, leves, de fácil controle. Com uma diferença fundamental: os módulos se comunicam entre si, por meio de circuitos lógicos, ou seja, têm inteligência própria.

A inteligência superior necessária para você ouvir, com muito mais comodidade, o puro som do universo em todas as suas nuances. Vá ver o design refinado e ouvir a pureza do som Energy Gradiente.

Está na hora de você fazer o seu som evoluir.

O mundo inteiro está ouvindo o som gerado pelo que existe de mais avançado tecnologicamente: módulos compactos intercomunicáveis pelo sistema exclusivo Compuselect, comandado por circuitos lógicos.

Um exemplo: digamos que você esteja ouvindo um disco e queira passar a ouvir uma emissora FM.

Pois bem. Basta acionar a tecla do módulo FM, que ele passa a funcionar imediatamente, desligando o toca-discos e fazendo o braço voltar à sua posição de descanso.

Ou seja: assim que você liga um, desliga, automaticamente, o outro.

A-175 STEREO INTEGRATED AMPLIFIER/EQUALIZER
120 W de potência (IHF, 4 Ohms). Entradas para toca-discos, FM/AM, gravador, vídeo/toca-discos laser. Tecla Rocker Switch controla o volume.
Equalizador gráfico incorporado, muito mais flexível do que os tradicionais controles de graves e agudos.
Seleção automática de funções por Compuselect.

TT-575 FULLY AUTO SERVO LOGIC CONTROL TURNTABLE
Belt Drive. Braço Low Mass. Tecla Rocker Switch de 4 funções: subida, descida, ida e volta. Auto Start.
Deck-Synchro: circuito que aciona a pausa ou gravação do deck, conforme a posição do braço do toca-discos. Prato e braço montados sobre subchassi flutuante: maior isolamento contra vibrações. Seleção automática de funções por Compuselect.

T-275 FM/AM QUARTZ-SYNTHESIZED STEREO TUNER
Sintonia digital com sintetizador de freqüências a quartzo. FM/AM em 10 memórias programáveis. Tanto as memórias como a sintonia são comandadas por tecla Rocker Switch. Localização e sintonia automática de emissoras. Seleção automática de funções por Compuselect.

D-475 AUTO REVERSE STEREO CASSETE-DECK
Auto reverse. Contador digital fluorescente.
Funções comandadas por circuito lógico, através de tecla Rocker Switch: avanço e retrocesso rápido, play e play/reverse.
Sistema Dolby de redução de ruído. Ajuste automático para todos os tipos de fita: metal, cromo e normal.
Sistema de localização automática do início das músicas.
Seleção automática de funções por Compuselect.

L-675 STEREO LASER DISC PLAYER
O som do futuro. A união da tecnologia Gradiente com os recursos da informática. Memória programável para até 9 músicas na ordem desejada. Indicação digital do número total de faixas contidas no disco, número seqüencial das faixas, tempo decorrido, tempo restante e tempo total de gravação. Localização automática do início das músicas. Repetição automática de todo o disco, de uma música ou das músicas programadas. Saída para headphones com controle de volume.
3- Beam laser pick-up: leitura precisa das informações contidas no disco. Pureza absoluta.

TURBO 75 TWIN DUCTED PORT SPEAKER
O perfeito equilíbrio entre tamanho, peso e volume.
Sistema bass-reflex, 3-way, com woofer de 8", mid-range e tweeter. Twin-ducted port: duto duplo sintonizado por computador. Alto-falantes com cones long fiber. Turbo 75, a caixa ideal para reproduzir o puro som do universo.

RE-75 ADJUSTABLE STAND
Rack metálico ajustável às diversas configurações da Linha Energy.

UNIVERSO.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS.

ENERGY
gradiente

Foto Geraldo Luis Gomes

O blues boy *original, B.B. King, dá um trato em sua querida Lucille (modelo especial Gibson)*

B.B. KING

O mítico vocalista e guitarrista negro toca o sexo

B.B. King, hoje com sessenta anos, não mudou muito a relação com seu instrumento ao longo dos seus quarenta e cinco anos de guitarrista de blues. Sempre tratou sua guitarra como se fosse uma amante querida, e os seus solos são comparados a rituais românticos. B.B. King é, por isso, uma lenda viva, o homem que conseguiu "tocar" o sexo, que criou a faísca que acendeu o espírito do rock'n'roll enquanto explosão musical de excitação e provocação.

Desde moleque, B.B. King ouvia blues. Era filho de músicos e sempre esteve em ligação com os *spirituals* (desenvolvidos de cantos escravos) e com o blues — de certa forma, versão livre e individualizada dos *spirituals*.

Ele começou cantando num coral de igreja e logo se aperfeiçoou no violão com cordas de aço (instrumento típico de blues). Formou grupos com parentes e logo passou a se apresentarem bares e clubes de Memphis, onde ganhou seu nome artístico. Sempre foi guitarrista de estilo e preferências próprias, e, pelo seu vasto conhecimento musical adquirido na adolescência, B.B. King é considerado também uma enciclopédia ambulante de blues.

"No ano passado B.B. King foi o protagonista de um especial de cinco horas feito pela BBC para a TV inglesa, que foi chamado de *The History of the Blues*", relatou Sid Seidenberg, seu empresário americano, que ainda insistiu que "B.B. King conhece mais de 400 músicas de cor" e que "ele nunca define um repertório de shows pois gosta de escolher a música que vai tocar de acordo com o momento".

Com sua saúde perfeita, apesar dos quilinhos a mais (e com 276 shows marcados para ainda este ano!), B.B. King revela lucidamente suas influências musicais. "No começo tinha um cara chamado Lemmon Jefferson, que tocava violão. Só tocava blues, era cego, e por isso era conhecido como Blind Lemmon. Depois ouvi muito um cara chamado Lonnie Johnson, que tocava violão e depois passou para a guitarra. Tive chance de conhecê-lo pessoalmente pouco antes de sua morte. E tem também aquele que, na minha opinião, é o maior guitarrista de blues de todos os tempos: T. Bone Walker."

"Minhas preferências", ressaltou King, "não estão só no blues. Gosto muito de jazz e admirei demais os guitarristas Charlie Christian e Django Reinhardt. E acho que fui musicalmente influenciado por cantores e instrumentistas de outras áreas." B.B. King não tem preconceitos musicais e admitiu que "algumas pessoas que eu influenciei acabaram me influenciando". Disse ainda que o maior violonista do momento é André Segovia.

Sua guitarra mereceria um capítulo à parte na história do rock. Atualmente está usando o 15.º modelo da sua Lucille, guitarra semi-acústica da Gibson. O nome é inspirado em uma garota, Lucille, que provocou uma briga entre dois homens. Eles acabaram ateando fogo no lugar onde B.B. King estava tocando certa noite, no início de sua carreira. *T.P.*

FICHA TÉCNICA

TUDO PELO *SUSTAIN*

B.B. King usa uma guitarra Gibson modelo Lucille, que ele mesmo criou. Na verdade, é um modelo semi-acústico 335 modificado: a Lucille não tem as "chaves em F", que permitem a saída do ar da caixa de ressonância, um pouco mais abafada do que na 335. Além disso, tem um mecanismo especial que facilita a troca rápida de cordas e utiliza captadores especiais que dão mais sustain *(sustentação) para as notas. A Lucille (também conhecida como "B.B. King") tem dois tipos: standard (com acessórios prateados) e* custom *(a utilizada por B.B. King, com* varitone *— uma chave paramétrica para o acerto do timbre — e acessórios dourados). Detalhe importante: todas as Lucille são de cor preta fosca.*

B.B. King usa encordoamentos Gibson de espessura especialmente fina, e na área dos amplificadores prefere o Labsystem modelo L-5, que já não é mais fabricado. "Ainda bem que ainda tenho alguns", confessa ele. Às vezes usa amplificadores Fender Twin e Peavey. B.B. King não usa pedais. Só bota "um bocadinho de eco" na guitarra, apenas isso. Disse que só usou pedal uma vez: um Cry-Baby, durante a gravação de um disco.

O mestre do blues revelou que esta sua estada no Brasil era a primeira vez que ele saía dos EUA com uma segunda guitarra. Se recusou a dizer qual era, apenas revelou que era um modelo similar à Lucille Deve ser uma 335.

RAYCES

Moda jovem para gente jovem. Malha 100% algodão.

Entre nesta moda e conquiste quem você ama.

Camisetas por apenas **Cz$ 89,00** cada

FAÇA JÁ o seu pedido por carta ou telefone: (011) 520-0611 c/ Idalina.

GARANTIA: Você receberá sua camiseta bonita, como na revista. Caso contrário poderá devolvê-la, que restituímos seu dinheiro.

Envie o seu cupom para: JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - SÃO PAULO - SP

À JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - São Paulo - SP

TAMANHOS
P.M.G.

De 1 a 5 peças, apenas pelo preço à vista.

CONDIÇÕES ESPECIAIS - Para pedidos de 6 ou mais peças

Anexo Cheque Nominal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto . Anexo Vale Postal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto Prefiro pagar ao retirar a mercadoria no Correio de minha cidade. Pagarei + Cz$ 25,00 de despesas com remessa.

REF.	QUANT.	TAM.	PREÇO
VALOR DO PEDIDO			
DESCONTO ESPECIAL			
VALOR A PAGAR			

Nome . . . . . .

End. . . . . .

. . . . . nº

Bairro . . . . . .

CEP . . . . . Cid. . . . . .

Est. . . .

Para receber sua encomenda sem atraso, ESCREVA o CEP corretamente no cupom resposta

Preços especiais para REVENDEDORES E ATACADISTAS, fale com MIRIAM pelo tel.: (011) 520-0611
Peça, também, **catálogos** com as últimas novidades

AIR MAIL

Foto Regan/ LFI

A BBC prestou um inclassificável serviço de utilidade pública aos ilhéus do Império Britânico passando pela primeira vez na TV *Don't Look Back,* o documentário em branco e preto de **D.A. Pennebaker** sobre a tour de **Bob Dylan** por estes mórbidos veludos no ano extra-cool de 1965. Feito na linha *swingin' London* (a legítima), câmera na mão, urgentíssima, Dylan sempre de *ray ban,* citações certeiras de Eliot, pau na mídia, lucidez e performances arrasadoras de "It's All Over Now, Baby Blue", "It's Alright, Ma" e "Gates of Eden." Dylan recusa o rótulo de *enraivecido,* define-se como uma pessoa agradável, preocupa-se com o modo de vida *cool,* brinca com o anarquismo e solta aquelas idéias que ficam na mente através do tempo: "Quem não está ocupado em nascer, está ocupado em morrer". Houve épocas em que o pop chegou a ser uma coisa vital.

A intelectuália francesa *Rive Gauche* — com um certo atraso — anda preocupadíssima com as prováveis filiações direitistas e fascistas no universo pop. Alertam que os fascistas andaram cortejando durante muito tempo os discípulos de **Joy Division** e da fragmentada linha austera da (finada) new wave. Preocupam-se com as celebrações satânicas de **AC/DC** e **Motley Crue.** Ressaltam o fervor imaculado de **U2** (homenagearam Martin Luther King) e **Simple Minds** (pregam a "santificação"). Tudo para recuarem horrorizados frente aos skinheads. Esses dandies estão precisando é de umas injeções de **James Brown.**

Foto Gamma/ Sgia

Miles Davis andou trancado em estúdio com um certo príncipe púrpura funk libidinal. Pode ser *até* que tenham gravado um disco.

A brigada londrina já-vi-de-tudo-na-vida agora se movimenta em direção ao gospel. O negócio é ir para a igreja e lá soltar as emoções. ***The Echoes of Joy*** *e* ***Trumpets of Lion*** *são dois grupos que andam arrebanhando fiéis para a música do Senhor.* ***Aretha Franklin, James Brown*** *e milhares de pregadores dominicais não podem estar errados.* **Bless the Lord,** *respondem as tribos.*

Os extra transgressivos **Flying Lizards** fizeram um raríssimo *raid* dominical no sul de Londres. Os Lizards — não confundir com os jazzísticos Lounge Lizards, do sax cinematográfico John Lurie — são basicamente o excêntrico profissional **Blair Cunningham** e uma gatona belga high tech. Mataram com suas versões esquizo minimalistas de clássicos como "Purple Haze", "Dizzy Miss Lizzy" e "Whole Lotta Shakin' Goin' On". É o duo mais sofisticado e exclusivo da indústria. Próximo show em um OVNI no Texas.

A síntese musical dos anos 90 já existe desde 1985, foi equalizada, é claro, em Tóquio, e o autor só poderia ser o olímpico *Ryuichi Sakamoto.* **Ele computadorizou um arsenal étnico e misturou tudo em *Esperanto,* com eventuais aparições de um percussionista africano e do dilacerador de guitarras americano - recifense** *Arto Lindsay.* **Trevor Horn e Malcolm McLaren devem estar com vergonha, porque o liquidifcador Sakamoto é, disparado, o mais chique, sensível e original.**

Foto Luiz Carlos David/ Abril

Foto LFI

A banda heavy mais cultuada neste verão americano é **Motorhead.** Os filhos do *acid rock* mais cultuados do verão inglês são **Sonic Youth.** Os darks não cultuam nada: não se chamam mais darks e estão tomando sol em Ibiza.

O QUE A ANTENA 1 TEM EM COMUM COM AS MAIS FAMOSAS EMISSORAS DO MUNDO?

Lançamentos simultâneos com todas estas emissoras.
Produção e mixagens exclusivas. Esquema de comerciais bem colocados e limitados por faixas horárias.
Programação musical selecionada com o que há de melhor, lá e aqui
Antena Um - onde o comum é fora do comum

ANTENA 1

SÃO PAULO • RIO • BELO HORIZONTE • CURITIBA • GOIÂNIA • FLORIANOPOLIS

CARTAS E SERVIÇOS

SERVIÇOS E CARTAS

CINEVACILOS

Na BIZZ 9, na matéria sobre *A Honra do Poderoso Prizzi*, Thomas Pappon afirma que o roteiro do filme foi escrito pelo diretor John Huston. Na verdade o roteiro foi escrito por Richard Condon e Janet Roach, baseado na novela de Richard. Um outro erro está na BIZZ 10, na matéria sobre o *Oscar 86*. No subtítulo *Woody nem liga*, o crítico Sérgio Augusto diz que Woody Allen não foi indicado para o Oscar de Roteiro Original. Woody foi indicado, tendo perdido (injustamente) para os roteiristas de *A Testemunha*. Além disso, o ator do filme de Allen chama-se Jeff *Daniels*, e não Jeff Bridges, como está escrito embaixo da foto do filme. Jeff Bridges é ator de *Starman — O Homem das Estrelas* e de *O Fio da Suspeita*. **Augusto Morante Netto, Palmital — SP.**

LOUROS AOS LOIROS

Qual é a do Eugênio Bucci que de repente resolveu meter o pau ou soltar os cachorros — usando uma expressão da própria BIZZ 10 — no filme *Entre Dois Amores?* O filme de debilóide mesmo só tem o título em português. Se ele viu mesmo o filme, será que não deu para perceber, durante mais de duas horas de projeção, que a atriz Meryl Streep estava com os cabelos escuros? Não entendi a insistência dele em definir a protagonista como "a loira". Se ele não percebeu que ela estava com os cabelos pretos, deve estar com sérios problemas de visão... E aí ele não deve ter apreciado nem mesmo as paisagens de cartão das quais ele fala em seu comentário. **Tacilda Aquino de Araújo, Goiânia — GO.**

O Eugênio responde à Tacilda: "A Streep é loura. Não interessava a cor do cabelo dela. Só não deixei ainda mais claro que, mais do que 'loura', ela é uma loura aguada. Poderia tingir a peruca de roxo que não faria diferença. Aliás, no meio daquele monte de 'crioulos', quem não é 'louro'? Até os leões são louros, você reparou? E tão racistas quanto o filme — mas isso é outra história. É um problema de lógica: nem todas as louras de Entre Dois Amores *são Meryl Streep, embora toda Meryl Streep seja loura (quem não é 'criolo' é 'louro'. Ora, Meryl Streep não é 'criola' — logo, ela é 'loura'. Ó céus, a exceção é Redford, que é louro mas não é aguado. Porque, embora todo aguado seja louro, nem todo louro é aguado. Nem todo louro dá o pé.*

RPM VERSUS CURE

E por falar em RPM acho que o vocalista desse conjuntinho está sofrendo de cãibras cerebrais, pois este é o único motivo que explica as asneiras que ele disse na reportagem da BIZZ 10. Embora seu comentário seja pequeno, deu pra perceber que a inveja corre solta nesse conjunto. Ele teve o desmando de dizer que Robert Smith e o Cure caíram na mesmice? Ora! O dia em que ele conseguir tocar e cantar ao mesmo tempo como Robert Smith faz, ele que reze um terço em agradecimento. Isso sem contar o talento que Robert tem e que no sr. Paulo Ricardo é raro. Agora, o dia em que ele conseguir tocar com as duas mãos o que o baixista do Cure, Simon Gallup, toca com dois dedos, aí sim, o milagre será total. Se o Cure agora não é o mesmo é simplesmente por Robert estar cansado da mesmice dos shows, mas não por falta de talento. Ele não é nenhum *sex-symbol* e nem precisa fazer frescuras no palco para o pessoal ir aos shows e comprar seus discos. Agora, tudo que o RPM tem a fazer é ou sumir do mapa ou aprender a fazer música, e aí sim pensar em falar mal de alguém. **Carolina Alves de Lima, São Paulo — SP.**

DURA DURANIE

O sr. Alex Antunes escreveu tanta besteira sobre o LP do Arcadia, *So Red the Rose*, que me forçou a escrever esta carta. Realmente eu concordo quando ele diz que LeBon está gorducho, mas isso tem alguma coisa a ver? Até aí tudo bem, mas chamar Nick Rhodes de "não-músico" é um absurdo, principalmente para uma pessoa que parece conhecer o trabalho do Duran Duran. **Elizabeth de Carvalho, Recife — PE.**

O Alex responde: "O excesso de peso do Simon não impede a excelência do som, mas sem dúvida os Duranies investiram muito em sua imagem de bonitões — daí a brincadeira. Quanto ao termo 'não-músico', ele não é uma ofensa. Foi cunhado por Brian Eno, o primeiro no-musician *da história, que baseou seu trabalho em 'climas' ou texturas sonoras combinadas, utilizando efeitos eletrônicos, seqüências de notas gravadas e repetidas — enfim, tudo o que depende mais de uma boa idéia do que da competência como instrumentista. E Nick se diz adepto desse método, ao contrário de Andy, que sempre foi bom de braço, um virtuoso da guitarra".*

SIOUXSIE & CIA.

Gostaria de saber a discografia da banda Siouxsie & the Banshees. **Camille Santos, Rio de Janeiro — RJ.**

Vamos lá, Camille. The Scream *(78) e* Join Hands *(79) são os primeiros LPs de Siouxsie, mais pesados e com os Banshees originais — Morris, McKay e Severin. Só o baixista Steve Severin sobrou na segunda formação, mais melódica e complementada pelo criativo Budgie na bateria e por guitarristas convidados, até que John McGeoch se integrasse de vez.* Kaleidoscope *(80),* Juju *(81) e* A Kiss in the Dreamhouse *(82) são os discos dessa fase. Ainda em 81 saiu* Once Upon a Time, *uma excelente coletânea, e em 83 foi a vez do álbum duplo ao vivo* Nocturne. *Nesse período Robert Smith (Cure) substituiu McGeoch, reiniciando o rodízio de guitarristas. Smith e Severin gravaram, nesse mesmo ano, o LP* Blue Sunshine, *sob a alcunha de The Glove. Siouxsie e Budgie, aliás seu marido, lançaram* Feast, *com composições para voz e percussão, creditando-se com o Creatures (sob esse nome já tinham gravado um EP em 81,* Wild Things*). Finalmente,* Hyaena *(84, lançado no Brasil) e o recente* Tinderbox, *deste ano, completam a discografia do grupo.*

Stamp

ADESIVOS

CAMISETAS
estampas em silk-screen

REF. 260
Cor: vm, pr, az

REF. 224
Cor: br, am

REF. 259
Cor: pr

REF. 243
Cor: br, az

REF. 235
Cor: pr

REF. 263
Cor: am, az cl

REF. 249
Cor: br

REF. 239
Cor: br

REF. 261
Cor: vm, br, pr, az

REF. 241
Cor: br

REF. 250
Cor: br, pr

REF. 264
Cor: am, br

REF. 246
Cor: br

REF. 236
Cor: pr

REF. 229
Cor: br

REF. 244
Cor: az, vd

REF. 254
Cor: br, pr

REF. 227
Cor: br

REF. 258
Cor: br, pr

REF. 240
Cor: br

REF. 233
Cor: az

REF. 206
Cor: br, az, vd

REF. 218
Cor: br, pr

REF. 205
Cor: az, vd

REF. 204
Cor: br

REF. 252
Cor: pr

REF. 214
Cor: br

REF. 253
Cor: pr

REF. 267
Cor: br, pr

REF. 270
Cor: vm

REF. 256
Cor: pr

REF. 203
Cor: az, vd

REF. 251
Cor: pr

REF. 262
Cor: vm, az

REF. 201
Cor: vd, az

REF. 242
Cor: br, pr

REF. 231
Cor: az, vd

REF. 225
Cor: br

REF. 234
Cor: az, br

REF. 210
Cor: br, pr

REF. 266
Cor: pr, br, vm

REF. 202
Cor: br

REF. 232
Cor: az

REF. 219
Cor: br

REF. 217
Cor: pr

REF. 218
Cor: pr

REF. 237
Cor: pr

REF. 265
Cor: br, vd, az, vm

REF. 238
Cor: br

REF. 207
Cor: vd, pr, az

REF. 212
Cor: vm

REF. 223
Cor: br

REF. 269
Cor: vm, vd, az

REF. 220
Cor: vd, az

REF. 230
Cor: br

REF. 228
Cor pr

REF. 245
Cor: br, am

REF. 255
Cor: pr

REF. 226
Cor: br

REF. 222
Cor: vd

REF. 268
Cor: br

REF. 247
Cor: br

REF. 257
Cor: pr, az

REF. 215
Cor: vd, az, pr

REF. 248
Cor: br

PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS

Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à Stamp no valor total de seu pedido, você retira sua encomenda no correio sem nenhuma despesa postal. Para enviar VALE POSTAL é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: Agência pagadora: Shopping Center Norte - CEP 02096 - código 403369 São Paulo-SP - Destinatário: Stamp. Ponha o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope, colocando por fora o endereço da Stamp (ver ender. ao lado).

GRÁTIS

PREÇOS: Camiseta: Cz$ 80,00 Adesivo: Cz$ 20,00

Horário: 2ª a 6ª das 8:00h às 18:00h

Telefone: (011) 299-7478

Preencha corretamente: referência, cor da camiseta, tamanho - P(44), M(48) ou G(52) 100% algodão

REF	COR	TAM	REF	COR	TAM

Nome
End
Cidade
Est CEP

Envie este cupom ou cópia para Stamp, Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156 CEP 02013 São Paulo SP Santana

BL22 13

Foto Ilmeu Barreto Filho

BOB DYLAN
Blonde on Blonde (1966)

Tente imaginar o seguinte: você tem 25 anos; nos últimos cinco anos de sua vida, você se tornou, primeiro, um campeão dos direitos humanos, herói da política estudantil, trovador querido dos universitários e de todas as colorações da esquerda. Depois, numa velocidade que lhe parece absolutamente alucinante, você se viu no trono do estrelato pop, adorado agora por multidões de jovens. Só alguém foi tão famoso em seu país, os Estados Unidos: Elvis Presley. Mas Presley era um bronco, um ingênuo, uma criatura de seu empresário. E você, não: você sofre de lucidez crônica, muitas vezes paranóica, um lirismo brotando por todos os poros, uma consciência crítica que não o deixa dormir. Você leu, foi ao cinema, gosta de poesia. Mas, hoje, na América ninguém é mais famoso do que você.

Foi nesse contexto que Bob Dylan criou *Blonde on Blonde*, um álbum duplo vital, obsessivo e transformador, capítulo derradeiro no livro número um de sua biografia. *Blonde* foi lançado em maio de 66. Em julho, Dylan foi cuspido fora de sua moto Triumph 500, nas cercanias de Woodstock e, com várias costelas quebradas, suspeita de fratura de crânio e lesão cerebral, viu-se confinado a uma cama de hospital por três meses, seguidos de mais um ano de afastamento da vida artística — começava aí o livro dois de sua vida. Mas voltemos atrás.

Voltemos ao jovem Dylan pop-star, recém-casado com Sarah Lowndes — artista plástica, poetisa, adepta do zen-budismo —, consumidor contumaz de anfetaminas, excursionando sem cessar de uma costa à outra da América e, nos intervalos, ainda achando tempo para sessões de gravação nos estúdios da Columbia, em Nashville. O jovem Dylan que, no ano anterior, chocara o mundo careta e bem-pensante do festival folk de Newport, subindo ao palco com uma guitarra elétrica ao pescoço, e que, na seqüência, colocara no topo das paradas de sucesso uma longa diatribe sobre os rigores da vida errante, "Like a Rolling Stone".

Todos e cada um desses elementos, características de um momento rico mas tenso de sua vida, estão na música mercurial de *Blonde on Blonde*, um álbum duplo mas não muito — o lado D é inteirinho ocupado por "Sad Eyed Lady of the Lowlands", uma pungente balada de adoração a Sarah onde Dylan atinge o auge de sua capacidade poética de expressar amor.

"Sad Eyed" acaba sendo um dos raros momentos de serenidade num álbum que respira a energia nervosa da anfetamina. Outro instante de doçura é também uma balada de amor — "Visions of Johanna"; no caso, um adeus sentido mas terno a um grande ex-amor, Joan Baez. Muitos vêem tanto em "Sad Eyed" quanto em "Johanna" as primeiras manifestações de um sentimento realmente religioso em Dylan, a busca de uma dimensão metafísica, espiritual, para a existência.

A maioria dos músicos de *Blonde...* é de feras de Nashville, do country & western, portanto. Para afiar o gume cortante, ele acrescenta o grande guitarrista de blues, Al Kooper, e seus amigos canadenses e rockers, Levon Helm e Robbie Robertson, do grupo que viria a ser The Band. Órgão, guitarra e harmônica formam o coração elétrico da sonoridade e o disco todo é puxado nos agudos, um som nervoso, quase diáfano. Nos textos, atrás de uma bateria de metáforas, Dylan despeja rancores, paranóias e um insistente pedido de trégua. Ele tem raiva dos hipócritas em "Leopard-Skin Pillbox Hat", das amantes mentirosas em "Just Like a Woman", das situações irremediáveis em "Memphis Blues Again". Não há solução, diz a voz mercurial, ou melhor, a solução é "todo mundo ficar chapado" (ou "ser apedrejado", os dois sentidos de "get stoned", refrão crucial da faixa de abertura, "Rainy Day Women 12 & 35").

Ana Maria Bahiana

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard da Silveira Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Pacífico Loriggio, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor-Gerente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Editor: José Emilio Rondeau
Consultores Especiais: Alex Antunes, José Augusto Lemos
Secretário de Redação: Roberto Wagner Pereira Perucc
Assistente de Redação: Sônia Maia
Editora de Arte: Cristina Canabrava Arruda **Chefe de Paginação:** Rodolfo Tucci, **Diagramadores:** Celeber V. Garcia, Moema B. Figueiredo
Produtor de Texto: Jorge Toth
Atendimento ao Leitor: César Garcia Lima
Colaboradores: Alexandre Dines, Alfredo Borba Jr., Ana Sá Rego, Arthur G. Couto Duarte, Bia Abramo, Claudette Poodle, Eva Joory, Hermano Jr., José Eduardo Mendonça, Lauro Machado Coelho, Leopoldo Rey, Marcia Alvaro, Marco Antonio de Menezes (New York), Mariana Simonsen (tradução), Pepe Escobar (Londres), Peter Price, Silvano Michelino (Paris), Thomas Pappon, Tom Leão; **Fotos:** Claudia Dantas, Geraldo Luis Gomes, Ilmeu Barreto Filho, Mauricio Valladares, Rui Mendes

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Miriam Milioni **Escritórios - Milão:** Laura Censi, International Business Centre, Corso Europa 12, Phone 02 54 56331 e 54 56212 20122, Milano, Telex 331585 e 332809 **Nova York:** Odilio Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street Suite 3403, New York N.Y. 10165, Telex 237670 Phone (212 5990 5993; **Paris:** Pedro de Souza 33 av. Champs Elysées, 2º Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone 42 25 58 65 Telex ABRIL PA 660731f
Departamento de Documentação - Gerente: Ajuta Rojas Barreto
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

Gerente Comercial: Sandra Camelier
Gerente de Publicidade e Promoções: Carlos Alberto F. de Araújo
São Paulo - Supervisor de Publicidade: Ricardo Corte Real
Representante: Marcia A. de Andrade
Coordenadora de Publicidade: Rosângela Garcia de Souza Lima
Assistente de Promoções: Ana Lucia Dip Delion
Interior de São Paulo: Hélio Scavone Jr.
Rio - Supervisor de Promoções: Fernando Mendonça **Representante:** Lydia Camarate
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves
Brasília: Gilberto Amaral de Sá
Curitiba: Ângelo A. Costa
Florianópolis: Gerardo Nilson de Azevedo
Fortaleza: Aloysio Canette Filho
Porto Alegre: Elcenho Engel
Recife: Edmilson R. Oliveira
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anúncios para Terceiros: Vitório Cestaroli Filho
Diretor de Propaganda: Roberto Pedroso
Diretor Administrativo: Pedro Frazão

EDITORA ABRIL
Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cos Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Haydée Gomes Guerson
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Novinsky
Diretor Adjunto de Circulação: Roberto Galvane
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Martins
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelo

Bizz é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** [illegible] CEP 04[illegible] Telex [illegible] Telegrama Editabril Abrilpress **Administração:** [illegible] CEP [illegible] **Escritórios - Belo Horizonte:** [illegible] CEP 30000 [illegible] **Brasília:** [illegible] CEP 70304 [illegible] Abrilpress **Curitiba:** [illegible] CEP 80000 [illegible] **Florianópolis:** [illegible] [illegible] **Fortaleza:** [illegible] **Porto Alegre:** [illegible] **Recife:** [illegible] **Rio de Janeiro:** [illegible] Telegrama Editabril Abrilpress **Salvador:** [illegible] **Distribuidor em Portugal:** [illegible] **Numeros atrasados:** [illegible]

IMPRESSA NA DIVISAO GRAFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

RAYCES

Moda jovem para gente jovem. Malha 100% algodão.

Entre nesta moda e conquiste quem você ama.
COMPRE PELO REEMBOLSO: CORREIO VOCÊ USA, VOCÊ CONFIA.

FAÇA JÁ
o seu pedido por carta ou telefone:
(011) 520-0611
c/ Idalina.

GARANTIA:
Você receberá sua camiseta bonita, como na revista. Caso contrário poderá devolvê-la, que restituímos seu dinheiro.

Camisetas por apenas **Cz$ 59,90** cada
Shorts por apenas **Cz$ 99,90** cada

TAMANHOS
P.M.G.

Envie o seu cupom para: JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - SÃO PAULO - SP

À JR SOUSA RIBEIRO - C.P. 66.088 - CEP 05390 - São Paulo/SP

De 1 a 5 peças, apenas pelo preço à vista.

CONDIÇÕES ESPECIAIS - Para pedidos de 6 ou mais peças (camisetas e/ou shorts)

☐ Anexo Cheque Nominal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto ☐ Anexo Vale Postal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto ☐ Prefiro pagar ao retirar a mercadoria no Correio de minha cidade.
Pagarei + Cz$ 25,00 de despesas com remessa.

REF.	QUANT.	TAM.	PREÇO
VALOR DO PEDIDO			
DESCONTO ESPECIAL			
VALOR A PAGAR			

Nome .....
.....
End. .....
..... n.º .....
Bairro .....
CEP ..... Cid. .....
Est. .....

Para receber sua encomenda sem atraso, ESCREVA o CEP corretamente no cupom resposta.

Preços especiais para REVENDEDORES E ATACADISTAS, fale com MIRIAM pelo tel.: (011) 520-0611
Peça, também, **catálogos** com as últimas novidades

BIZZ 13

Claudette Poodle ©

& SUA POLAROID

Na mais alta torre a arranhar os céus imundos da Paulicéia foi dada uma festa de arromba para lançar mais uma revista especializada nos calhordas esportes conhecidos como surfe, moda, música e morey-boogie. Como iam tocar duas das raras manifestações de vida inteligente no pop brasileiro, resolvi dar uma esticadinha até o Edifício Itália. Valeu o esforço. Não só tocaram **Kid Vinil** e seus **Heróis do Brasil,** precedidos por **Fernando Naporano** e sua **Maria Angélica,** como fomos agraciados por uma dinamitadora canja de **Clemente** e seus **Inocentes.** Do meu caderno de anotações para a *História do Rock'n'Roll e Derivados nos Tristes Trópicos Escaldantes,* obra de historiografia minimalista, com prefácio de **Cely Campelo,** a mim encomendada pela Faber & Faber de Londres:

"Os Heróis do Brasil fazem o rhythm'n'blues que Celso Blues Boy poderia tentar caso seu QI transcendesse o culto a Roberto Dinamite".

"Maria Angélica faz o pop kitsch-crítico que Jorge Mautner poderia ter sintetizado caso tivesse prestado atenção nas Shangri-las e no Roxy Music."

"Os Inocentes fazem desde 81 o que os Titãs estão tentando em 86."

Fotos Geraldo Luis Gomes

Que onda, que festa de arromba! Naporano e o Inocente Clemente contracenam com El Kid, Master of Vynil, numa noitada ímpar e borbulhante ocorrida na Mais Alta Torre.

"O sucesso é medido pelo teor de veneno destilado pelas más-línguas." Esta é uma máxima que minha experiência calejada confirma a cada dia que passa. Que tal esta pérola, entreouvida no balcão de um sushi-bar: "Junte duas doses de Duran Duran com duas de Menudo, uma de Richard Clayderman e outra de Rick Wakeman". Que salada indigesta! "Que nada. É a receita **RPM**."

Num claro domingo de junho rolou o chá-de-panela mais movimentado da temporada que envolveu metade da ala prafrentex do Rio. Era a estréia no novo apartamento carioca de **Philippe Seabra** e **Jander Bilaphra** — dois integrantes do **Plebe Rude** — num dos mais aconchegantes cantinhos da Gávea. Presentes ao evento toda a **Legião Urbana** (menos **Renato Russo**), mais vários componentes de diversas outras bandas. Em pouco mais de duas horas de festa foram consumidas além de setenta garrafinhas de cerveja. Entre os presentes recebidos pelos novos inquilinos estavam um escorredor de arroz e um estojo de primeiros socorros.

Também no mês de junho, o programa radiofônico *Novas Tendências* — um *must* das tardes de domingo — promoveu sua festinha naquela catacumba do Bixiga, que a mídia hebdomária apelidou de "templo punk": a Estação Madame Satã. Entre um e outro gole de gim tônica, um acontecimento estranho e deveras inesperado: o D.J. convidado foi expressamente proibido, por um dos proprietários, a rolar qualquer som ou vídeo com cenas ou progressões harmônicas de punk explícito. Com isso, ficaram todos os presentes privados de assistir tapes raros do **Cólera** e dos **Dead Kennedys.** Mas Claudette Poodle explica: devem estar na temporada neopsicodélica, ou coisa que o valha.

MÊS QUE VEM NA BIZZ

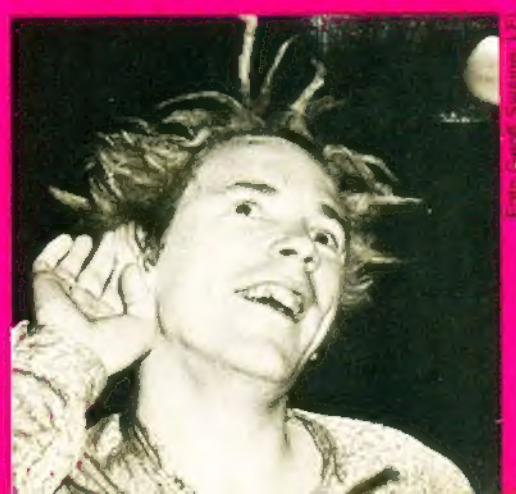
≠ ENTREVISTAS EXCLUSIVAS COM *JOHN LYDON* (PIL) ↯

E *ROD STEWART*

≠ *CAPITAL INICIAL*

≠ *IRA!*

≠ POSTER DOS *SIMPLE MINDS*



FRÁGIL?

O rock chegou da Grande Ilha.
A Inglaterra voltou a assumir
a posição de liderança na música mundial.
Agora, em nossas praias,
os rebeldes que tem estremecido o Reino Unido:
Siouxsie And The Banshees,
Bronski Beat, Hipsway e Style Council.
Eles deram um pulo no amanhã
e trouxeram o inesperado como cartão de visitas.
Confira.

STYLE COUNCIL
HOME & ABROAD

HIPSWAY

BRONSKI BEAT
TRUTHDARE DOUBLEDARE

SIOUXSIE E THE BANSHEES
TINDERBOX

PolyGram

RPM

RÁDIO PIRATA

POLADIAN
PRODUÇÕES

AO VIVO

INCLUINDO
LONDON LONDON
E TODOS OS SUCESSOS
DO SHOW DA BANDA

NAS LOJAS

EM DISCOS E FITAS CBS